

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

LUCIO CARLOS FERRARESE

**GUERRA E POLÍTICA: GUILHERME, O CONQUISTADOR E A BATALHA
DE HASTINGS NAS FONTES ANGLO-NORMANDAS DOS SÉCULOS XI E XII**

Maringá

2015

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

LUCIO CARLOS FERRARESE

**GUERRA E POLÍTICA: GUILHERME, O CONQUISTADOR E A BATALHA
DE HASTINGS NAS FONTES ANGLO-NORMANDAS DOS SÉCULOS XI E XII**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Maringá, como requisito para a obtenção do título de Mestre em História (Área de concentração: Política, Movimentos populacionais e sociais. Linha de Pesquisa: Instituições e História das Ideias).

Orientador

Prof. Dr. Jaime Estevão dos Reis

Maringá

2015

LUCIO CARLOS FERRARESE

GUERRA E POLÍTICA: GUILHERME, O CONQUISTADOR E A BATALHA DE
HASTINGS NAS FONTES ANGLO-NORMANDAS DOS SÉCULOS XI E XII

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Maringá, como requisito para a obtenção do título de Mestre em História (Área de concentração: Política, Movimentos populacionais e sociais. Linha de Pesquisa: Instituições e História das Ideias).

Aprovada em ____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Adriana Zierer

Universidade Estadual do Maranhão – UEMA

Prof^a. Dr^a. Angelita Marques Visalli

Universidade Estadual de Londrina – UEL

Prof^a. Dr^a. Renata Lopes Biazotto

Universidade Estadual de Maringá – UEM

Prof. Dr. Jaime Estevão dos Reis

Universidade Estadual de Maringá – UEM

(Orientador)

Dedico este trabalho à razão, princípio pelo qual à humanidade foi permitido conhecer, compreender e ordenar a tudo e todos. Que este singelo escrito ajude a ampliar e aprofundar o conhecimento, para o reconhecimento dos que se foram e o proveito dos que virão.

AGRADECIMENTOS

Enquanto mera pessoa, cuja existência depende de premissas humanas e sobrehumanas anteriores a si, desejo primeiramente estender meus agradecimentos sinceros não apenas à minha família e amigos, que embora por vezes não tenham compreendido plenamente a necessidade do tempo e esforço para a elaboração deste trabalho, mas que ainda assim continuaram a me amar incondicionalmente. Não somente a eles, como também a *Prima Ratio*, ao Criador, que pela Sua misericórdia permite-me entrever uma parcela de Sua sabedoria;

De maneira especial, ademais, gostaria de recordar especificamente as seguintes pessoas, físicas e institucionais, que permitiram a elaboração deste estudo:

Meu orientador, Prof. Dr. Jaime Estevão dos Reis, cujo conhecimento, apoio e disciplina continuamente ajudam-me a direcionar esforços que antes acabariam por se perder inocuamente no amadorismo e no esfriamento do espírito;

À Universidade Estadual de Maringá e aos professores que a compõem, em especial os do Departamento de História, que continuam a adicionar a meu conhecimento, tanto acadêmico como humano;

Às professoras Dra. Adriana Zierer e Renata Lopes Biazotto Venturini pelas contribuições na Banca de Qualificação.

Às professoras Angelita Marques Visalli e Solange Ramos de Andrade pela leitura do texto.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em História por seus ensinamentos e à Giselle pela cordialidade com que sempre nos atendeu;

À Capes, cujo financiamento permitiu a realização dessa pesquisa;

Aos meus amigos e colegas do Laboratório de Estudos Antigos e Medievais, companheiros que, mesmo que pela eventualidade da vida se distanciem, reconhecem-se como unidos por um vínculo de amor fraternal pela História e uns para com os outros;

Meus companheiros medievais, Augusto Moretti e Bruno Mosconi Ruy, cavalheiros da mais fina estirpe, com os quais tenho a honra de levantar minha pena tal qual gládio na busca do conhecimento;

Ao meu pai, Dr. Osvaldo Ferrarese Filho, cuja paciência e ponderação me ensinaram o valor do aprendizado e que a busca da satisfação para consigo não pode ser inferior à mera necessidade pessoal ou social;

À minha mãe, Dra. Maria de Lourdes Lucio Ferrarese, cuja energia e motivação sempre me levaram a buscar ser melhor em tudo aquilo que eu faço;

A meu irmão Daniel Lucio Ferrarese, à minha cunhada Graycilaine Elvira de Souza Zorzim Ferrarese, e à minha sobrinha Maria Clara de Souza Ferrarese, por sempre alegrarem meus dias com suas presenças;

À minha querida Adriele Andrade Ceola, por seu carinho e especial paciência nos últimos meses de elaboração deste trabalho;

E finalmente, a meus avós, Osvaldo Ferrarese, Vitória Ferrarese, Antônio Lúcio e Agueda Lúcio, cujas memórias e amor ajudaram a formar a pessoa que aqui escreve, por vezes indigna, porém que os ama muito.

*De todas as coisas a guerra é pai, de todas as coisas é
senhor; a uns mostrou deuses, a outros, homens;
de uns fez escravos, de outros, livres.
(HERÁCLITO, Fragmentos, 53).*

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo compreender as ações militares de Guilherme, o Conquistador, na Batalha de Hastings de 1066, bem como o uso de sua capacidade militar como propaganda política para justificação de seu reinado. A partir da análise das relações anglo-normandas no século XI, buscamos entender as motivações políticas e ideológicas que levaram Guilherme a reivindicar o trono da Inglaterra e como influenciou o pensamento anglo-saxão para a manutenção de seu poder. Discutimos a atuação do rei normando e de seu exército, as estratégias e a logística empregada durante a batalha, e debatemos os novos ideais militares e sociais que esse rei busca implementar na Inglaterra após sua conquista. Utilizamos como fontes de pesquisa a *Tapeçaria de Bayeux*, a *Crônica Anglo-Saxônica* e a *Crônica de Guilherme de Poitiers*. Além das fontes, contamos como suporte analítico obras que abordam o contexto histórico da Inglaterra do século XI, bem como as relativas às guerras e batalhas medievais, especialmente as referentes à Batalha de Hastings, como: *The Bayeux Tapestry and the Norman invasion* (1973), de Lewis Thorpe; *Hastings 1066* (1994), de Christopher Gravett; e *The Oxford Illustrated History of Medieval England* (1997), de Nigel Saul.

Palavras-chave: Guilherme, o Conquistador; Guerra; Batalha; Política.

ABSTRACT

This research aims to understand the military actions of William the Conqueror at the Battle of Hastings in 1066, as well as his military capabilities as political propaganda for the justification of his reign. From the analysis of anglo-norman relations in the eleventh century, we seek to understand the political and ideological motivations that led William to claim the throne of England and how he influenced the anglo-saxon thought for the maintenance of his power. We will discuss the performance of the Norman king and his army, the strategies and the "logistics" used during the battle, and we debate the new military and social ideals that this king seeks to implement in England after his conquest. We will use as sources the Bayeux Tapestry, the Anglo-Saxon Chronicle, and the Chronicle of William of Poitiers. In addition to the sources, we will count as an analytical support with the works that discuss the historical context of the eleventh century England, as well as those relating to medieval wars and battles, especially those relating to the Battle of Hastings, such as: *The Bayeux Tapestry and the Norman invasion* (1973), by Lewis Thorpe; *Hastings 1066* (1994), by Christopher Gravett; and *The Oxford Illustrated History of Medieval England* (1997), by Nigel Saul.

Key-words: William the Conqueror; War; Battle; Politics.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fluxograma – As relações políticas do trono inglês.....	29
Figura 1 – Rei Eduardo e seus vassalos na Inglaterra	41
Figura 2 – A morte de Rei Eduardo assistenciado por seus súditos	43
Figura 3 – A força de Haroldo Godwinson na campanha contra os bretões	55
Figura 4 – A parede de escudos inglesa na Batalha de Hastings.....	73
Figura 5 – Armas normandas aos navios da invasão.....	74
Figura 6 – Arqueiros normandos na Batalha de Hastings	76
Figura 7 – O movimento das tropas pela Inglaterra	83
Figura 8 – A construção da primeira fortificação normanda.....	87
Figura 9 – A rapinagem normanda	89
Figura 10 – O posicionamento das tropas na Batalha de Hastings.....	93
Figura 11 – Investida da cavalaria e morte de Leofwine e Gyrth.....	96
Figura 12 – A primeira investida da cavalaria normanda na Batalha de Hastings.....	97
Figura 13 – A morte de Haroldo Godwinson	98
Tabela 1 – Quadro comparativo tático-militar	112
Tabela 2 – Quadro comparativo dos valores monárquicos.....	114

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I – A REALIDADE POLÍTICA DA INGLATERRA NO SÉCULO XI E AS FONTES PARA SEU ESTUDO	14
1.1. O contexto: as relações anglo-normandas	14
1.2. As fontes para o estudo da Batalha de Hastings	30
1.2.1. A Tapeçaria de Bayeux	31
1.2.2. A Crônica de Guilherme de Poitiers	35
1.2.3. A Crônica Anglo-Saxônica	36
1.3. As fontes anglo-normandas como propaganda política	39
CAPÍTULO II – QUESTÕES TEÓRICAS SOBRE AS BATALHAS MEDIEVAIS: A INVASÃO NORMANDA	48
2.1. As personagens	49
2.2. A justificação da guerra	57
2.3. O desenvolvimento técnico	65
CAPÍTULO III – A BATALHA DE HASTINGS: PREPARAÇÃO, AÇÃO E REAÇÃO	80
3.1. Estratégias e logística	80
3.2. Táticas utilizadas e superioridade da cavalaria	91
3.3. A Inglaterra conquistada	99
3.4. Pós-conquista: novas relações de suserania e vassalagem	102
CONCLUSÃO	110
REFERÊNCIAS	118

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, buscamos analisar a atuação de Guilherme, o Conquistador, na Batalha de Hastings, de 1066, e a maneira como é retratado nas fontes anglo-normandas do século XI. O papel que esse rei desempenhou nos eventos históricos que envolvem a história da Inglaterra continua a ser relevante mesmo após o período de quase um milênio entre os seus feitos e a contemporaneidade, visto que, com sua ascensão, a afirmação do poder feudal das ilhas britânicas foi modificada de maneira única, influenciando a estruturação da monarquia britânica.

Primo em segundo grau de Eduardo, o Confessor, rei inglês falecido em 1066 que não teve descendentes, Guilherme da Normandia apresenta-se como herdeiro legítimo do trono devido às estreitas relações familiares e também emotivas que uniam sua pessoa à do falecido. Entretanto, a nobreza nativa da Inglaterra, desejosa de ser governada por seus próprios conterrâneos, aponta a figura de Haroldo Godwinson, que não possuía vínculos diretos com o trono, para receber a coroa. Guilherme e Haroldo, que anteriormente haviam pactuado um acordo pelo qual o rei normando herdaria o trono inglês, encontram-se em uma situação de confronto direto. Enquanto Haroldo ocupa-se em combater as invasões vikings ao norte do país, Guilherme põe em marcha o plano para conquistar a ilha, cruzando o Canal da Mancha. O confronto se deu nas proximidades de Hastings, nome pelo qual a batalha tornou-se conhecida.

Consideramos a Batalha de Hastings um conflito em que ambos os lados apresentam impedimentos táticos e estratégicos, dificuldades que tornam esse confronto de forças de resultado incerto para seus participantes. Procurando compreender a batalha em si, buscamos observar quais os fatores determinantes para a eventual vitória das forças normandas invasoras, lideradas por Guilherme. Não apenas isso, procuramos observar como, após sua vitória, a sociedade da Inglaterra foi afetada, sociedade esta que fora influenciada por vários povos – como os bretões, os saxões e os vikings – e que agora se encontra diante de um novo rei, que conquista toda a extensão do reino anglo-saxão em uma única geração.

Dessa forma, em busca de compreender as motivações que levaram Guilherme, o Conquistador, a reivindicar a coroa da Inglaterra, assim como a ação militar empreendida durante a Batalha de Hastings e a posterior justificação de seus atos por

meio de variadas propagandas, utilizamos três fontes anglo-normandas do século XI. A primeira trata-se da *Tapeçaria de Bayeux*, uma narrativa iconográfica elaborada em tecido que apresenta as justificativas e ações que levaram à invasão e conquista normanda da Inglaterra em 1066. Entre as publicações dessa fonte, destacamos a de Wolfgang Grape, *The Bayeux Tapestry* (1994), que apresenta uma análise detalhada dos estudos a ela relacionados, bem como da própria tapeçaria que hoje se encontra no *Musée de la Tapisserie de Bayeux*, na Normandia. Para a compreensão da história e da criação da *Tapeçaria*, o estudo de Carola Hicks, *The Bayeux Tapestry: The Life Story of a Masterpiece* (2007), torna-se necessário, inclusive para entender a forma como essa narrativa foi interpretada em diferentes épocas.

A *Tapeçaria de Bayeux* encontra-se disponível para o estudo dos leitores de língua portuguesa no *site* do professor Ricardo da Costa¹. Esse *site* também disponibiliza um artigo no qual o professor resgata brevemente a história da fonte². Além desses estudos, contamos com obras específicas acerca das imagens e sobre a legitimação do poder de Guilherme, o Conquistador, entre as quais a de J. Bard McNulty, intitulada *Visual Meaning in the Bayeux Tapestry: Problems and Solutions in Picturing History* (2003), e a de Suzanne Lewis, *The Rhetoric of Power in the Bayeux Tapestry* (1999). Enquanto J. Bard McNulty debate sobre a importância das imagens na *Tapeçaria de Bayeux* para a compreensão da Batalha de Hastings, Suzanne Lewis centraliza sua análise no papel da *Tapeçaria* enquanto forma de propaganda política e social para os ingleses e normandos do século XI.

A segunda fonte é a *Crônica de Guilherme de Poitiers*, capelão de Guilherme da Normandia. Esse documento encontra-se anexo ao livro de Lewis Thorpe, *The Bayeux Tapestry and the Norman invasion* (1973). A compreensão do contexto nos é permitida por duas obras de Christopher Gravett: *Norman Knight* (1993) e *Hastings 1066* (1994); a primeira reporta-se aos guerreiros a serviço de Guilherme e a segunda se refere tanto às características e estratégias principais por ele adotadas, como as dos combatentes e das condições de seu oponente, Haroldo da Inglaterra.

¹ STEIN, Débora Rosa e COSTA, Ricardo da. *Tapeçaria de Bayeux (c. 1070-1080)*, disponível em <http://www.ricardocosta.com/tapeçaria-de-bayeux-c-1070-1080>

² COSTA, Ricardo da. Breve história da Tapeçaria de Bayeux (c. 1070-1080), In: **Potlach**. Revista de História das Faculdades Integradas de Cataguases. Cataguases: FIC/FUNCEF, Ano 1, n. 1, 2009, p. 11-20. Disponível em: <http://www.ricardocosta.com/artigo/breve-historia-da-tapeçaria-de-bayeux-c-1070-1080>

A terceira fonte é a coletânea de registros históricos em calendários feitos pelos mosteiros e abadias da Inglaterra entre os séculos IX e XII, chamada de *Crônica Anglo-Saxônica*, na qual pretendemos obter a visão dos ingleses sobre os eventos relativos à figura de Guilherme. Na pesquisa, utilizamos a versão publicada por G. N. Garmonsway (1990), que apresenta a história da criação e as diversas versões dos manuscritos que compõem essa crônica.

Para o aprofundamento do contexto pré-invasão da Inglaterra e dos reflexos que a invasão teria sob o reinado de Guilherme, contamos com os estudos de Asa Briggs, *História Social da Inglaterra* (1998), e com a obra organizada por Nigel Saul, *The Oxford Illustrated History of Medieval England* (1997); ambos apresentam os panoramas políticos, sociais e econômicos dos períodos anterior e posterior à conquista.

Tendo como temática central a política e o poder militar, aplicamos a História Política como ferramenta no presente estudo, considerando nossa compreensão da *Tapeçaria de Bayeux* e da *Crônica de Guilherme de Poitiers* como instrumentos de propaganda. Para tal percepção, utilizamos o trabalho de Nieto Soria, *Fundamentos Ideológicos del Poder Real em Castilla* (1988), em conjunto com o trabalho de Pierre Rosanvallon, *Por una historia conceptual de lo político* (2003).

No estudo das técnicas e táticas militares, baseamo-nos nas obras de: Kelly Devries e Robert Douglas Smith, *Medieval Military Technology* (2012); *The Art of Warfare in Western Europe During the Middle Ages* (1997), escrito por J. F. Verbruggen; Helen J. Nicholson, autora de *Medieval Warfare* (2004); e Martin J. Dougherty, *Armas & técnicas bélicas de los caballeros medievales* (2010). O diálogo com essa historiografia possibilitou-nos o entendimento de duas formas distintas de se conduzir a guerra: a dos anglo-saxões defensores e a dos normandos atacantes, e as razões que permitiram a vitória destes últimos.

Em relação ao uso da *Tapeçaria de Bayeux*, procuramos compreender o papel que as imagens desempenham no medievo ao nos aprofundarmos nos escritos de Jérôme Baschet, *A Imagem: Funções e usos da imagem no Ocidente Medieval* (1996), o verbete “Imagem”, de autoria de Jean-Claude Schmitt, disponível no *Dicionário Temático do Ocidente Medieval* (2006), e em *O Corpo das Imagens* (2007), também de sua autoria. Ao compreendermos a função dessas imagens como rememoração e evocação do

passado, observamos o papel que estas possuem de inculcar o ensino daquilo que é então considerado histórico para os homens do século XI.

No tocante ao papel das crônicas na sociedade medieval, compreendemos que a *Crônica de Guilherme de Poitiers*, além da leitura silenciosa, poderia ser lida em voz alta para a apreciação não apenas do leitor como também dos ouvintes circundantes. Por esse motivo, referenciamos a obra de Paul Zumthor, *A Letra e a Voz* (1983), que nos permite o entendimento do uso de crônicas como propaganda política. Em concomitância à análise das crônicas, trabalhamos também com o texto de Jaume Aurell, *El nuevo medievalismo y la interpretación de los textos históricos*³, o qual traz considerações relevantes acerca do uso da palavra escrita no estudo medieval.

Tendo em vista as fontes indicadas e a historiografia sumariamente apresentada, estruturamos esta pesquisa em três capítulos: no primeiro, apresentamos o contexto do século XI e as relações anglo-normandas e analisamos as fontes utilizadas na investigação, buscando entender a intencionalidade que permeia esses escritos, ou seja, a existência de uma propaganda política legitimadora das ações de Guilherme.

No segundo capítulo, refletimos sobre as questões teóricas relativas à guerra na Idade Média, especialmente a que trata das batalhas medievais. Destacamos as personagens envolvidas na Batalha de Hastings e a justificativa para a ação militar do rei normando, bem como a “tecnologia” de guerra do período.

No terceiro capítulo, analisamos a Batalha de Hastings em si, isto é, a preparação, a ação e a reação à campanha militar contra os nobres ingleses liderados por Haroldo. Discutimos a “logística” e as estratégias de guerra, as táticas utilizadas e o papel da cavalaria, além da vitória das forças lideradas por Guilherme, o Conquistador. Por fim, analisamos a estruturação política da Inglaterra após a conquista normanda, pois esta acaba por definir relações feudo-vassálicas específicas que diferenciam o feudalismo inglês do feudalismo presente no continente.

³ Disponível em <http://hispania.revistas.csic.es/index.php/hispania/article/viewFile/21/21>

CAPÍTULO I – A REALIDADE POLÍTICA DA INGLATERRA NO SÉCULO XI E AS FONTES PARA O SEU ESTUDO

1.1. O contexto: as relações anglo-normandas

O poderio militar é um fator determinante da existência e da influência política da maioria dos reinos da Idade Média, e tal paradigma também é verdadeiro para a Inglaterra em 1066. Entre esses reinados e potestades, as ilhas britânicas e o norte da França – onde se encontra a Normandia – pertencem a uma região em que um povo de características marciais exerceu sua influência: o Mar do Norte, área de ação dos piratas vikings. Influenciados por uma religião que enaltecia o combate, e originários de uma região com uma capacidade de produção agrícola reduzida, a vivência desses guerreiros era exercida muitas vezes por meio de saques, pilhagens, invasões e guerras (BRIGGS, 1998, p. 54).

Desde o século VIII, esses marinheiros têm ora atacado, ora feito comércio, ora invadido, ora colonizado uma extensão considerável das terras europeias. No final do século IX, com o vácuo de poder causado pela diminuição da influência dos descendentes de Carlos Magno, eles se estabelecem na costa noroeste da França, na região que se tornará a Normandia do século XI. De maneira similar, entre os séculos VIII e X, a Inglaterra torna-se um de seus alvos mais favorecidos para a pilhagem e para a invasão, já que esta possui uma quantidade considerável de recursos naturais (SAUL, 1997, p. 55).

Os reis ingleses do século X, diante da invasão viking constante, são partidários do uso da diplomacia para a convivência com esses vizinhos belicosos. Após embates violentos durante os séculos VIII e IX, em que apenas Alfredo, rei de Wessex, consegue confrontar os invasores no final do século IX, grandes áreas de terra nas ilhas britânicas orientais prestam homenagem, tributo e vassalagem aos reis dinamarqueses vikings (ALBUQUERQUE, 2014, p. 7). Isso inclui a região da Northumbria, próxima à Escócia, e a influência era tal que evoca a criação de uma legislação própria para designar as terras inglesas sob o comando dinamarquês, a *Danelaw* ou “Lei Dinamarquesa” (BRIGGS, 1998, p. 55). Para evitar invasões, os reis anglo-saxões optam por pagar cada vez mais crescentes quantias de prata e ouro durante intervalos

regulares, efetivamente mantendo a paz através de oferendas a esses pagãos que possuíam grande poderio militar e apenas ocasionalmente não exerciam suas crenças religiosas agressivas, seja por conveniência seja devido a conversão ao cristianismo.

O aumento no valor desses pagamentos, a cristianização dos povos vikings e as alianças geopolíticas – em especial com a Normandia – são os fatores pelos quais podemos compreender uma mudança nesse *status quo* a partir do reinado de Ethelred II, o Despreparado, rei de 991 a 1013. Conforme os pagamentos aos dinamarqueses, denominados *Danegeld*, se tornavam mais onerosos, a própria capacidade de armar um exército nativo, assim como o balanço contínuo da economia, se esvaíam a ponto da quase anulação. Concomitantemente, a cristianização tardia dos vikings significa uma diminuição de seus hábitos militares, a perda de seu status enquanto “flagelo de Deus” lançado aos povos cristãos europeus por seus pecados. Ademais, os vikings relativamente pacificados do norte da França, os normandos, criaram laços estreitos com a Inglaterra. Sendo inicialmente aliados dos dinamarqueses ao permitirem que seus portos fossem usados como bases de investidas, isso muda quando Ethelred casa-se com Emma, filha do Duque Ricardo da Normandia (THE ANGLO-SAXON CHRONICLE, 1990, p. 134). Tal aliança matrimonial é essencial para impedir tal uso dos portos, e para estreitar o comércio entre ambas as nações e firmar um pacto de ajuda mútua.

Em 1002, portanto, as condições estão estabelecidas para um novo confronto, acionado pelo episódio da morte de um funcionário real inglês por parte dos dinamarqueses. A capacidade combativa de Ethelred, entretanto, mostra-se mais defensiva do que ofensiva, tendo que arcar com uma invasão maciça dos vikings, liderados por Sueno I da Dinamarca, a partir de 1003. A região da Northumbria, então com grande população dinamarquesa, alia-se aos invasores, e até 1013 o rei inglês perde Londres, Oxford e Winchester, culminando no fato de que Ethelred e sua família fogem para a Normandia de sua esposa.

Sueno I, no entanto, falece, e seu filho Cnut é coroado. Embora os dinamarqueses tragam um sistema de leis avançado (BRIGGS, 1998, p. 56-57) e algumas regiões como Northumbria sejam então tradicionalmente dinamarquesas, a população inglesa não se contenta com o jugo dos invasores, e a expectativa do retorno da família real, que se instalara em refúgio na Normandia, possibilita que Ethelred volte para tentar reaver seu trono ainda em 1013. Quando, porém, o Despreparado falece, em

1016, Cnut consegue manter sua posição até o ano de 1035. Durante seu reinado, ele se casa com a viúva de Ethelred, Emma, para firmar a aliança com seu irmão, o então duque normando Ricardo II.

O novo casamento, motivado pela busca de Cnut em estabelecer alianças políticas e justificação para seu reinado, tem como entrave político a existência de Eduardo, filho de Emma e Ethelred. Radicado na Normandia, onde passa a maior parte de sua vida sob a tutela de Ricardo II, e educado junto a Guilherme, Eduardo não possui as condições para reclamar o trono inglês: não tem tropas para impor seu direito, e além disso, Cnut não o reconhece como herdeiro do trono, já que tem o interesse de manter o reino para si e seus descendentes. Entretanto, após a morte dos herdeiros de Cnut em 1035, a Inglaterra novamente atravessa mais um período de embates políticos e alterações. Apenas em 1042 a situação foi pacificada, com o retorno da dinastia anglo-saxônica na forma de Eduardo, o Confessor (DEVRIES, 2009, p. 19).

A constante quebra de linhagens e o temor das intervenções militares estrangeiras, mesmo diante de um quadro de cristianização dinamarquesa, tornam o jogo político da Inglaterra extremamente complexo e privilegiam aqueles que possuem maior adaptabilidade para o poder instituído, contrabalançada pela capacidade de manter a integridade sem que tal jogador adaptável seja considerado um inimigo traidor *a priori*. Isso é possível graças ao modelo institucional adotado pelos ingleses, em que os vassalos possuem uma autonomia muito maior do que os vassalos do continente, tornando-os pequenos “reis” em seus próprios lares. Não somente isso, os conflitos entre as tradições dos bretões, dos saxões e dos dinamarqueses – povos que compõem as sociedades inglesas do século XI – potencializam o sentimento de independência para com líderes distantes mesmo dentro de um reino anglo-saxão, com a permanência de direitos consuetudinários por vezes díspares. Tal independência, deveras, é que permite a ascensão de nobres que podem rivalizar mesmo com o rei – o que ocorrerá durante o reinado de Eduardo – e é também o fator que acabará por se modificar após a chegada de Guilherme.

De maneira similar, a tradição das forças estrangeiras, mesmo que não plenamente incorporadas ou aceitas, permite ao mundo anglo-saxônico lidar melhor com o estrangeiro, o outro diferente, o que acaba por se traduzir em uma capacidade de dialogar com aquilo que não provém da própria terra natal, seja através da conquista,

seja através do comércio. De fato, quando nos referimos aos anglo-saxões, então predominantes e incorporados ao solo inglês, os compreendemos como uma união de povos relativamente pacificados entre os saxões e principalmente os bretões, processo iniciado no século VI. A maleabilidade sociocultural que permite essas relações com o estrangeiro acaba por permitir também, em seu eventual tempo, a permanência dos normandos, seus futuros líderes, e a entrada da Inglaterra no contexto sociopolítico continental.

A partir de 1042, Eduardo busca conciliar as expectativas que seus súditos e iguais possuem dele com a realidade do governo real inglês. Visto com desconfiança por seus nobres vassalos, sua longa estadia na Normandia faz com que seja considerado quase que como um estrangeiro em sua própria terra natal. Todavia suas ligações com sua família por parte de mãe e de criação, seus contatos e conhecimentos predominantemente normandos não deixam outra opção que não estreitar relações com o continente, particularmente diante da independência e da pouca cooperação de seus súditos ingleses. Thorpe, em especial, comenta a independência de poder entre os líderes ingleses e o rei “estrangeiro”:

Em 1036 Godwin havia raptado a pessoa do irmão de Eduardo, o Atheling⁴ Alfredo, quando ele visitou a Inglaterra vindo da Normandia, e o entregou para os homens do rei Haroldo Pé-de-Coelho. Os quais arrancaram seus olhos e ocasionaram sua morte. A causa imediata do desacordo entre Eduardo e Godwin em 1051 era o número impróprio e a influência excessiva dos estrangeiros, e especialmente dos normandos, na corte Inglesa⁵ (1973, p. 7).

De fato, existe um aumento característico na participação de normandos na administração da ilha britânica e um fluxo maior de comércio e migrantes através do Canal da Mancha. Seu reinado, embora sua índole religiosa seja respeitada, é considerado ineficiente, merecedor apenas de um pouco mais de respeito do que a sombra de seu pai, Ethelred, o Despreparado. Concomitantemente a isso, da Dinamarca

⁴ Atheling refere-se a um título nobre anglo-saxão de alto escalão, príncipe ou lorde.

⁵ No original: “In 1036 Godwine had seized the person of Edward’s brother, the Atheling Alfred, when he visited England from Normandy, and had handed him over to King Harold Harefoot’s men, who had put out his eyes and occasioned his death. The immediate cause of the disagreement between Edward and Godwine in 1051 was the undue numbers and the excessive influence of foreigners, and especially of Normands, at the English court”.

vinha a constante ameaça de uma retomada nas hostilidades para a recuperação do trono de Cnut.

No ano de 1050, a *Crônica Anglo-Saxônica* afirma:

E neste mesmo ano o rei Eduardo pagou a nove navios, e eles se foram com os navios e tudo o mais; cinco dos navios permaneceram, e o rei prometeu a eles o pagamento de doze meses⁶ (1990, p. 171).

A retomada desses pagamentos ocorre ao mesmo tempo em que a idade de Eduardo avança e sua capacidade de gerar um herdeiro diminui. E não somente os dinamarqueses vikings, mas também seus familiares normandos percebem as dificuldades de seu vizinho, e se não têm um interesse necessariamente bélico na empreitada, creem possuir a força da legalidade e da herança para reclamar o trono.

A independência entre o trono do Confessor e os nobres “da terra” é evidenciada especificamente pela figura de Godwin, conde de Wessex, o mais poderoso e influente nobre da Inglaterra à época. Godwin e sua família possuíam extensões de terra superiores às terras do rei (SAUL, 1997, p. 59), com um número equivalente de vassalos e uma tradição familiar de pertencimento ao reino inglês, qual seja a plena ascendência anglo-saxônica. Tanto para a manutenção de seu poder como para o aumento da influência de sua família, Godwin entra em comum acordo com Eduardo – o qual não seria capaz de governar contrariamente a esse nobre – e o rei inglês então se casa com Judite, filha de Godwin, irmã de quatro irmãos também possuidores de terras e títulos. Para ambos os lados, o favorecimento político é o fator principal da união: aliança e paz para Eduardo, e ganho presente e futuro de títulos para os Godwin, com um descendente régio.

Mesmo essa aliança matrimonial é incapaz de aplacar o ânimo de Godwin no tocante à ingerência normanda na administração da Inglaterra. Em 1051, a família Godwin contesta de maneira tal as decisões reais que a escalada para um confronto marcial efetiva-se – ao negarem-se a aplicar as ordens do rei em favor de um grupo visitante de normandos, Eduardo proclama os Godwin foras-da-lei, praticamente obrigando-os ao exílio para não serem presos (GRAVETT, 1994, p. 7). O condado é

⁶ No original: “And in this same year [1050] king Edward paid off nine ships, and they went away with the ships and everything; five of the ships remained behind, and the king promised them twelve months’ pay”.

subsequentemente perdido, Godwin foge para Flandres, seu filho mais velho Haroldo foge para a Irlanda junto de seu irmão Leofwine, e a rainha Judite é mandada para uma abadia. O confinamento de Judite é particularmente demonstrativo da religiosidade de Eduardo, cognominado o Confessor por sua piedade religiosa, e esse episódio aparentemente não criará uma dissidência permanente entre o casal, considerando a descrição das fontes dos últimos momentos em que estiveram juntos.

O descontentamento dos nobres com a corte estrangeira de Eduardo não se arrefece com a expulsão dos Godwin; pelo contrário. No ano seguinte ao exílio, em 1052, estes retornam à Inglaterra com tropas aliadas, exigindo a restituição das terras perdidas, com o apoio de vários dos nobres ainda presentes (THE ANGLO-SAXON CHRONICLE, 1990, p. 179; 181). O estilo governamental continental de Eduardo choca-se com a independência britânica e perde; a velha ordem social da Alta Idade Média prevalece sobre os ideais da nascente ordem social da Idade Média Central. A morte do patriarca Godwin, em 1053, pouco modifica essa situação: ele simplesmente é sucedido por seus filhos, que possuem grande influência e independência efetiva da corte. Haroldo, Conde de Wessex, se destaca diante de seus irmãos e outros nobres, tornando-se efetivamente a mão direita do rei, mesmo que a possível contragosto deste. Tal posição fortalece o que será sua futura reivindicação ao trono inglês, cerne da questão política da Batalha de Hastings.

Antes de presumirmos uma unicidade familiar em busca de um objetivo comum da parte dos Godwinson, os filhos de Godwin e seus descendentes, é necessário salientar que a independência dos nobres para com o trono é a mesma raiz da independência dos nobres uns para com os outros e também a origem dos conflitos internobiliárquicos medievais, já que não existe figura autoritária superior e capaz para a legislação de eventuais conflitos e a efetivação de tais decisões. É emblemático de forma tal que os irmãos Godwin são rivais entre si (SAUL, 1997, p. 59) e um dos irmãos, Tostig Godwinson, que lidera na Northumbria, é exilado por Haroldo Godwinson. Sendo a família Godwin vassala de Eduardo e originária da região centro-sul do país, a percepção que os nobres e não-nobres da região da Northumbria, agora culturalmente dinamarquesa, possui deles é menos lisonjeira do que o desejado. Tostig é considerado tirânico a ponto de causar um levante na Northumbria no ano de 1065, e Haroldo – representando o rei, porém efetivamente exercendo sua autoridade própria –

deve ceder aos revoltosos que pedem o exílio de seu irmão. Tostig foge, mas na expectativa de reaver sua posição, entra em contato com os mais variados opositores do reino inglês, desde Guilherme da Normandia, até finalmente alcançar o viking Haroldo III, rei na Noruega, alcunhado Haroldo Hardrada⁷. A capacidade diplomática de Tostig será capaz de demover as forças de Hardrada para lançar uma ofensiva com o objetivo de conquistar a Inglaterra para os noruegueses, um dos últimos suspiros do modo de vida viking antes das conversões e relativa integração ao contexto político da Europa continental – e que acabará por taticamente favorecer a invasão de Guilherme no ano 1066.

O contexto do outro lado do Canal da Mancha, no Ducado da Normandia, é pautado por uma maior integração à política continental que a da Inglaterra, apesar de sua origem dinamarquesa. Nominalmente, são vassalos do rei francês, contudo sua força de armas original faz com que para com este tenham uma grande independência (ABBOT, 2009, p. 22-23). Deveras, nessa liberdade política possuem grandes similaridades para com os nobres ingleses, porém sua posição geográfica e a maior influência do mundo franco permitem o florescer de conceitos novos, diferentes daqueles do mundo germânico e viking do qual descendem. Conceitos tais como a exaltação da cavalaria, o uso de novas táticas de batalha, uma cristianização mais aprofundada e uma maior relevância para os ritos feudo-vassálicos e suas consequências jurídico-sociais – que se tornam mais evidentes em uma França posterior – são perceptíveis nesse período e também influenciam as mudanças inglesas pós-1066.

Juridicamente, podemos observar a mudança no direito de herança; onde, anteriormente, no Império Carolíngio do século IX Carlos Magno divide seu reino entre todos os seus herdeiros masculinos, o Condado da Normandia é indiviso, recebido unicamente pelo herdeiro masculino mais velho. Ricardo II, irmão de Emma⁸ e tio de Eduardo, o Confessor, teve como filho Roberto I. Esse jovem duque não se casa: seguindo em parte a tradição da “esposa de coração” advinda do mundo viking, se apaixona pela filha de um artesão de couro e a convida para morar em seu castelo, mantendo-a como sua única mulher até o fim de sua vida – ela, posteriormente, se casará novamente com um dignitário normando poderoso, tendo mais filhos. A não

⁷ Hardrada significa “hard ruler”, ou “líder duro”, demonstrando seu apreço pela batalha e sua política de mão de ferro. GRAVETT, 1994, p. 12.

⁸ A mesma esposa de Ethelred, e posteriormente Cnut, da Inglaterra.

oficialização dessa união demonstra a tensão de um mundo viking em direção a um mundo cristão: casamentos são acordos políticos, e um conde não deveria estar impossibilitado por uma plebeia; ademais, o principal conceito de matrimônio é o da Igreja Católica, que vê com maus olhos essa lascividade sem votos. Entretanto, o conde não toma nenhuma outra mulher para si – reflexo talvez de certa piedade e castidade de alguém cujos antepassados são recém-convertidos?

Independente dessas possibilidades, o resultado é que Guilherme é o fruto dessa união, cognominado “o Bastardo” exatamente pelo casamento não oficializado (DEVRIES, 2009, p. 19). Essa situação relativamente constrangedora não foi impedimento algum para a herança do Condado, nem sofreu qualquer objeção eclesiástica fora exortações contra a lascívia, já que Guilherme foi indicado por seu pai como seu legítimo sucessor. Isto ocorre quando Roberto I morre em peregrinação à Terra Santa, no ano de 1035. Guilherme se torna, então, o Duque da Normandia, tendo convivido muito próximo ao seu primo em segundo grau, Eduardo o Confessor, que o considera como herdeiro do trono inglês.

A interatividade entre a Inglaterra e a Normandia do reinado de Eduardo faz com que Guilherme e Haroldo Godwinson, futuros rivais pela coroa, tenham contato um com o outro em momentos anteriores ao conflito em si. De fato, o exílio da família Godwin no ano de 1052 é um desses pontos de convergência entre ambos os personagens, pois Eduardo fora capaz de manter um dos irmãos e um sobrinho de Haroldo como reféns juntamente à família de sua mãe normanda, na tentativa de impedir eventuais futuras disputas (ABBOT, 2009, p. 143). Esses reféns nobres são a demonstração de um costume então já antigo, porém temperado por um tratamento mais cristão e menos violento para com seus recipientes – incapazes de sair da Normandia que os sequestra, mas tratados condignamente com sua posição social nobre, situação que será também vivenciada por Haroldo posteriormente.

Esses familiares seriam um dos possíveis motivos pelo qual Haroldo Godwinson se encontra com seu futuro rival entre os anos de 1063 e 1064. O conde inglês pede permissão a seu rei Eduardo para velejar pelo Canal da Mancha, e possivelmente atracar na Normandia. Existem discordâncias em relação aos motivos de Haroldo para essa viagem. Os escritores normandos contemporâneos da vitória de Guilherme, e outros favoráveis a essa visão do episódio, narram que o conde Haroldo levava uma mensagem

de Eduardo para Guilherme, reafirmando o direito do duque normando ao trono inglês. Existem algumas ressalvas em relação a essa possibilidade, já que Haroldo se encontrava no auge de seu poder como vassalo de Eduardo, e ser portador de tal mensagem representaria um duro golpe às suas expectativas – embora o rei inglês talvez desejasse exatamente isso, como uma lição de humildade, tendo em vista a contestação que a casa de Godwin tinha feito a seu poder. Outra possibilidade, apontada pelos historiadores mais favoráveis à versão inglesa do episódio, é mencionada por Christopher Gravett: “Uma das desculpas dadas pelo inglês Eadmer (que escreveu em torno de 1095-1123) era que Haroldo desejava visitar seu irmão mais novo e seu sobrinho, que eram reféns desde a rebelião de Godwin em 1051”⁹ (1994, p. 9).

Enquanto expressava seu pedido, o rei Eduardo teria profetizado um aviso ao conde inglês, de que estando nas terras de Guilherme ele estaria à sua mercê, pois o duque normando era sagaz e capaz de colocá-lo em uma posição comprometedora. Haroldo ainda assim teria insistido em viajar, e desobedecendo a seu rei, alega navegar o Canal da Mancha em uma viagem de prazer – mas com o objetivo oculto de visitar seus parentes.

Na visão normanda dos eventos, esse primeiro escárnio e desobediência pelas palavras de um rei tão justo, quase um santo em vida, acaba por receber um castigo ao sabor do divino. Os relatos da época mencionam que uma tempestade fez com que o navio de Haroldo Godwinson naufragasse na costa de Ponthieu, na Normandia, e ele é aprisionado pelo conde local de nome Guy, um vassalo de Guilherme, para ser usado como um refém de resgate. Considerando o passado viking e a relativa independência que os vassalos normandos possuíam de seu duque, Guy provavelmente almeja um lucro rápido e sem qualquer revés, porém a fuga de um dos ingleses faz com que a notícia chegue até Guilherme, aliado formal da Inglaterra e desejoso de estabelecer maior poder tanto em suas próprias terras como nas terras de seu primo Eduardo, oportunidade que o aprisionamento de Haroldo permitirá.

O Duque normando, portanto, ordena a libertação de Haroldo, seja por alguma benevolência e pelo conhecimento de que este traz uma mensagem de Eduardo, seja porque espera conseguir uma vantagem ao mantê-lo como convidado em sua casa,

⁹ No original: “Una de las excusas dadas por el inglés Eadmer (que escribió hacia 1095-1123) era que Harold deseaba visitar a su hermano menor y a su sobrino, que eran rehenes desde la rebelión de Godwin en 1051”.

conforme as díspares visões do acontecimento. Haroldo convive com Guilherme como um hóspede agradecido, embora conheça muito bem que a qualquer momento pode ser considerado um prisioneiro (THORPE, 1973, p. 9).

Enquanto permanece com Guilherme, Haroldo participa de sua campanha contra os bretões localizados ao leste da Normandia e recebe armas típicas da cavalaria conforme a tradição normanda. Inicia-se a primeira derrocada do futuro rei inglês: pela tradição continental da cavalaria, tradição que os ingleses não possuíam pela sua influência viking, Guilherme e Haroldo unem-se por uma irmandade que supostamente atravessa fronteiras, a camaradagem de irmãos-em-armas cavaleiros, que possui íntima relação com o ritual de suserania e vassalagem continental. Mesmo não recebendo um feudo, Haroldo está unido a Guilherme por uma dívida, a sagração cavaleiresca, assim como a dívida de honra para com alguém que lhe resgatou de uma prisão humilhante e o tratou como um irmão, dando-lhe abrigo, comida e armas. Os estilos de combate podem diferir – um luta primariamente a cavalo, na melhor tradição do continente influenciado pela França, e outro prefere o combate a pé, obsequioso do costume viking que influencia a Inglaterra. Ambos, porém, são guerreiros, lutando lado a lado contra um inimigo comum, Conan. Esse laço de camaradagem, e mesmo de sangue, é tão importante quanto os laços familiares, e a traição acarreta a quebra da confiança e da amizade, visão que comove fortemente os medievos.

Não apenas isso: ao fim da campanha, Haroldo participa de uma cerimônia de juramento oficial, na qual prometia ajudar o duque normando a garantir o seu trono inglês (DEVRIES, 2009, p. 20). Tomando todos os padrões utilizados nas mais solenes promessas, fazendo com que Haroldo estenda suas mãos por sobre duas relíquias sagradas de santos do catolicismo, Guilherme submete o inglês como um vassalo nessa ocasião, inclusive coordenando um futuro casamento entre Haroldo e uma de suas filhas. O segundo laço da corda é ainda mais asfixiante: não se trata apenas agora de uma irmandade entre homens que se veem como semelhantes, mas sim palavras ditas em público e ouvidas pelo juiz máximo, Deus. Tal juramento não deve ser levianamente feito, e muito menos levianamente quebrado, característica fortemente utilizada pelas fontes normandas e implicitamente aceita por diversas fontes inglesas para explicar a futura derrota inglesa. O divino é presente na vida desses homens, e todas as ações possuem consequências, imediatas ou futuras.

Com as promessas feitas, o conde inglês recebe permissão e provisões para retornar à Inglaterra junto com seu jovem sobrinho Hacune, enquanto o irmão de Haroldo, Ulnoth, permanece e será libertado somente quando Guilherme for coroado rei – possivelmente para impedir que mais um dos irmãos da família Godwin tentasse lutar pelo trono, e como garantia do cumprimento da palavra de Haroldo (ABBOT, 2009, p. 155-156). Este retorna para sua terra natal, agora duplamente ligado a Guilherme, e ainda mantenedor de suas promessas para com Eduardo.

Em janeiro de 1066, Eduardo, o Confessor falece sem descendentes. Sua saúde já era frágil desde o final do ano de 1065, o que faz com que seu suplício seja de conhecimento tanto na Inglaterra quanto na Normandia. Durante seus últimos momentos de vida, carpidamente assistenciado por sua esposa e por seus súditos mais próximos, Eduardo profere seus últimos desejos. Nesse ponto, novamente existem divergências. Em especial,

Ele [Eduardo] apontou com sua mão para Haroldo [conde de Wessex], o homem a quem ele havia criado em sua corte e a quem ele olhava como a um irmão. ‘Eu entrego minha esposa a seus cuidados’, ele disse, ‘e com ela todo o meu reino’¹⁰ (VITA AEDWARDI REGIS apud THORPE, 1973, p. 11).

Em uma visão pró-normanda, Eduardo teria “confiado” a Haroldo seu reino e de sua rainha para que fossem mantidos seguros enquanto Guilherme não fosse oficialmente coroado. A visão pró-inglesa argumenta que o último desejo do rei Eduardo era de que a Haroldo tinha sido confiado o reino para se tornar, sim, o seu governante.

Logo após o falecimento de Eduardo, o *witenagemot*¹¹, composto apenas por nobres sulistas devido às condições adversas do inverno inglês, se reúne para discutir a situação política do reino. Esse concílio resolve eleger Haroldo como rei, após considerar outros possíveis candidatos, incluso um jovem parente de Eduardo – seu meio-sobrinho Edgar Aetheling, de 12 anos de idade, o qual porém não tinha qualquer expressão política. Este é efetivamente impossibilitado de suceder o trono pela mãe de

¹⁰ No original: “He pointed with his hand towards Harold, the man whom he had brought up at his court and whom he looked upon as a brother. ‘I commend my wife to your care’, he said, ‘and with her my whole kingdom’”.

¹¹ Também chamado *witan*, era a reunião dos nobres ingleses, que ocorria ao menos uma vez ao ano.

Eduardo, Emma, a qual manobrou os acordos políticos no passado para que seus filhos fossem os herdeiros do trono, como de fato ocorrera (GRAVETT, 1994, p. 12). Novamente, a desconfiança para com o estrangeiro é perceptível, já que os normandos são meros vikings relativamente pacificados, os mesmos que espoliaram a Inglaterra durante séculos. O descontentamento dos nobres contra as ingerências dos parentes e aliados normandos de Eduardo não era exclusividade da família Godwin, embora efetivamente também tivessem interesse em elevar seu parente ao trono, o então mais poderoso nobre inglês. Haroldo foi então coroado completamente ciente de que deveria enfrentar muitos opositores desejosos de seu trono, desde Guilherme na Normandia, o herdeiro reconhecido, a Tostig Godwinson, o irmão exilado e seu aliado viking, Harold Hardrada.

A coroação de Guilherme é acompanhada pela passagem do Cometa Haley, visto posteriormente como um sinal desfavorável à sua ascensão ao trono. Tanto a *Tapeçaria de Bayeux* quanto a *Crônica Anglo-Saxônica* e a *Crônica de Guilherme de Poitiers* demonstram esse portento, descrito pelos ingleses na *Crônica Anglo-Saxônica* como precursor da invasão de Tostig:

Neste tempo [1066], através de toda a Inglaterra, um portento tal qual nenhum homem jamais vira antes foi visto nos céus. Alguns declararam que essa estrela era um cometa, a qual alguns chamam de ‘estrela de longos cabelos’: ele primeiramente apareceu na véspera do festival da *Letania maior*, que é no dia 24 de Abril, e brilhou todas as noites por uma semana. Logo após veio o duque Tostig através do mar para a Ilha de Wight, [...] e causou dano em todo lugar ao longo da costa marítima onde pôde, [...] ¹² (1990, p. 194).

Concomitantemente, os nobres da Northumbria, que não estão presentes durante o *witenagemot* que coroa Haroldo, vindos de uma tradição dinamarquesa viking e, portanto, ainda mais independentes, demonstram sinais de descontentamento e rebelião para com essa decisão. O governo de Tostig, irmão de Haroldo, também não havia sido esquecido, e a possibilidade de que um mau governo fosse uma característica familiar é um dos possíveis argumentos contrários à realeza desse filho de Godwin, que só possuía

¹² No original: “At that time, throughout all England, a portent such as men had never seen before was seen in the heavens. Some declared that the star was a comet, which some call ‘the long-haired star’: it first appeared on the eve of the festival of *Letania maior*, that is on 24 April, and shone every night for a week. Soon thereafter came earl Tostig from across the sea to the Isle of Wight, [...] and did damage everywhere along the sea coast where he could [...]”.

ligação com o trono apenas pelo casamento de sua irmã, e não por seu sangue. Haroldo se dirige então ao norte para tentar aplacar a nova desordem e para selar a aliança casa-se com Edith, a irmã dos dois mais poderosos nobres da Northumbria, Edwin e Morcar, condes da Mercia e da Northumbria, respectivamente. Isso efetivamente invalida o casamento prometido à filha de Guilherme na Normandia, e mesmo assim as relações se mantêm frias e tensas, desestabilizando a relação feudo-vassálica entre a coroa de Haroldo e esses seus nobres mais afastados. Isso implica, nos meses seguintes, uma reticência dos lordes Edwin e Morcar, bem como de seus respectivos vassallos, em estarem dispostos a ajudar plenamente o seu novo rei nas batalhas que se seguem, em especial na falta de arqueiros durante a Batalha de Hastings.

Vista a proximidade geográfica, e uma migração de normandos que moravam na Inglaterra de volta à sua terra natal provocada pelo sentimento contrário aos estrangeiros, Guilherme logo toma conhecimento desses acontecimentos e rapidamente contesta a coroação de Haroldo. Em vários momentos, envia emissários para transmitir seu descontentamento e demonstrar suas razões. Primeiramente, relembra as declarações anteriormente feitas por Eduardo publicamente, de que o havia escolhido como seu herdeiro. Depois, afirma a validade do juramento prestado por Haroldo em sua casa, realizado sobre as relíquias sagradas, de que ele seria seu vassalo e se casaria com sua filha. Por fim, o fato de ser o primo em segundo grau de Eduardo confirmava sua linhagem como sucessor. Haroldo contra-argumenta que, na tradição inglesa, os desejos finais do rei são o seu último juízo de valor, e, portanto, com validade superior às outras declarações anteriores. Ademais, também apoia a autoridade do *witenagemot*, que o apontara como rei, pois do contrário perderia o respeito e o apoio dos demais nobres ingleses que buscavam uma Inglaterra governada pelos seus próprios. Por fim, referente ao juramento prestado a Guilherme, afirma que o fizera sob coação, mesmo que implícita, e que era um juramento inválido (ABBOT, 2009, p. 169-171).

O impasse não se soluciona através da diplomacia e Guilherme logo começa a pleitear a obtenção da coroa através do uso de armas. Envia emissários para explicar sua posição ao Papa Alexandre II, explanando seus argumentos de que estaria cumprindo uma “guerra justa”. Essa argumentação seria passível de conceber o conflito como lícito diante da Igreja, pois Guilherme estaria conduzindo uma guerra para readquirir algo que

lhe pertencia por direito e que, sendo-lhe retirado, destruía a ordem e a paz¹³. Influenciado pelo catolicismo do continente, Guilherme é considerado exemplar em suas obrigações religiosas, e mesmo sendo um bastardo, seu pai morrera durante uma peregrinação até a Terra Santa, demonstrando a capacidade de aceitação de sua situação hereditária quando contestada efetivamente com os atos e as crenças do indivíduo.

Esse ponto religioso é também de grande influência nos eventos posteriores. A Igreja Católica na Inglaterra possuía um Arcebispo chamado Stigand, excomungado por vários papas por ter adquirido sua posição através das mãos do rei e não das leis canônicas. Com uma possível vitória de Guilherme, a Igreja Católica vê a oportunidade de retirar a influência de Stigand da Inglaterra e reaproximar a ilha de sua influência. Ademais, Guilherme apresenta os argumentos jurídicos e lógicos que prescrevem a ocasião de uma “guerra justa”. Essas justificações preenchem os pré-requisitos de justiça, pois fora requisitada a pedido de um suserano em resposta a um direito impedido – a ascensão ao trono que lhe pertencia por motivos de herança consanguínea – e que buscava retificar essa injustiça. O pedido é aceito, e o Papa lhe envia um estandarte abençoado e um anel com uma relíquia sagrada, um fio de cabelo de São Pedro, para demonstrar a justiça de sua causa. Isso proporciona ao normando grande prestígio e maior capacidade propagandística, conforme Lewis Thorpe:

Nenhum desses argumentos [pela excomunhão de Stigand] afetava realmente a linha de sucessão na Inglaterra; mas o fato de Guilherme acreditar que eles o faziam, e que ele foi capaz de persuadir um vasto número de pessoas para terem essa mesma crença, se tornaria de grande importância quando o tempo estivesse certo¹⁴ (1973, p. 8-9).

Com o aval papal, o futuro Conquistador logo começa suas preparações, convencendo seus vassalos um a um de que a luta pela Inglaterra é digna e que trará grandes ganhos aos vencedores, prometendo aos seus cavaleiros partes das terras inglesas em caso de vitória. Concomitantemente, a notícia de que Guilherme teria recebido um estandarte e uma relíquia de São Pedro serve para atrair mercenários para

¹³ José Dalmo Fairbanks Belfort de Mattos, ao tratar do conceito de “guerra justa” em Santo Agostinho, demonstra como a injustiça de um reino ilegítimo traz graves danos a paz, e como e a guerra é então necessária para o reestabelecimento da justiça e, conseqüentemente, da paz daquele reino (MATTOS, 1964, p. 60-61).

¹⁴ No original: “None of these arguments really affected the line of succession in England; but the fact that William believed they did, and that he was able to persuade a vast number of other people to hold the same belief, was to be of the utmost importance when the time became ripe”.

sua hoste, já que esses homens, apesar de cederem suas habilidades violentas em troca de ganhos, também se preocupavam com a salvação de suas almas. Essa motivação de que não estariam participando de uma luta injusta da qual teriam de se penitenciar depois também influencia a adesão dos próprios vassalos de Guilherme, temerosos de estarem conduzindo uma guerra perdida.

Enquanto isso ocorre, Tostig Godwinson e Haroldo Hardrada iniciam sua investida contra a Inglaterra. Haroldo Godwinson está ciente, nesse momento, de que Guilherme logo atacará, e espera ser atacado pelo sul primeiro, porém seu irmão é mais rápido. Hardrada e Tostig invadem pela região da Northumbria, que após um confronto se submete ao invasor. O rei inglês é forçado a mobilizar as tropas que se encontravam no sul para o norte, e ambas as forças se encontram na Batalha da Ponte de Stamford. Tostig e Haroldo Godwinson ainda tentam entrar em um acordo, já que o rei inglês está ciente de que quanto menos tropas perder, melhor poderá enfrentar as forças de Guilherme. Haroldo Hardrada, contudo, não seria poupado, o que acarreta a impossibilidade de uma paz pela diplomacia – o irmão exilado não abandona seu aliado de maneira covarde. A luta entre os irmãos é encarniçada, mas Haroldo surge como vencedor, matando Hardrada e Tostig (DEVRIES, 2009, p. 21; 24). O fato de agora ser um fraticida daria ainda mais peso à causa de Guilherme, que já argumenta que Haroldo era um vassalo perjuro e um rei ilegitimamente coroado pelas mãos de Stigand.

A vitória do rei inglês tem um grande preço em homens, os quais ele não é capaz de substituir. Ademais, a desconfiança característica dos nobres da Northumbria faz com que estes politicamente se recusem a unir suas tropas às tropas do rei quando o exército voltasse a marchar para o sul, pois alegam não terem a obrigação de proteger uma região tão distante do reino. Isso acaba por desfalcas o exército de Haroldo de uma quantia considerável de tropas inglesas, em especial de arqueiros e outros artilheiros, quando enfrentasse Guilherme (GRAVETT, 1973, p. 17).

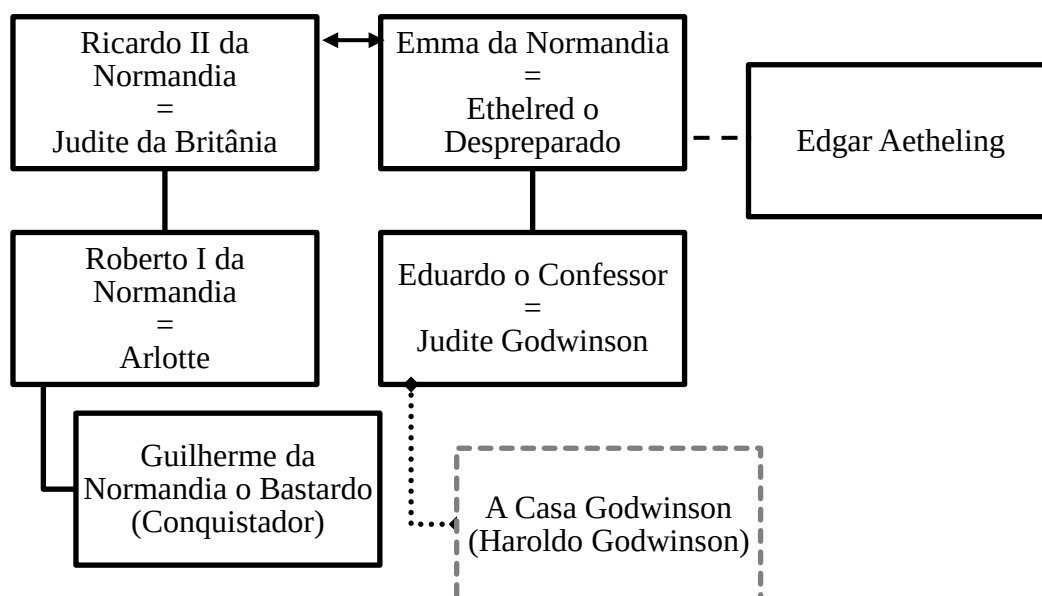
Pouco tempo depois, o duque normando consegue cruzar o Canal da Mancha com suas forças, e através da marcha forçada Haroldo alcança o exército invasor próximo à região de Hastings. Uma última tentativa diplomática é feita, porém infrutífera, e a Batalha de Hastings inicia-se em 14 de outubro de 1066. A luta é difícil para ambos os lados, e esse confronto apresenta uma pequena vantagem numérica para Haroldo, mas o uso da arquearia e de táticas avançadas de cavalaria contra os ingleses

que não detêm essas mesmas capacidades possibilita a vitória de Guilherme (BRIGGS, 1998, p. 59). O duque normando derrota o único homem com força o bastante para contestar seu trono, e com suas forças continua a combater quaisquer nobres ingleses que se opõem a seu reinado.

Guilherme é finalmente coroado em Londres no natal de 1066, e a atuação normanda mudará os destinos da Inglaterra, sobretudo no que se refere às relações feudo-vassálicas, submetidas a uma política mais centralizadora por parte do rei. Em última instância, “todas as terras pertenciam à Coroa, e todos os grandes proprietários a quem Guilherme entregou terras eram considerados <<arrendatários vassalos>>.” (BRIGGS, 1998, p. 64).

Para melhor compreensão das relações políticas do reino da Inglaterra, elaboramos o seguinte fluxograma.

Fluxograma – As relações políticas do trono inglês



O fluxograma acima mostra a ascendência de Guilherme e as relações políticas em relação ao trono inglês. Guilherme e Eduardo possuem uma mesma raiz genealógica, já que Ricardo II da Normandia e Emma são irmãos. A ligação da casa dos filhos de Godwin (Godwinson) para com o trono inglês se dá por meio da vassalidade e do casamento de sua irmã Judite com Eduardo. Concomitantemente, Edgar Aetheling é bisneto de Ethelred, o Despreparado, descendendo do primeiro casamento daquele rei, já que Emma da Normandia fora sua segunda esposa. Esta, entretanto, impedira que os filhos do primeiro casamento de Ethelred fossem escolhidos para ascender ao trono, favorecendo Eduardo para essa posição.

1.2. As fontes para o estudo da Batalha de Hastings

Nossa análise é fundada na observação de três fontes contemporâneas aos eventos da Batalha de Hastings, criadas ou modificadas após seu desfecho. Considerando as alterações sociais que a mudança governamental implicou, a mentalidade dos ingleses e normandos do século XI é de tal magnitude que esses eventos são reconhecidos como modificadores do *status quo*, e, portanto, dignos de nota, registro e propagação a pessoas futuras.

É preciso observar que as fontes são, primariamente, reflexo da visão de mundo de seus criadores, obedecendo aos seus parâmetros sociais, políticos e religiosos. Tendo em vista esse pressuposto, o historiador deve estar ciente de que elas não têm por finalidade necessariamente representar a realidade, mas também projetar os desejos que o autor procura impingir a seus leitores e ouvintes. Para os criadores da *Tapeçaria de Bayeux* e da *Crônica de Guilherme de Poitiers*, cujas obras possuem grande visibilidade e alcance, existe a intenção de se exaltar a figura de Guilherme, o Conquistador, intenção que pode muito bem servir ao monarca como propaganda política. José Manuel Nieto Soria define propaganda como “el conjunto de los procesos de comunicación por cuyo medio se difunden los valores, las normas y las creencias que forman las ideologías políticas” (1988, p. 42). Logo, é possível entender tanto a *Tapeçaria* quanto a *Crônica de Guilherme* como propaganda, alicerçada em três objetivos: o de se justificar uma política que não é aceita de maneira unânime; apoiar ou criticar um determinado sistema político (por vezes questionar o anterior ao mesmo tempo em que se reforça o atual); e exaltar o sentimento de pertencimento a dada comunidade política.

1.2.1. A Tapeçaria de Bayeux

A primeira e mais extensa das fontes analisadas é a *Tapeçaria de Bayeux*, um longo trabalho em linho e lã, com cerca de 70 metros de comprimento por ½ metro de largura, cujas linhas possuem cores como amarelo, marrom-amarelado, verde claro e escuro, verde-azulado, azul e cinza (HICKS, 2007, p. 43-44). Um feito de tal magnitude para sua época exige uma quantidade de linho, lã e tinturas de alta qualidade

e valor, tornando-a um objeto de considerável valor monetário em sua época, e que sobreviveu a possíveis roubos por não ter sido feita em ouro e prata.

A primeira menção à *Tapeçaria de Bayeux* vem de um inventário da Catedral de Notre-Dame de Bayeux no ano de 1476, onde então já era considerada uma relíquia, sendo posta em demonstração ao público regularmente, junto a outras relíquias da Igreja. Sua existência não atraiu grande atenção durante os anos seguintes, o que provavelmente fez com que sobrevivesse aos ataques dos huguenotes franceses no ano de 1562, até ser “redescoberta” a partir do maior interesse por documentos históricos do século XVIII, no movimento dos antiquários. Sobrevivendo novamente à Revolução Francesa em 1792 – onde, graças à sua maior proeminência e por ser uma relíquia da Igreja, tinha sido considerada digna de se tornar um pano de proteção para carroças pelos revolucionários –, a Tapeçaria foi movida para Paris, onde atraiu a atenção de figuras como Napoleão Bonaparte, na esperança de utilizá-la como peça de propaganda para a invasão da Inglaterra. No século XIX, após ser novamente esquecida pelo público, foi mais uma vez “redescoberta”, registrada por Charles Stothard, e passou por uma restauração e possível alteração de algumas de suas partes. Durante a Segunda Guerra Mundial, com a ocupação da França pela Alemanha Nazista, Himmler procura transferir a *Tapeçaria de Bayeux* para a Alemanha, mas sem sucesso ante a contraofensiva das forças aliadas e dos rebeldes franceses; após a guerra, a Tapeçaria retorna a Bayeux, onde permanece até hoje em um museu devotado a ela (HICKS, 2007, p. 298).

A *Tapeçaria de Bayeux* detém certas particularidades em seu estudo por ser uma das poucas fontes sobreviventes de seu gênero da Idade Média, qual seja, o narrativo imagético em tecido. Em toda a sua extensão, é contada uma história que segue uma ordem cronológica de início, meio, fim e enredo coerente, utilizando-se primariamente de imagens, tanto centrais quanto marginais, e secundariamente frases em latim, possivelmente para que religiosos e outros letrados pudessem explicar a história ali contida de maneira mais detalhada para os iletrados, assim como servir de lembrete para os próprios leitores. Enquanto imagem laica, objetiva instruir aqueles que a veem de maneira semelhante às imagens religiosas que tem por desejo instruir e rememorar os acontecimentos da fé cristã (SCHMITT, 2006, p. 603). Tal perspectiva é reforçada pela existência das frases em sua extensão, que remetem às imagens, complementando-as de

forma tal que caso a história fosse esquecida e incapaz de ser rememorada tais escritos permitiriam evocar novamente os acontecimentos através da leitura do texto.

Narrando parte da história de Guilherme e de como este se tornou rei da Inglaterra, a Tapeçaria se origina de um ponto de vista obviamente normando. A história se inicia no momento em que Haroldo Godwinson fala com o rei Eduardo, o Confessor, antes de viajar para a Normandia, e se estende até a fuga dos ingleses do campo de batalha de Hastings – a parte do final da Tapeçaria perdeu-se no tempo, embora exista alguma expectativa de que o evento que finaliza a história contada seja a coroação de Guilherme, o Conquistador, como rei da Inglaterra.

Essa narrativa principal, entretanto, não é a única informação presente na construção dessa fonte. A Tapeçaria possui bordas inferiores e superiores, separadas da história principal por linhas, e nessas bordas estão caracterizadas imagens variadas, incluindo animais, pessoas, símbolos, plantas, oceanos, ferramentas, armas, corpos, veículos e alusões a fábulas. Por vezes, essas bordas também desaparecem, sendo substituídas pela narrativa principal, porém em outros momentos elas são um meio de compreensão secundária para a história de Guilherme e Haroldo (MCNULTY, 2003, p. 23).

Embora essa fonte seja chamada de Tapeçaria, trata-se na realidade de um bordado pela forma com que esse documento foi criado: tapeçarias são tecidas desde sua concepção para que as formas e imagens sejam um componente intrínseco do feitiço, enquanto que no bordado existe um tecido original básico, sem imagens, nas quais posteriormente as imagens e formas são adicionadas e cosidas no lugar, o que ocorre com a *Tapeçaria de Bayeux*. Dessa maneira podemos afirmar que se trata de um bordado feito para ser pendurado (THORPE, 1973, p. 57).

Não existem registros de onde, quando e por quem a Tapeçaria foi costurada, assim como não há registro de quem a ordenou. A tradição original é de que a esposa de Guilherme, Matilda de Flandres, criou-a como um presente a seu marido pela vitória (ABBOT, 2009, p. 100-101). Embora não existam críticas contundentes contra a proposta de que a Tapeçaria foi criada ainda na contemporaneidade da Batalha de Hastings e dos outros eventos narrados (ou ao menos no tempo das testemunhas oculares destes), hodiernamente a criação pelas mãos de Matilda é descartada, preferindo-se a possibilidade de que esse documento foi cosido por uma oficina de

artistas inglesas ou de um grupo de religiosos ingleses, ou ambos (no caso de uma oficina de monjas bordadeiras). Essa teoria seria corroborada por algumas das palavras utilizadas e como estas foram escritas, como o nome GYRTH sendo escrito na forma inglesa GYRD (THORPE, 1973, p. 58). Interessantemente, isso demonstraria certa tensão, pois seria um trabalho feito por mãos inglesas em comemoração a uma conquista estrangeira de sua terra. Para essa teoria, no entanto, existe a contestação de Wolfgang Grape, em sua obra *The Bayeux Tapestry*, em que procura defender a possibilidade do feitiço ter ocorrido no continente devido às proximidades e influências artísticas daqueles povos, mas a atual disponibilidade de materiais comparativos não permite chegar a tal conclusão.

Em relação a quem ordenou a criação da Tapeçaria, especula-se que o meio-irmão de Guilherme, o bispo Odo de Bayeux, seja o principal suspeito (BARTHÉLEMY, 2010, p. 249), embora Carola Hicks apresente-nos a possibilidade da viúva de Eduardo o Confessor, Judite Godwinson (HICKS, 2007, p. 29). A narrativa apresentada nesse documento teria sido uma forma de exaltar a conquista do seu parente e assim adquirir prestígio e favorecimento, embora também apresente uma participação importante do próprio bispo Odo na história contada. Essa autoexaltação seria um dos motivos pelo qual se suspeita desse homem, bem como pelo fato de que a Tapeçaria se tornou uma das possessões da Catedral de Bayeux, local de seu prelado. Para Judite a argumentação é semelhante, na qual ela busca adquirir prestígio com o novo rei, sendo a Tapeçaria então um trabalho costumeiramente feminino. Concomitantemente, tendo Judite grande influência sobre a população que amava os Godwinson, sua aliança política seria muito bem aceita por Guilherme quando do período de adaptação da população inglesa.

A Tapeçaria apresenta a conquista de Guilherme de um ponto de vista obviamente normando e serve como justificação da conquista. O público alvo de sua narrativa é não apenas Guilherme, mas também seus cavaleiros normandos, exaltando-os, e seus novos súditos ingleses, apresentando uma história em que sua conquista aparece como um desígnio divino e uma punição pela traição vassálica de Haroldo (LEWIS, 1999, p. 22). A narrativa faz uso de várias táticas para isso, desde a afirmação direta por meio de texto e imagem, até as representações das fábulas e criaturas no

cabeçalho e rodapé da história, passando por momentos de ausência de explicações, de “silêncio”, que os contemporâneos compreenderiam tacitamente (LEWIS, 1999, p. 32).

Considerando esse papel de visibilidade e de rápida compreensão, sem a necessidade da leitura como instrumento principal de compreensão da narrativa relatada pela *Tapeçaria de Bayeux*, essas imagens oferecem a Guilherme a possibilidade de disseminar os valores de sua nova sociedade para um número considerável de pessoas, o que é confirmado pela exposição da Tapeçaria nos dias de demonstração pública anual na Catedral de Bayeux. Os apreciadores, portanto, são desde as pessoas mais comuns até religiosos e estudiosos do latim, que ajudariam a propagar a mensagem desse bordado.

A história que a fonte apresenta não oferece todos os detalhes dos acontecimentos ingleses, tendo como foco a relação entre Guilherme e Haroldo, o que os levou a se tornarem inimigos. Por exemplo, a luta entre Tostig e Haroldo Godwinson, apesar de ter sido um fator importante para a derrota deste último, e também servir como um motivo a mais para destronar Haroldo – fratricídio –, não recebe qualquer menção. Da mesma maneira, o fato que Guilherme possui como reféns o irmão e o sobrinho de Haroldo não é mencionado (BARTHÉLEMY, 2010, p. 230). A questão hereditária de Guilherme também não é dita, e aparentemente esse é um conhecimento que os criadores da Tapeçaria deduzem que os leitores têm. Pequenos episódios que não possuem qualquer explicação textual, como o fato de Haroldo entrar em uma igreja na Inglaterra, ou um interlúdio de um homem tonsurado religioso tocando uma mulher chamada Aelfgyva, mostram novamente esses “silêncios” nos quais o conhecimento prévio dos leitores era presumido e necessário.

A Tapeçaria serviu como fonte para inúmeras pesquisas, como uma das poucas narrativas contemporâneas da conquista normanda, assim como base para a pesquisa das armas, armaduras, cavalos e táticas de batalha dos cavaleiros de sua época. O estudo de seu material apresenta as matérias-primas utilizadas e disponíveis na época e o nível da técnica da tecelaria e da química referente às cores utilizadas. Nossa proposta é que a *Tapeçaria de Bayeux* representa um instrumento de propaganda a serviço da conquista de Guilherme, não querendo apenas enaltecer os feitos normandos, mas também subrepticamente modificar a opinião dos conquistados em relação a seu novo rei.

1.2.2. A Crônica de Guilherme de Poitiers

Igualmente contemporânea aos eventos da Batalha de Hastings é a *Gesta Guillelmi Ducis Normannorum et Regis Anglorum*, ou *História de Guilherme, Duque dos Normandos e Rei dos Ingleses* (THORPE, 1973, p. 25). Esta se trata de uma crônica narrativa, que busca apresentar a vida de Guilherme de forma a exaltar os seus feitos, comparando-o a imperadores e guerreiros valorosos do conhecimento medievo da Antiguidade e de lendas e mitos. De cunho claramente pró-normando, essa fonte é considerada a mais completa descrição contemporânea da Batalha de Hastings, com a qual podemos compreender outras passagens presentes, sem explicação, da *Tapeçaria de Bayeux* quando relacionada aos eventos anteriores e concomitantes do embate. É passível de nota que essa obra possa ter sido influenciada ou ter influenciado as outras fontes escritas relativas à Batalha de Hastings, como a *Gesta Normannorum Ducum*, ou *História dos Duques dos Normandos*, de Guilherme de Jumièges, além da própria *Tapeçaria de Bayeux*, mas considerando as atuais fontes disponíveis, a tentativa de estabelecer essas influências se torna difícil.

A natureza da crônica estabelece sua importância em uma sociedade em que a religião é fundamentada em uma coleção de livros, a Bíblia. O texto escrito garante aos relatos verbais e ao conhecimento dos letrados uma permanência que, de outra forma, poderia acabar por se modificar ou se perder. Deveras, a leitura de crônicas era uma forma comum de se aproximar do texto escrito, tanto da Bíblia quanto de um poema ou uma narrativa (ZUMTHOR, 1993, p. 61). Isso implica que, embora apenas os letrados tivessem acesso ao texto, um maior número de pessoas pudesse conhecer o conteúdo desses trabalhos graças à leitura em voz alta. No caso específico da *Crônica de Guilherme de Poitiers*, esta seria lida e ouvida pelos nobres ligados à família de Guilherme, sua corte tanto normanda quanto inglesa. Para o rei normando, essa leitura serviria a um propósito de seu interesse pois é um lembrete constante à sua família e vassalos do seu poder e perspicácia, em um verdadeiro trabalho propagandístico para reafirmar seu modelo político e social pós-conquista.

Diferentemente da *Tapeçaria de Bayeux*, a *Crônica de Guilherme de Poitiers* tem seu autor claramente definido: o capelão de Guilherme, o Conquistador, um normando nascido em Préaux e que veio de uma juventude em que atuou como

guerreiro. Embora não participe diretamente da Batalha de Hastings, Guilherme de Poitiers possui contato direto com os agentes presentes naquele momento. Sua posição como capelão de Guilherme faz com que possa entrar em contato com variados tipos de testemunhas dentro de sua corte, e seu passado como guerreiro faz com que compreenda ao menos as circunstâncias nas quais os combatentes e o exército normando atuam durante a guerra, levando-o a observar as campanhas e ações de Guilherme a partir de um ponto diferenciado daquele de um escritor eclesiástico que nunca tivesse experimentado a vida militar.

Nesse sentido, considerando as descrições das personagens atuantes na crônica, a elaboração desse texto é passível de ser estabelecida na década de 1070, possivelmente entre os anos de 1073 e 1074 (THORPE, 1973, p. 32). Infelizmente, ela não sobreviveu em sua plenitude à ação do tempo, e a atual fonte a que temos acesso foi inicialmente encontrada em um manuscrito pertencente a Sir Robert Cotton, no ano de 1619, fonte que também se perdeu. A versão atual é baseada na cópia daquele manuscrito, feita por André Du Chesne e publicada em *Historiae Normannorum scriptores antiqui* (ou *Escritores da História antiga dos Normandos*). Já este estabelece que a obra se iniciara no meio de uma frase e terminara no meio de outra frase, tendo seu início e seu final perdidos, e inicia a narração com a morte do rei Cnut, em 1035, até o assassinato de um dos vassalos de Guilherme, o Conde Copsi da Northumbria, em 1067. As descrições relativas à Batalha de Hastings podem ser percebidas em momentos semelhantes aos da *Tapeçaria de Bayeux*, começando por uma descrição da condição de Eduardo, o Confessor, a viagem de Haroldo Godwinson até a Normandia, seu resgate e sua participação na guerra contra os bretões, seu juramento, a morte de Eduardo e a coroação de Haroldo, as tentativas diplomáticas e a preparação da guerra, até afinal a batalha em si, onde Haroldo finalmente é morto.

1.2.3. A Crônica Anglo-Saxônica

A última fonte, diferentemente das duas anteriores, não é uma criação contemporânea à Batalha de Hastings, perpassando por séculos antes da invasão de Guilherme, porém incorporando tal acontecimento. Trata-se da *Crônica Anglo-Saxônica*, uma coleção de vários manuscritos criados como calendários para ajudar a

contabilizar a passagem do tempo e estabelecer a data correta para a celebração da Páscoa (GARMONSWAY, 1990, p. XVIII) e que depois se tornaram registros históricos e anais dos acontecimentos da história da Inglaterra. Escritos entre os séculos IX-XII por religiosos e eruditos ingleses, mantidos em mosteiros e abadias, esses textos contam a história dos povos anglo-saxões que habitam a Inglaterra.

O estabelecimento de centros religiosos na Inglaterra do século IX é concomitante às incursões vikings, bem como está inserido em um contexto político onde existia grande independência entre as variadas regiões anglo-saxônicas. Isso acarretava a necessidade da autossuficiência política, por vezes mesmo econômica, de ducados, condados e demais delimitações administrativas, das quais as abadias e mosteiros muitas vezes eram suseranos por doações reais e de nobres.

Tendo em vista o longo tempo de duração e manutenção dessa fonte, isolada em vários locais diferentes e por instituições diversas, não é possível atribuir a criação desses manuscritos a uma única pessoa, embora a tradição dessas crônicas, se iniciadas verdadeiramente no século IX, estão relacionadas a um contexto histórico do rei Alfredo, o Grande, que teve como uma de suas características de governo o apoio e o investimento nas artes e na escrita (GARMONSWAY, 1990, p. XXVIII). Os manuscritos existentes não possuem necessariamente correlação direta entre si, visto que cada instituição mantinha um manuscrito próprio e o mantinha efetivamente conforme seus escritores o desejassem. A reunião desses manuscritos em uma grande crônica, entretanto, permite a observação de variados acontecimentos e de vieses diferenciados entre os autores, complementando-se ou discordando uns aos outros referentes à história do povo anglo-saxão.

Os variados manuscritos, reunidos na *Crônica Anglo-Saxônica*, são baseados em cópias sobreviventes de manuscritos ainda mais antigos, dos quais infelizmente nenhuma cópia autêntica subsiste. Através dos estudos da filologia e de referências cruzadas, entretanto, podemos determinar a contemporaneidade deles para com os séculos acima descritos, e pela existência de sete manuscritos principais. Destes, alguns são cópias posteriores dos outros que sofreram então adições independentes a partir de certos anos, sendo, portanto, manuscritos copiados de abadias mais antigas quando da criação de outras mais novas (GARMONSWAY, 1990, p. XXXIII). Esses manuscritos, desde o mais antigo até o mais novo, são: o Manuscrito A, chamado de Crônica de

Parker; os Manuscritos B e C, unidos na chamada Crônica de Abingdon; o Manuscrito D, a Crônica de Worcester; o Manuscrito E, a Crônica de Peterborough, ou Crônica da Lauda; e o Manuscrito F, a Epitome Bilíngue de Canterbury.

Os primeiros eventos narrados datam do século I, muito anteriores à contemporaneidade dos escritores, porém perpassam os séculos IX e X e se estendem ao século XII. Esse fato providencia uma das únicas fontes acerca da história inglesa após a saída do Império Romano até as primeiras décadas da invasão normanda. Os manuscritos apresentam os anos e os respectivos eventos que os marcaram, às vezes sucintamente, outras, extensamente, tendo como foco os feitos dos homens de importância ou os eventos naturais que causam grande ruína ao reino, normalmente considerados como sinais da ira divina. Os eventos anteriores à invasão de Guilherme e a sua vitória são retratados, e essa fonte proporciona uma possível visão dos “derrotados” sobre a ocupação normanda – assim como de conquistados favoráveis a seu novo jugo.

Diferentemente da *Tapeçaria de Bayeux* e da *Crônica de Guilherme de Poitiers*, a *Crônica Anglo-Saxônica* não havia sido criada para ser lida ou ouvida por um grande público, haja vista que a vida monacal era afastada da vida laica mais populosa, tornando sua capacidade propagandística pouco efetiva. Para os monges que compuseram essa crônica, o registro de eventos nos anos em que se passavam tinha outros objetivos, tais como compreender o que pensavam ser os desígnios divinos revelados na história. Isso é possível de se perceber quando a Inglaterra é conquistada por Guilherme – para a *Crônica Anglo-Saxônica*, tal evento ocorre por causa dos pecados do povo inglês, o que na concepção monacal significa maiores períodos de retiro, jejum, oração, penitência e exortação aos laicos para tentar se apagar tal mácula da alma coletiva inglesa¹⁵. Todavia, a ligação que os superiores monásticos poderiam ter

¹⁵ Os pecados da nação e o temor pelo futuro da Inglaterra são constantemente mencionados, como na seguinte passagem após a vitória de Guilherme em Hastings: “Duke William returned to Hastings, and waited there to see if there would be any surrender; but when he realized that none were willing to come to him, he marched inland with what was left of his host, together with reinforcements lately come from overseas, and harried that part of the country through which he advanced until he came to Berkhamsted. There he was met by bishop Ealdred, prince Edgar, Earl Edwin, earl Morcar, and all the best men from London, who submitted from force of circumstances, but only when the depredation was complete. It was great folly that they had not done so sooner when God would not remedy matters because of our sins.” Tradução: “Duque Guilherme retornou para Hastings, e lá esperou para ver se haveria alguma rendição; mas quando ele percebeu que ninguém estava disposto a ir até ele, ele marchou campo adentro com o que havia sobrado de seu exército, junto a reforços que vieram posteriormente pelo mar, e fustigou aquela parte das terras por onde avançou até chegar a Berkhamsted. Ali ele foi recebido pelo bispo Ealdred, pelo

para com a nova corte inglesa faz com que alguns de seus manuscritos sejam favoráveis ao rei normando, expressando os pensamentos políticos que esse novo grupo no poder busca propagar a seus novos súditos. Nisso vemos, portanto, a *Crônica Anglo-Saxônica* não como instrumento de propaganda política, mas como possível receptora dessa propaganda.

1.3. As fontes anglo-normandas como propaganda política

Considerando a contemporaneidade da criação da *Tapeçaria de Bayeux* e da *Crônica de Guilherme de Poitiers*, assim como sua origem normanda, cada uma delas teve, levando em conta os meios midiáticos por elas utilizados, a capacidade de influenciar o imaginário daqueles que as ouviam e observavam. Em especial, a *Tapeçaria de Bayeux* possui grande capacidade propagandística, utilizada tanto durante sua contemporaneidade quanto por homens de séculos posteriores (HAGEN, 2005, p. 25).

Quando coroado rei da Inglaterra, Guilherme da Normandia tem pleno conhecimento de que sua presença não é necessariamente bem-vinda por aqueles que considera seus vassalos e servos por direito de herança. Pelo contrário, o próprio fato de ter de invadir aquilo que vê como seu já estabelece a resistência inglesa para com o governo estrangeiro, após resistirem durante séculos às incursões vikings. A escolha do *witenagemot* por um líder considerado inglês de nascença, Haroldo Godwinson, é apenas reflexo dessa noção de territorialidade, e apenas a região da Northumbria tem a capacidade de lidar com um governo estrangeiro, visto sua obtenção relativamente recente pelos vikings, dos quais os normandos são apenas um grupo posterior. Mesmo essa região acaba por ser contrária a Guilherme, temerosa de perder sua soberania e

príncipe Edgar, pelo conde Edwin, pelo conde Morcar, e todos os bons homens de Londres, que se submeteram diante das circunstâncias, mas apenas quando a destruição já estava completa. Foi uma grande tolice que eles não o fizeram [sua rendição] mais cedo quando Deus não remediaria tal situação por causa de nossos pecados.” Posteriormente, quando Guilherme volta para a Normandia, ele deixa alguns homens de confiança até seu retorno: “Bishop Odo and earl William were left behind here, and they built castles far and wide throughout the land, oppressing the unhappy people, and things were ever from bad to worse. When God wills may the end be good.” Tradução: “Bispo Odo e conde Guilherme foram deixados aqui, e eles construíram castelos a largo através das terras, oprimindo o infeliz povo, e as coisas se foram de mal a pior. Queira Deus que o fim seja bom.” Grifos nossos. THE ANGLO-SAXON CHRONICLE, 1990, p. 200.

quase independência que exercia relativa à Londres e aos condados do centro-sul (GRAVETT, 1994, p. 85).

Diante desse quadro, a conquista de Guilherme deve se pautar não somente por um controle militar, mas também deve ser capaz de dialogar e absorver os poderes sobreviventes de um reino, que embora rendido após a vitória normanda, ainda possui a capacidade de resistir futuramente. Com 38 anos de idade quando de sua chegada em Hastings, o novo rei está ciente de que deve empreender a tarefa de controlar o reino anglo-saxônico de forma tal que seus descendentes tenham que lidar com o mínimo de dissidência, e que não possui todo o tempo que deseja para tal projeto.

Dessa forma, a nova ordem social estabelecida modifica as estruturas de poder, redistribui as terras anteriormente pertencentes aos nobres ingleses mortos ou foragidos da Conquista, e novas promessas de suserania e vassalagem são feitas. Mas angariar a simpatia dos subordinados é uma tarefa diferente dessas ações políticas, por vezes meramente simbólicas e insinceras. Para ser visto como digno de ocupar o trono inglês, é necessário o uso de outras ferramentas, tal qual a propaganda.

Não apenas deve a propaganda existir para exaltar a ação dos guerreiros normandos, os quais correram grande risco e necessitam de reafirmações de sua lealdade e bravura para manterem-se contentes e fiéis, mas é necessária a conquista da simpatia inglesa, a atenuação de seu desprezo e de sua resistência, para os melhor governar. Nesse sentido, a *Tapeçaria de Bayeux* apresenta uma técnica narrativa importante, que se denomina por “silêncio” (LEWIS, 1999, p. 30-31). Os criadores da Tapeçaria, cientes de que a apresentação de um discurso que afrontasse a realidade e o pensamento inglês seria rechaçado *a priori*, optam por deixar de retratar certas passagens consideradas polêmicas nessa história de Guilherme e Haroldo. A imagem é existente por si, e pouca ou nenhuma menção direta é feita a seu conteúdo, o que permitiria ao homem medieval estabelecer, consciente ou inconscientemente, seu pleno significado (LEWIS, 1999, p. 32). Isso permite a condução da narrativa de forma tal que um apreciador inicialmente resistente a uma obra normanda, em realidade, acaba por se permitir a leitura em sua plenitude, e a possível chegada de uma conclusão semelhante a que os autores pretendem incutir, em especial visto seu grande alcance de público pela facilidade de não ser necessário saber ler para entender as imagens. Para os iletrados, a

imagem exposta serve portanto como um ensino da história de seu senhor, o qual tem autoridade e direito sobre seus trabalhos e frutos pela sua vitória no passado.

Tal “silêncio” é notável particularmente em duas passagens importantes para a narrativa. Sua primeira utilização ocorre no início da Tapeçaria, quando o então conde Haroldo Godwinson se encontra com o rei Eduardo, o Confessor. A imagem retrata este último, soberanamente sentado em seu trono, com o dedo em riste apontando para um homem de bigode que, no decorrer da narrativa, se identifica com a figura de Haroldo Godwinson. A única inscrição existente é “EDVVARD REX”, “rei Eduardo”, e nada mais. Para os observadores medievais, é possível levantar a indagação do porquê tal cena aparecer já em seu início, pois Eduardo nunca fora considerado um rei enérgico, mas aqui ele soberanamente aponta para seus vassallos de maneira acusativa (Figura 1).



Figura 1 – Rei Eduardo (EDVVARD REX) e seus vassallos em um castelo.
Fonte: GRAPE, 1994, p. 91.

Se pensarmos nos dois imaginários então conflitantes da Inglaterra recém-ocupada, percebemos que tal silêncio serve tanto aos normandos quanto aos anglo-saxões. Se em uma tradição normanda esse momento simboliza a missão que Eduardo dá a Haroldo, de levar a mensagem de que este último será rei da Inglaterra, também

permite a tradição inglesa em que Eduardo está impedindo que Haroldo viaje para visitar seus parentes, pois do contrário grandes males ocorrerão. O autor da Tapeçaria imiscui-se da obrigação de informar qual das duas histórias está correta, deixando-a ao bel prazer do leitor. Se a leitura for conforme a visão normanda ou a visão inglesa pouco importa, porque o resultado já é conhecido – a vitória de Guilherme –, e a forma como a vitória alcançada é apresentada, no entanto, poderá influenciar a opinião sobre o novo rei da Inglaterra. Essa proposta de apresentação de uma história sem ferir escancaradamente quaisquer eventuais sentimentos favoráveis a Haroldo acaba por ser uma característica útil para seu papel enquanto propaganda política, já que: “Os subtextos transgressivos dessa forma funcionam como uma estratégia enganosa, mas efetiva para conquistar as plateias inglesas para o governo normando” (LEWIS, 1999, p. 73).

Outros momentos não explicados se seguem a esse na narrativa da Tapeçaria, como a demonstração de poder de Haroldo com seus cavalos, cães e falcões; sua visita à igreja de Bosham; ou sua posterior chegada à Inglaterra, após sua estadia como prisioneiro e hóspede. Nesta, ele aparece extremamente curvado diante de Eduardo, sem qualquer explicação – demonstração de subserviência falsa, porque futuramente rouba a coroa de Guilherme, ou sincero comportamento para desculpar-se por desobedecer às ordens de seu suserano? Novamente, as visões normandas e anglo-saxônicas podem ser utilizadas conforme a necessidade ou predisposição do leitor, e ambas acarretarão a confirmação posterior do destino desses personagens, Guilherme e Haroldo.

O segundo momento importante no qual o “silêncio” impera é o mais debatido da narrativa pelos invasores e pelos nativos: a morte de Eduardo e suas palavras finais com a consequente coroação de Haroldo (GRAPE, 1994, p. 56). O ponto principal da discórdia refere-se às últimas palavras de Eduardo antes de falecer, que tomam características distintas conforme a tradição conhecida. Se o leitor é simpático às causas normandas, talvez pense que as últimas palavras de Eduardo para Haroldo, que estava entre os fiéis mais próximos, era de que mantivesse o reino inglês seguro contra qualquer invasor até a chegada do herdeiro legítimo, Guilherme. Já para os anglo-saxões, e mesmo para alguns escritores normandos, Eduardo expressa o desejo de que Haroldo Godwinson se torne o rei da Inglaterra – seja por uma benevolência para que o povo inglês seja governado por um dos seus, seja por um delírio de último momento,

seja por um desejo egoísta de Haroldo que o rei, cansado, faz cumprir para, no entanto, o avisar de que grandes males ocorrerão por causa disso. Em ambos os casos, o toque das mãos de Eduardo com a outra figura (Figura 2), que se supõe ser Haroldo, estabelece essas últimas palavras dirigidas especificamente a ele, e influenciam a maneira como ele lidará com a oferta que os nobres lhe fazem, da própria coroa inglesa (LEWIS, 1999, p. 108-109).

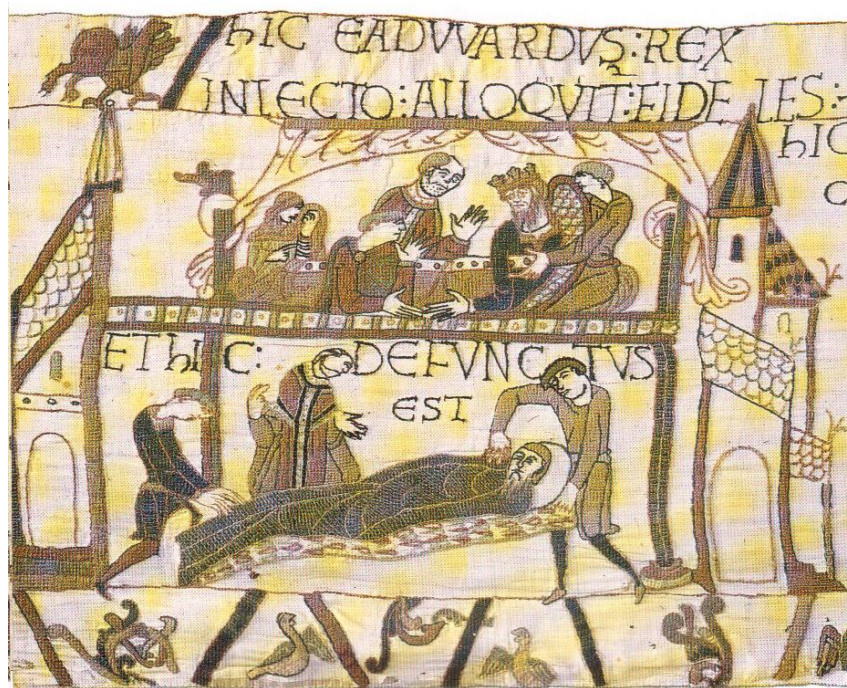


Figura 2 – A morte de Rei Eduardo. A inscrição diz: HIC EADVARDVS REX IN LECTO ALLOQVIT FIDELES / ET HIC DEFVNCTVS EST. Tradução: Aqui Rei Eduardo, em seu leito, dirige-se a seus fiéis (seguidores); e aqui ele está morto.

Fonte: GRAPE, 1994, p.122.

No contexto normando, a coroação de Haroldo é característica da quebra de não apenas uma, mas de várias promessas feitas tanto a Guilherme quanto a Eduardo, promessas sagradas de vassalagem, casamento e dos últimos desejos de um homem quase santo em seu leito de morte. Para os anglo-saxões, mesmo se considerarmos que o último desejo de Eduardo é a coroação de Haroldo, existe ainda a sagrada promessa feita para Guilherme na Normandia, em que jurava ser seu vassalo. Isso torna a quebra da promessa mais suportável, porém ainda assim um destino terrível, transformando Haroldo em uma figura trágica, dividido entre duas promessas a dois suseranos, e tendo que escolher a qual trair. E a traição, máximo crime medievo, só possui uma pena, a morte.

A construção da narrativa, por conseguinte, induz a leitura de que a derrota de Haroldo era a única alternativa possível às ações que ele toma. Para os vencedores, se torna a justificação para sua guerra e recompensa por sua vitória, enquanto que para os perdedores se torna castigo pelas ações de um homem, ocorrido por decisões infelizes e trágicas e das quais o reino só poderá se corrigir pela obediência ao novo rei. Rei este que o é pela aprovação divina, como nos demonstra a *Crônica Anglo-Saxônica*: “Rei Haroldo foi morto, e Leofwine, seu irmão, e o conde Gurth, seu irmão, e muitos bons homens. Os franceses tiveram posse do local da carnificina, conforme Deus lhos garantiu por causa dos pecados da nação” ¹⁶ (THE ANGLO-SAXON CHRONICLE, 1990, p. 199).

A construção política de Guilherme, o Conquistador, também está presente em outras fontes normandas, em especial na *Crônica de Guilherme de Poitiers*, cuja principal característica é a de exaltar os feitos de seu suserano e demonstrá-los na mais benéfica possível das luzes diante de seu público, quais sejam, os nobres ligados à Normandia e à Inglaterra pós-Conquista. Considerando que a leitura no medievo possui um menor alcance, isso significa também que as ferramentas e a narrativa diferem daquelas utilizadas pela *Tapeçaria de Bayeux*. Naquela, um grande público pode apreciá-la, público muito diverso de opiniões e que pode se ressentir da nova realeza e nobreza; na *Crônica*, a exaltação ao rei serve ao propósito de torná-lo uma figura admirável, um líder político imbatível digno de ser seguido sem temor ou reticências, e em quem os seus vassalos nobres antigos e novos podem se espelhar e confiar (LEWIS, 1999, p. 18-19).

Embora a *Tapeçaria de Bayeux* e a *Crônica de Guilherme de Poitiers* apresentem diferenciações em suas características, os eventos principais que as moldam são os mesmos: a promessa de Eduardo, a viagem e captura de Haroldo, seu retorno à Inglaterra, a morte de Eduardo, a coroação e a invasão de Guilherme seguem a mesma sequência lógica, e a *Crônica* adiciona mais informações referentes à Batalha de Stamford Bridge que Haroldo trava contra seu irmão Tostig e seu aliado Haroldo Hardrada.

¹⁶ No original: “King Harold was slain, and Leofwine, his brother, and earl Gurth, his brother, and many good men. The French had possession of the place of slaughter, as God granted them because of the nation’s sins.”

É nos detalhes da convivência diária com Guilherme, porém, que essa fonte se apresenta como enaltecadora de seu caráter e de suas decisões, conferindo-lhe sagacidade e bravura dignas dos mais perfeitos cavaleiros e líderes militares da história, e apresentando-o como líder supremo das suas terras:

[A] Grécia Antiga nos conta a história de como Agamemnon, o neto de Atreus, foi ao mar com mil navios para vingar o estupro de Helena. Eu [Guilherme de Poitiers] posso vos garantir que, quando ele saiu para ganhar a coroa real, Guilherme [o Conquistador] tinha ainda mais. É dito que Xerxes uniu em uma ponte de barcos as cidades de Sestos e Abydos, entre as quais corria o mar. Eu vos falo a verdade quando digo que Guilherme uniu sob uma liderança as grandes terras da Normandia e Inglaterra. Pessoa alguma jamais ultrapassou Guilherme: ele adornou sua terra natal com troféus que nunca serão esquecidos e deu a ela seus triunfos mais característicos. Ele é igual a Xerxes, que perdeu sua frota e foi derrotado por um inimigo mais forte; e em minha opinião ele é mais corajoso que Xerxes, de qualquer maneira¹⁷ (POITIERS, 1973, p. 42).

Guilherme de Poitiers, desejoso de demonstrar seu conhecimento literário, comumente se utiliza e alude às figuras da Antiguidade que são de conhecimento do mundo intelectual medievo, nessa e em outras passagens. Desejoso também de adquirir boas graças para com seu patrono, ele o descreve como sábio, generoso, corajoso e forte, características que um cavaleiro ideal deve possuir. Aqueles que se opõem a Guilherme da Normandia, portanto, o fazem contra um oponente temível, imbatível até, e melhor seriam se aliar a ele, pois é afável com seus aliados fiéis.

A desconstrução do poder e do prestígio de Haroldo se dá – do mesmo modo como ocorreu na *Tapeçaria de Bayeux* – através da depreciação de sua figura, ou seja, apresentando-o como um “quebrador” de promessas, um rei que não deve mais ser venerado e obedecido:

Estas, então, são as reprimendas feitas contra ti, Haroldo. Depois de todas essas gentilezas, como pôde se atrever a privar Duque

¹⁷ No original: “Ancient Greece tells us the tale of how Agamemnon, the grandson of Atreus, put to sea with a thousand ships to avenge the rape of Helen. I can assure you that, when he set out to win a royal crown, William had even more. Xerxes is said to have linked by a bridge of boats the towns of Sestos and Abydos, between which rolled the sea. I tell you the truth when I say that William united under one rule the broad lands of Normandy and England. No-one has ever surpassed William: he has adorned his fatherland with never-to-be-forgotten trophies and given to it its most signal triumphs. He is the equal of Xerxes, who lost his fleet and was beaten by a more powerful enemy; and in my opinion he is braver than Xerxes, anyway.”

Guilherme de sua herança e fazer guerra contra ele, você que, por um juramento tão sacrossanto, atou a si e a todo o seu povo a ele, colocando suas mãos nas dele e jurando lealdade? Cabia a ti manter os Ingleses em obediência. Ao contrário muito perniciosamente tu os encorajaste em sua revolta. Os ventos seguintes que inflaram tuas velas negras como carvão conforme viajavas de volta para casa trouxeram nada mais do que tristeza. Homem horrível! As calmas águas do mar que lhe permitiram que retornasse a tua costa nativa devem ser eternamente amaldiçoadas. O calmo porto onde aportaste deve carregar teu fardo de vergonha, pois contigo veio o mais desastroso naufrágio que tua terra natal já sofreu...¹⁸ (POITIERS, 1973, p. 37).

Ressurge novamente a obrigação divina do juramento de Haroldo, juramento este que concede o poder político para Guilherme, poder que vem exclusivamente de Deus e que só é permitido ser exercido pela benevolência d'Ele. Consequentemente, todos os inferiores a Haroldo, na visão de Guilherme de Poitiers, também devem se submeter a uma autoridade política com tal aval divino. Essa mensagem também se encontra na Tapeçaria, onde a Divina Providência guia os acontecimentos que levam à vitória de Guilherme. Afinal de contas, sendo Guilherme o verdadeiro rei, Haroldo tinha um dever para com ele. Maurizio Tuliani ao tratar da questão do respeito e obediência para com o rei, afirma:

El respeto hacia la figura real es concebido como fundamental en cuanto que, si el rey tiene el oficio de Dios, el mismo temor que se tiene hacia Él debe tenerse hacia el soberano. El reconocimiento de la posición de superioridad del Rey implicaba que debía ser amado, obedecido, reverenciado y temido por sus subditos (1994, p. 7).

E a tentativa de se utilizar de um discurso no qual tal poder é demonstrado como justo e digno de ser seguido não é uma exclusividade política do período medievo. Deveras, após longos séculos sem grande atenção, a *Tapeçaria de Bayeux* acaba por ser utilizada novamente como instrumento político em tempos muito mais recentes. Ela é, afinal, o último registro de uma invasão bem-sucedida à Inglaterra, e após seus eventos

¹⁸ No original: “These, then, are the reproaches made against you, Harold. After all these kindnesses, how could you dare to deprive Duke William of his inheritance and to make war on him, you who, by an oath so sacrosanct, had bound yourself and all your people to him, placing your hands in his and swearing fealty? It was for you to hold the Englishmen in check. Instead you most perniciously encouraged them in their revolt. The following winds which swelled your coal-black sails as your journeyed homewards brought nothing but unhappiness. You horrid man! The calm sea-waters which permitted you to cross back to your native shore must ever be accused. The quiet harbor where you landed must bear its brunt of shame, for with you came the most disastrous shipwreck ever suffered by your fatherland...”

essa nação não será mais a mesma: sua composição política, social e econômica fará com que a Inglaterra se torne um poder político considerável durante a Idade Média, a Idade Moderna e até bem recentemente na Idade Contemporânea, especialmente durante o seu período como Império Britânico. Indelévelmente, ela influencia o Ocidente e também possui rivais e inimigos com os quais se debate.

É por isso que, durante o Império de Napoleão Bonaparte, cujas propostas expansionistas englobavam também a ilha da Grã-Bretanha, a *Tapeçaria de Bayeux* ascendeu novamente ao escrutínio popular. Considerando os normandos como franceses, e tendo recebido especial atenção do próprio Napoleão, a Tapeçaria se torna ferramenta de propaganda, informando a seus soldados: “Sim, nos passos de nosso Conquistador / Nossos bravos rapazes estão seguindo nossos pais”¹⁹ (apud HICKS, 2007, p. 109) e comparando Guilherme, o Conquistador com Napoleão. Seus planos de invasão para a Inglaterra, no entanto, nunca se frutificam, e eventualmente a Tapeçaria deixa de ser peça política.

Uso político esquecido pelo menos até a Segunda Guerra Mundial, quando um nazismo que se crê descendente de germânicos e vikings conquista a França, e novamente a Inglaterra se encontra em uma situação em que se vê cercada pelo continente europeu. Himmler, o comandante alemão encarregado do extermínio dos judeus e favorito do Führer no tocante às crenças arianas e místicas, acaba por ter acesso à *Tapeçaria de Bayeux*, obra então considerada por seus apreciadores nazistas como elaborada por antigos arianos que cruzam o Canal da Mancha e conquistam a Inglaterra (HICKS, 2007, p. 210). Assim como com Napoleão, a obra de Guilherme é usada como inspiração para a invasão da Inglaterra, tomando seu protagonista sempre para o povo dos leitores. Entretanto, com a invasão dos aliados pelos fronts ocidentais e orientais, e a resistência francesa tomando locais importantes das mãos nazistas no ano de 1944, esses planos também nunca se concretizam, fazendo Guilherme manter seu título de último invasor da Inglaterra.

¹⁹ No original: “Yes, in the footsteps of our Conqueror / Our brave boys are following our fathers”. *La Tapissarie de la Reine Mathilde*.

CAPÍTULO II – QUESTÕES TEÓRICAS SOBRE AS BATALHAS MEDIEVAIS: A INVASÃO NORMANDA

Embora a belicosidade seja considerada uma característica típica do medievo, constantemente engajado com conflitos internos e externos, é importante ressaltar que a guerra em larga escala não é o paradigma da vida diária. Tal escala de embates é, no século XI, a exceção da regra dos conflitos políticos, ainda fortemente pautados pela tradição da Alta Idade Média de pequenos grupos para ambos os lados. As escaramuças sazonais, de um feudo contra outro, e que acabam pelo cumprimento de alianças e submissão política e social são como elaborados jogos de risco mínimo, designados para um ganho modesto pelos feudatários, um pequeno passo apenas para uma maior atuação política diante de seus pares.

O crescimento populacional e econômico, no entanto, faz com que essa condição não permaneça, o que desembocará nas futuras grandes guerras europeias, conflitos de grandes escalas entre reinos, nações e, finalmente, países. Conforme mais pessoas trabalhem mais a terra e produzam mais bens, os ganhos possíveis nos conflitos se tornam maiores – e os riscos também, visto a maior quantidade de possíveis defensores dessas terras. Nesse contexto, a Batalha de Hastings se torna o prelúdio da guerra do futuro, tanto no plano militar quanto no plano da mentalidade: ambos os lados trazem grande quantidade de combatentes, possuem discursos justificativos capazes de cativar as pessoas de suas sociedades e enaltecem figuras de autoridade centrais em sua liderança. Todas essas características são exponencialmente trabalhadas no futuro militar e político da Europa, com identidades baseadas na nacionalidade e monarquias nativas prenunciadas nas fontes que retratam esse conflito.

As lideranças, nas figuras de Guilherme da Normandia e Haroldo Godwinson, devem se firmar diante de seus compatriotas para obter o apoio necessário para a condução da guerra em um momento em que a demanda por obediência oriunda da posição política está atrelada à efetiva capacidade de exercer militar e politicamente sua posição. Conflito esse que, considerando a cristianização do século XI, deve possuir uma legalidade além do simples desejo pelo conflito ou por riquezas face à constante atuação da Igreja para a pacificação dos povos europeus e à proteção de elementos desejáveis pelo catolicismo. Por último, não devemos desprezar a influência que a

tecnologia estabelece na dinâmica militar, pois na Batalha de Hastings existe a afirmação de um grupo militar que se tornará cada vez mais ovacionado, qual seja a cavalaria.

2.1. As personagens

As narrativas da *Tapeçaria de Bayeux*, de Guilherme de Poitiers e da *Crônica Anglo-Saxônica*, são características de seu período ao retratar a história como os eventos postos em ação ou resistidos por figuras humanas específicas, homens que não os comuns, cujas vidas apenas discorrem pacatamente em seus ofícios. Para esses escritores medievais, usualmente são os feitos dos “grandes homens”, sejam esses exemplos positivos ou negativos de caráter e conduta, que acabam por ser retratados para a futura apreciação dos povos. Deveras, a apresentação de uma história dualista, em que um lado está correto e o outro incorreto, posições essas personificadas por um herói e um vilão, não são incomuns nas narrativas criadas durante o medievo.

Destarte esse apreço pela dramatização e exaltação dos atos e discursos de “grandes homens”, no caso de Guilherme, o Conquistador, e Haroldo Godwinson, se reconhece que ambos são líderes políticos de consideráveis extensões de terra e subordinados. Suas ações efetivamente influenciam as relações diplomáticas e também militares entre si e com outros líderes, *quod vid* a proximidade que o líder político medieval tem para o campo de batalha, efetivamente ali presente. E, no entanto, também são exemplares de características presentes em suas nações, influenciados por tradições anteriores a suas respectivas concepções, e que acabam por se defrontar no ano de 1066. Essa tênue linha entre indivíduo e sociedade é balanceada e contrabalanceada constantemente, e suas tentativas em efetivar seu desejo pessoal diante de seus respectivos pares acabam por conduzir a sua vitória ou derrota.

Guilherme é certamente a figura principal tanto na *Tapeçaria de Bayeux* quanto na *Crônica de Guilherme de Poitiers*, e mesmo na *Crônica Anglo-Saxônica* algumas passagens lhe são favoráveis, enquanto outras resignam-se à sua realeza por acreditar ser o desejo divino. É o herói vitorioso em Hastings, que representa o lado justo da contenda, e suas descrições são compatíveis com esse papel. Entretanto, apesar de sua

justificação, sua vida não é sem percalços, incluindo as condições de seu nascimento (ABBOT, 2009, p. 41).

Os progenitores de Guilherme são fiéis um ao outro, e sua mãe Arlotte apenas se casará e terá outros filhos após a morte de Roberto da Normandia – união da qual o meio-irmão de Guilherme, o futuro bispo Odo de Bayeux, surge. Para uma nobreza acostumada à tradição dinamarquesa e parcialmente cristianizada, tal característica de relacionamento é digna de nota, sendo o mais comum menções esporádicas de casos extraconjugais momentâneos, e não uma efetiva relação de longa duração. Considerando esse casamento então de conhecimento público, mesmo que não necessariamente oficiado pela Igreja Católica, e que ambos os cônjuges são fiéis, o magistério não se opõe veementemente a essa situação, e mesmo futuramente apoia a sucessão de Guilherme, que mantém boas relações com o papado durante toda sua vida. A “esposa à Dinamarquesa” ou “esposa de coração” de Roberto, portanto, não teme uma perdição da alma, e esta, se é oferecida pelos pastores religiosos, não chega a ser destaque – caso muito diferente se Roberto houvesse oficialmente se casado durante sua vida e a mantivesse como amante, tão comum porém tão denunciado durante esses séculos de influência viking.

Ainda assim, resta a Guilherme a pecha de “Bastardo”, sempre proferida por seus opositores. Para uma época em que os sinais religiosos são, por vezes, mais importantes do que o foro íntimo da fé, a oficialização diante da Igreja de promessas e acordos – quer familiares quer políticos – é uma necessidade não apenas moral, mas também legal. Conforme as reformas clericais do século XI ganham corpo, as leis eclesiásticas são utilizadas pelos mais variados governos para a condução de sua política. Ser reconhecido por Roma, ou pelo menos pelos bispados locais, é fator de prestígio, mesmo de sobrevivência, de um nobre em determinado cargo, já que ser excomungado em uma sociedade na qual o cristianismo é a principal ideologia cosmológica dissolve parte considerável da capacidade política e social desses líderes. De maneira contrária, ser alvo do que pode ser considerado catolicamente reprovável, ou mesmo anátema, é fonte de grande consternação em uma sociedade em que a primazia é (ou deve ser) a salvação da alma eterna.

Interessantemente, a bastardia de Guilherme não é impedimento para os círculos eclesiásticos, que o apoiam desde sua juventude. Roberto, apesar da sua concupiscência,

morre em peregrinação (ABBOT, 2009, p. 53), o que pode demonstrar seu desejo de reparação por seus pecados ao tomar parte de uma empresa tão arriscada. Quando Guilherme fora nomeado sucessor, antes da peregrinação de Roberto, recebera apoio de bispos ligados à Normandia, e ainda recebe mesmo enquanto outros vassallos debatem-se sobre a metafórica carcaça do falecido líder. Estes sim relembram a Guilherme sua origem “plebeia”, e o jovem duque tem que estrategicamente lidar com seus aliados e seus inimigos já em sua adolescência. Ele recebe suporte e conselhos do rei da França, seu suserano, e de seus aliados laicos e eclesiásticos, mas nunca é capaz de estabelecer a ordem plenamente na Normandia, mesmo após estabelecer a Trégua de Deus em suas terras.

Guilherme se encontra em uma encruzilhada entre tornar-se o líder de uma região quase independente da França, mas tolher esse desejo de independência de seus próprios seguidores. A tradição viking de pequenos grupos independentes entre si choca-se com a nova tradição continental, essa suserania-vassalagem aprofundada que desembarca todo o último poder nas mãos do rei, e acima deste, nas mãos de Deus. O regente da França está ciente de seus desejos, e posteriormente retira seu apoio do futuro Conquistador. Seus vassallos, também, não são todos fiéis, ora sendo submissos, ora voltando-se a seus opositores políticos de fora da Normandia. Diante de um jogo político tão complexo, o duque cresce e se desenvolve desde a infância, tornando-se um hábil diplomata e, quando necessário, executor militar de seus desejos.

Essa capacidade argumentativa é considerada digna de nota para as fontes, especificamente para a *Crônica de Guilherme de Poitiers*. Após lidar com a revolta de Conan da Bretanha, onde Haroldo o ajuda, e após sua coroação como rei da Inglaterra, Guilherme reúne seu conselho para invadir além-mar, decisão pouco popular entre seus vassallos por considerarem que sua obediência se restringia ao continente. Guilherme, no entanto, os faz mudar de ideia, e mesmo posteriormente terá entre suas forças os recentemente derrotados bretões:

[Então] Duque Guilherme procurou o conselho de seus apoiadores, e então decidiu vingar este insulto [a coroação de Haroldo] e tomar sua herança pela força das armas. É verdadeiro que boa parte de seus líderes fizeram de tudo para dissuadi-lo disso, como uma aventura ao mesmo tempo muito difícil e muito além dos recursos naturais da Normandia. Além de seus bispos e abades, a Normandia tinha entre seus conselheiros naquele tempo uma porção de leigos ilustres, que

adicionavam grande distinção e renome as suas reuniões de aconselhamento: Roberto, Conde de Mortain; Roberto, Conde de Eu, irmão de Hugo, Bispo de Lisieux, [...]; Ricardo, Conde de Evreux, filho do Arcebispo Roberto; Rogerio de Beaumont; Rogerio de Montgomery; Guilherme FitzOsbern; e Hugo o Visconde. Graças à sabedoria e energia destes homens, ela [a Normandia] não teve ocasião pela qual devesse temer por sua segurança. Com tais homens para ajudá-la, a República de Roma não teria tido necessidade para duzentos senadores, mesmo supondo que em nossos dias ela ainda mantivesse seu poder de outrora. Mais ainda, em todas as suas deliberações, como eu mesmo o sei muito bem, estes homens reconheceram a sabedoria de seu príncipe por direito, como se, por alguma inspiração divina, ele conhecesse adiantadamente o que era melhor fazer e o que era melhor deixar de fazer. ‘Para aqueles que agem conforme Seus ditados, Deus concede sabedoria’, como disse alguém que conheceu Sua vontade. Desde sua infância em diante Duque Guilherme sempre foi temente à Deus em todo seu comportamento. Quando ele deu uma ordem ninguém a desobedeceu, a não ser que houvesse uma razão convincente para fazê-lo²⁰ (POITIERS, 1973, p. 38).

As promessas de terras e riquezas da Inglaterra, amplamente distribuídas para aqueles que fossem leais a Guilherme, são fatores que esses vassalos reticentes terão em mente para seguir seu duque além-mar. Esse excerto, entre outros, demonstra a capacidade de Guilherme em reverter o posicionamento político dos que se opõem a seus desejos e a necessidade que esses vassalos têm de serem convencidos e bem tratados, mantidos confortavelmente sob a suserania, pois existe sempre a opção de buscar outro suserano, especialmente o tão próximo rei da França.

Mas existem também outros fatores para manter a lealdade para com Guilherme, já que sua capacidade militar, conforme seus seguidores, é reflexo de sua aparência física: alto e de compleição forte, exímio guerreiro, ele já domina a arte da equitação do

²⁰ No original: “Duke William sought the advice of his supporters, and then decided to avenge this insult and lay claim to his inheritance by force of arms. It is true that quite a few of his leaders did their utmost to dissuade him from it, as an enterprise at once too difficult and far beyond the natural resources of Normandy. In addition to its bishops and abbots, Normandy had among its advisers at that time a number of outstanding laymen, who added great distinction and renown to its council-meetings: Robert, Count of Mortain; Robert, Count of Eu, the brother of Hugh, Bishop of Lisieux, [...]; Richard, Count of Evreux, the son of Archbishop Robert; Roger of Beaumont; Roger of Montgomery; William FitzOsbern; and Hugh the Viscount. Thanks to the wisdom and energy of these men, she had no occasion to fear for her safety. With such men to help her, the Republic of Rome would have had no need for two hundred senators, even supposing that in our days it had still retained its erstwhile power. What is more, in all their deliberations, as I myself know full well, these men recognized the wisdom of their lawful prince, as if, by some divine inspiration, he knew in advance what was best to be done and what was better left undone. ‘To those who act according to His dictates, God gives wisdom’, as someone has said who knew His will. From his childhood onwards Duke William has been God-fearing in all his behavior. When he has given an order no-one has disobeyed it, unless there were some cogent reason for doing so.”

continente “à francesa”, onde seus antepassados vikings sempre preferiram a luta na infantaria, pés ao solo e machado e escudo às mãos. Seu exército fiel também é forte, veterano de vários combates contra os rebeldes de suas terras, e mesmo contra o rei da França: sua capacidade de liderança é adaptativa, lidando com a guerra contumaz do continente, cujo alvo é o controle de fortalezas e pontos fortes, e posteriormente lidando também com o campo de batalha aberto, em Hastings. Essa é uma vida belicosa, com tantos embates que fazem com que seu ducado tenha que constantemente lidar com insurreições, como a de Conan, em 1064, meros dois anos antes da invasão (THORPE, 1973, p. 9).

Por fim, sua vida religiosa não é artigo de especulação ou indigna, para ser considerada como fator político negativo. Quando desejoso de se casar com Matilda de Flandres, seus opositores apontaram para uma possível consanguinidade que os impedia. Todavia, ao invés de simplesmente oficializar seu casamento à revelia da autoridade da Igreja Católica, ele envia embaixadores para o então Papa Leão IX, que eventualmente permite o casamento, e o casal funda um hospital e dois conventos para oficializar o evento (ABBOT, 2009, p. 115). Guilherme adota a Trégua de Deus²¹ na Normandia, movimento originado na Igreja, e como tal possui o interesse em sua aplicação. Ademais, quando da invasão da Inglaterra, Guilherme possui ótimas relações com Roma, na figura de Alexandre II, e expõe as causas para sua invasão da Inglaterra. Embora o cristianismo possa ser visto como que apartado da vida fática de um soldado, e tendo Guilherme mesmo já exercido da guerra e de técnicas de combate consideradas hoje como violentas, para esses homens do medievo sua vida religiosa e sua vida marcial não são excludentes, e onde poderia se ver uma divergência entre religião e violência esses guerreiros viam apenas as várias facetas da existência humana, atitudes que deveriam de ser por vezes tomadas. Alexandre II, que possui boas relações com Guilherme e que não está satisfeito com a situação da Inglaterra – onde o excomungado bispo Stigand ainda atuava com o aval dos reis ingleses – concede não apenas a permissão para a condução da batalha, como também presenteia o duque da Normandia com um estandarte abençoado (POITIERS, 1973, p. 39).

²¹ O movimento da *tregua Dei* estabeleceria que, da noite da quinta-feira até a manhã de segunda-feira (em memória do tempo da Paixão e Ressurreição de Cristo), bem como durante os feriados e épocas religiosas (Natal, Páscoa, Quaresma, Pentecostes, etc.), era proibida a declaração de guerras e lutas “fratricidas” entre os cristãos, isentando-se apenas determinados tipos de guerras justificadas, assim como a defesa própria. Esse movimento encontraria maior sucesso na Europa cristã (CARDINI, 1989, p. 59).

Todos esses fatores demonstram a personagem de Guilherme como um ideal da sociedade continental, francesa até, do século XI, independente de suas origens ignóbeis ou de sua ascendência de povos pagãos. Seu único “defeito” é o de ser vassalo de um rei, contudo logo será o conquistador de uma nação considerada vasta e rica.

A personagem de Haroldo, por outro lado, deve suportar todas as falhas e vergonhas que o povo inglês sofre por causa da invasão. O filho de Godwin de Wessex não é uma figura totalmente condenável, mas visto ser o perdedor de uma batalha campal, juízo divino quando todas as outras vias estão fechadas, ele está do lado errado da história, e então se buscam todas as justificações para que tenha sido vencido.

Haroldo Godwinson é um anglo-saxão de nascença, seu pai sendo o mais poderoso dos lordes ingleses de sua época, e essa herança é incutida desde a juventude nesse homem. Participante perspicaz do jogo político, sua irmã é casada com o rei Eduardo, o Confessor, seus irmãos são nobres de outras vastas regiões da Inglaterra, e ele está sempre ao lado direito do rei. Mesmo quando não está, como quando sua família é exilada, seu poder e influência não mínguam, pois logo retorna portando armas para recuperar suas terras, e Eduardo é obrigado a aceitá-los sob pena de lidar com uma guerra civil sangrenta (THE ANGLO-SAXON CHRONICLE, p. 181; 183). Diante de um rei que prefere a ingerência normanda ao apoio dos lordes nativos, Haroldo é certamente uma figura apazível, alguém que compreende o verdadeiro sentimento de “ser inglês” para os outros nobres.

Sua posição faz com que enfrente desafios semelhantes ao de Guilherme: é um vassalo poderoso, quase independente de seu próprio rei. Muitas vezes, atua como governante, tal qual quando concordou com a expulsão de Tostig do governo da Northumbria, quase à revelia de Eduardo. Da mesma forma, ele tem de lidar com os outros nobres ingleses, desejosos de mais influência e poder, e essa situação apenas se agrava quando se torna definitivamente rei. Aqui se encontra a principal diferença de acordo com as fontes, pois onde Guilherme é politicamente capaz de lidar com seus próprios nobres e com vizinhos belicosos de maneira tal que sua guerra é conduzida sem impedimento, Haroldo tem que lidar com ameaças de independência interna contundentes e dois inimigos externos ao mesmo tempo. A Northumbria, região de ascendência viking, vê o anglo-saxão com desconfiança e se recusa a ajudá-lo diante da invasão pelo sul. Tostig e Haroldo Hardrada querem a conquista pelo norte, e

Guilherme pelo sul. Os laços de suserania-vassalagem das ilhas britânicas, mais laxos, ainda influenciados por um mundo dinamarquês de pequenos grupos e vários líderes semi-independentes, apresentam as primeiras dificuldades contra o modelo levemente mais centralizador do continente. Haroldo é um personagem politicamente forte, porém não o bastante para unir o norte e o sul da Inglaterra.

Esse rei da Inglaterra, no entanto, ainda é um oponente formidável. Quando esteve no continente, ajudando contra os bretões, fora um guerreiro formidável, impetuoso, digno de se tornar um cavaleiro pelas mãos de Guilherme. Seus feitos são dignos de nota, e ele ostenta um estilo de luta também influenciado pelos dinamarqueses, não se utilizando da cavalaria, mas mantendo a tradição da infantaria pesada. A força de Haroldo é também a demonstração da força de seu povo, resistente, robusto, de fama tal que a luta contra os ingleses nunca é fácil.



Figura 3 – A força de Haroldo Godwinson, ilustrado à direita, em que carrega um homem e um escudo enquanto arrasta outro homem do rio de correnteza considerável. A inscrição diz: ET HIC TRANSIERUNT FLUMEN COSNONIS / HIC HAROLD DUX TRAHBAT EOS DE ARENA. Tradução: E aqui eles cruzaram o rio Couesnon. Aqui duque Haroldo os tirou da areia.
Fonte: GRAPE, 1994, p.110.

Considerando, entretanto, a capacidade econômica da Inglaterra, que passa décadas pagando tributo aos dinamarqueses para evitar novas invasões, bem como o terreno muitas vezes de florestas e brejos, impróprio para cavalos, a ascensão tardia da cavalaria na Inglaterra não pode ser considerada uma exclusividade da tradição, já que cavalos são bens de grande valor. Apesar de ser considerada uma nação rica, ainda

assim a Inglaterra não o é o bastante para estabelecer um padrão de armamento mais elevado para seus guerreiros conscritos, cujas armas acabam por ser muitas vezes apenas um escudo e uma lança. Sua efetividade advém de sua quantidade, essa sim digna de nações mais ricas, visto o aumento populacional proporcionado pelo clima e pelas inovações tecnológicas da Idade Média Central.

Essa força militar e essa riqueza, entretanto, servem apenas às narrativas das fontes normandas, pois se Haroldo fosse tratado como um oponente fraco, a vitória sobre ele não seria digna de um relato mais extenso. Pelo contrário, é pela superação da adversidade representada pelo forte e poderoso Haroldo que torna a vitória de Guilherme mais digna de nota. Conforme Lewis Thorpe: “Não serviria de propósito algum denegrir Haroldo de outras formas: quanto mais incrível sua coragem, quanto mais evidente sua habilidade como um líder militar, maior deve ser a glória dos homens que o destruíram”²² (1973, p. 60).

Guilherme e Haroldo são personagens muito semelhantes em vários pontos, tanto o são que Guilherme considera Haroldo um par, um igual, digno de ser considerado um cavaleiro, o que ocorre após a campanha contra os bretões. Ambos são amistosos um para com o outro nesse momento, ambos são frutos de uma sociedade medieval que os vê como líderes, guerreiros que protegem os plebeus e os religiosos de ataques mundanos. Normandia e Inglaterra são muito próximas por afinidade. Todavia, surge o fator diferencial entre ambos: a questão religiosa.

Haroldo não é um homem ímpio: ele é um cristão, respeita a Igreja, ou assim o é até o momento em que presta seu juramento para Guilherme de que o veria como rei da Inglaterra, e depois quebra esse juramento ao tornar-se rei da Inglaterra. Traição: pecado mortal que brada aos céus por vingança. Muito similar à situação de Stigand, o bispo excomungado, que jurara servir a Cristo na figura da Igreja, mas O trai ao exercer o bispado pelas mãos dos reis ingleses, e não dos papas. É o exercício de primados apostólicos heréticos, deixando-se influenciar pelo mundo dinamarquês – pagão! – que prega a independência da qual o modelo político do continente quer se afastar. Para os ingleses, no entanto, a posição de Haroldo é mais complexa, a ponto de torná-lo uma figura trágica, pois ele é o vassalo de dois homens, Guilherme na Normandia, que exige

²² No original: “It could serve no purpose to denigrate Harold in other ways: the more awesome his valour, the more marked his skill as a military leader, the greater must be the glory of the men who destroyed him.”

o trono, e Eduardo da Inglaterra, que lhe entrega o trono. Dois juramentos solenes, sagrados, porém conflitantes. Resta a Haroldo escolher qual deles quebrar, e influenciado por seus pares que não desejam ser comandados por estrangeiros, diz seu “sim” ao *witenagemot*.

O embate entre essas duas figuras, portanto, influenciadas e influenciadores de suas sociedades, não deixa de ser emblemático para o conflito de dois conceitos de sociedade que embora tenham similaridades, apresentam diferenças importantes. Guilherme busca a centralização conforme os ideais do continente, franceses, embora tenha que lidar com seu passado dinamarquês descentralizador na forma de seus vassalos. Haroldo, por outro lado, atua fortemente no modelo descentralizador da tradição viking, e este acaba por falhar com ele durante a Batalha de Hastings. Esses ideais de centralização e independência também estão presentes na questão religiosa, a obediência relativa a uma Roma que passa por reformas eclesiásticas e que busca unificar uma Europa cristã para lidar com as ameaças muçulmanas na Península Ibérica e no Oriente Médio. Por fim, as condições econômicas e tradições militares acabam, em Hastings, por colocar dois estilos de combate diferentes em choque: a cavalaria, em ascensão militar e ideológica no continente, contra a infantaria pesada viking, cuja tradição influencia a Inglaterra, mas que ultimamente também lhe falha.

2.2. A justificação da guerra

A cristianização da Europa durante o período medievo não é um movimento monolítico, súbito e definitivo; pelo contrário: a cada geração nascida é necessária a retomada do ensino religioso. Concomitantemente a isso, antes do cristianismo deixar o Oriente Médio e o Mar Mediterrâneo para adentrar o continente, os povos que habitavam aquela região são influenciados por variadas formas de pensamento religioso, em especial pelas germânicas, da qual a religião dos vikings é uma de suas vertentes então ainda existente no século XI. O cristianismo também, em seu próprio cerne, reconhece a capacidade interpretativa de seus líderes religiosos para com os desígnios divinos através do tempo, e isso causa debates para a compreensão das coisas mundanas e divinas. Com todos esses fatores, a influência da Igreja Católica é uma constante aplicação de seus ensinamentos e de contínua evangelização dos povos europeus, os

quais muitas vezes são apenas culturalmente católicos no período. Essa propagação constante de seus pensamentos, não obstante, também faz com que o cristianismo seja o pensamento mais influente durante o período medievo para a compreensão dos atos humanos, incluindo atos tais como a própria guerra.

Durante os primeiros séculos da era cristã, dentro do Império Romano o cristianismo é compreendido como opositor do serviço militar e praticado com um ideal de pacifismo extremo. Nesse contexto, o imperador romano é uma personificação divina, ideia da qual os cristãos não compartilham em absoluto e, portanto, recusam a lutar por esse falso deus, mesmo que obrigados pela lei romana militar. O resultado dessa desobediência civil, a negação do alistamento, é a pena de morte, e inúmeros mártires cristãos compõem o rol dos santos católicos por essa recusa a causar mal a outros. É o caso, por exemplo, de São Maximiliano²³ (DU PUY DE CLINCHAMPS, 1965, p. 23). Essa situação de resistência pacífica só se modifica a partir do momento em que o Édito de Milão é promulgado, em 313, quando então o cristianismo é permitido – e continua a se expandir.

Em 391, o Império Romano adota o cristianismo como sua religião oficial. A religião de Cristo se torna a fé de todos os cidadãos romanos, inclusive dos soldados. O que poderia ser considerada uma vitória do cristianismo, porém, acaba por se tornar um problema teológico na concepção dos cristãos tradicionais: a conversão em larga escala causa um distanciamento entre aqueles que estão preocupados com a “massificação” da fé e o recém-convertido, cuja crença talvez seja apenas superficial, mera adoção expediente de seu governante. Em resposta, muitos antigos crentes, bem como recém-convertidos sinceros, adotam novas formas de contemplação e consideração do divino, especificamente através da adoção de práticas de eremitas e do surgimento dos monges, que buscavam viver a fé sem a mácula das coisas mundanas. Esse desprendimento para com o mundo, algo tão difícil quanto hodiernamente, caracteriza suas ações efetivamente como uma luta, uma guerra, e esses monges se autodenominam *milites Christi*, soldados de Cristo, que praticam a *militia Dei*, o empenho religioso. Eles existem em oposição a todos aqueles que ainda vivem no pecaminoso mundo, ou seja,

²³ São Maximiliano é um santo mártir do século III, que viveu na Argélia. Romano, filho de pai soldado, devia servir ao exército, mas por ser um cristão recusou-se a causar qualquer mal a alguém, razão pela qual foi decapitado.

os que continuavam a *militia huius saeculi*, e buscam pelejar contras as forças do mal para tentar salvar os que estão ainda mais próximos do pecado (CARDINI, 1989, p. 59).

Todavia, é possível inferir à Bíblia uma aceitação da profissão militar. Jesus Cristo se relaciona com soldados romanos sem rejeitar sua profissão, como nas seguintes passagens:

5. Ao entrar em Cafarnaum, chegou-se a ele um centurião que lhe implorava e dizia:/ 6. “Senhor, o meu criado está deitado em casa paralítico, sofrendo dores atrozes”. / 7. Jesus lhe disse: “Eu irei curá-lo”. / 8. Mas o centurião respondeu-lhe: “Senhor, não sou digno de receber-te sob meu teto; basta que digas uma palavra e o meu criado ficará são. / 9. Com efeito, também eu estou debaixo de ordens e tenho soldados sob o meu comando, e quando digo a um ‘Vai!’, ele vai, e a outro ‘Vem!’”, ele vem; e quando digo o meu servo: ‘Faze isto’, ele o faz”. / 10. Ouvindo isso, Jesus ficou admirado e disse aos que o seguiam: “Em verdade vos digo que, em Israel, não achei ninguém que tivesse tal fé. / 11. Mas eu vos digo que virão muitos do oriente e do ocidente e se assentarão à mesa no Reino dos Céus, com Abraão, Isaac e Jacó, / 12. enquanto os filhos do Reino serão postos para fora, nas trevas, onde haverá choro e ranger de dentes”. / 13. Em seguida, disse ao centurião: “Vai! Como creste, assim te seja feito!” Naquela mesma hora o criado ficou são (BÍBLIA DE JERUSALÉM, São Mateus 8, 5-13)

Da mesma forma, João Batista, a quem prenuncia a vinda de Cristo e também é considerado santo, permite o batismo de soldados sem rejeitar seu trabalho para os quais continuariam a ser pagos: “14. Os soldados, por sua vez, por sua vez, perguntavam: “E nós, que precisamos fazer?” Disse-lhes: “A ninguém molesteis com extorsões; não denuncieis falsamente e contentai-vos com vosso soldo” (BÍBLIA DE JERUSALÉM, São Lucas 3, 14). Baseados nessas passagens, muitos cristãos acreditam na ideia de que a profissão militar em si é aceita, particularmente no papel de defensores das terras e dos povos, bem como executores dos mandados e leis da justiça romana. Ainda assim, para aqueles que dedicavam sua vida exclusivamente ao foro religioso cristão, a postura nos primeiros séculos é de que deveriam abdicar total e completamente da violência, e esses sacerdotes são também ágeis em condenar as guerras e os excessos dos guerreiros. A Igreja, todavia, compreende a necessidade desses combatentes, desses *miles*, em um mundo onde “bárbaros” ameaçam destruir Roma, o Império Romano e o Cristianismo. É necessário impedir que os violentos levistem a espada contra os que não podem

empunhá-la, ou pelo menos encontrar outros que podem lutar para defender os pacíficos (FLORI, 2005, p. 132-133).

Nesse sentido, a cristianização de líderes, reis e imperadores torna-se uma das principais tarefas do corpo religioso da sociedade romana. Isso se torna uma questão não apenas de doutrinação e propagação da fé, basilares ao pensamento cristão, como também é uma tática de sobrevivência para os já convertidos: quando um povo inimigo reconhece a divindade de Cristo, e também a irmandade da fé para com o povo romano, a capacidade diplomática em lidar com esses “bárbaros” aumenta consideravelmente. Os povos então aliados podiam permanecer e se integrar ao Império Romano, e sua presença nas fronteiras do Império, locais que já ocupavam quando de sua conversão, servem como barreiras para outros povos germânicos do leste europeu, não convertidos e violentos. Esses líderes e reis conversos, conhecidos por sua capacidade militar, são capazes de proteger aqueles que abdicaram do uso da violência, aqueles que por opção ou por necessidade não podem portar armas, os *paupere*, ou seja, os pobres, os fracos, e os oprimidos, figurando entre eles os religiosos, os órfãos, as viúvas, os mercadores e os trabalhadores do campo²⁴. O exemplo do rei franco Clóvis é o mais emblemático, sendo um dos primeiros entre os povos bárbaros a se converter, o que levou ao cristianismo de Carlos Magno, Imperador do Império Franco e patrocinador e defensor da Igreja Católica. Os líderes posteriores a Carlos Magno observam a essa figura exaltada muitas vezes como exemplo de imitação, vendo a extensão de suas terras e influência, e o paradigma do poder será a mimetização dessa figura, algo que muitos líderes do século XI tentarão, Guilherme incluso.

Devemos lembrar, contudo, que a conversão a uma nova religião não é monolítica, súbita e plena, em especial para uma religião tão complexa e possuidora de tantos dados e história quanto o cristianismo. Nesse amálgama de relações entre ideais e pessoas tão diversas quanto o é o contexto da Europa, a persistência de muitos costumes e padrões de pensamento pagãos é a causa de preocupação de muitos dos religiosos católicos, especialmente em relação à guerra, atividade contumaz dos povos germânicos, que era mesmo sazonal²⁵. Em uma sociedade pautada pelo militarismo, a

²⁴ O nome *paupere*, que remete ao nosso “paupérrimo”, muito pobre, não se refere à sua situação econômica nessa época, e sim a sua capacidade de portar armas – embora ambas estejam de certa forma ligadas, visto que armas e armaduras eram bens de grande custo.

²⁵ Guerras e investidas eram usualmente efetivadas durante o período de março, durante a primavera do hemisfério norte, o que possibilitava a mobilidade do exército, visto que as neves do inverno já se foram,

profissão do guerreiro não é apenas uma necessidade, como também uma tradição honrosa, e esses guerreiros mantêm a busca pela glória na guerra, o desejo de ter um “bom nome”, a honra, a lealdade ao seu líder acima de outras lealdades, e outras virtudes marciais. Essa postura provoca ataques, mesmo de líderes convertidos – já que podemos discutir tanto a sinceridade quanto a profundidade de tais conversões, assim como o surgimento de outras versões cristãs como o arianismo²⁶ – aos bens e pessoas da Igreja, ou os quais a Igreja gostaria de proteger, como viúvas e órfãos. Em resposta a tais ataques, os religiosos excomungam os ofensores, e exortam aqueles guerreiros sob os quais têm influência para impedir tais ataques.

Assim, a Igreja reconhece o papel dos que empunham a espada para protegê-la e proteger aos outros. Embora a violência seja abominada e existam muitos relatos denunciando senhores da guerra que atacam igrejas, mosteiros e vilas indefesas, com essa mudança de postura a Igreja reconhece a necessidade da utilização de armas nesse período. Em uma sociedade permeada pelo sentimento religioso, o reconhecimento da profissão de armas é um sinal de que aqueles que a exercem podem continuar a fazê-lo – haviam sido ensinados a vida inteira a serem guerreiros, afinal – e que sua profissão não significa que estão automaticamente condenados à danação eterna. O uso da violência não é de todo banido, relegado apenas aos selvagens e pecadores.

No século XI, essa sinestesia entre a luta física e a vida espiritual já estava bem estabelecida, com a sociedade cavaleiresca exercendo suas funções políticas e militares sob o olhar atento da Igreja Católica. Sua tradição oral e seus contos até mesmo fundiam ambos os mundos, pois a Igreja influencia e é também influenciada pelos cavaleiros. De fato, mesmo os religiosos levantam armas – exemplo primal é o Arcebispo Turpino, da *Canção de Rolando*, que brade uma maça lado a lado ao cavaleiro herói da história, uma arma que, embora não derrame sangue pelas restrições eclesiásticas, ainda assim é capaz de ferir e matar. É, apesar de arcebispo, um cavaleiro e vassalo de Carlos Magno, e por ele deveria proteger e lutar pelo Império Franco, considerado uma nação cristã (A CANÇÃO DE ROLANDO, XIX, 264-267).

e a produção agrícola já era capaz de providenciar algumas provisões. Em inglês, março é *march*, cuja raiz é relacionada a Marte, o deus da guerra, assim como às palavras, marcial e marchar.

²⁶ O arianismo foi uma heresia cristã fundada pelo excomungado Bispo Ário, no início do século IV, que negava a divindade de Jesus Cristo ao diferenciá-lo de Deus e tratá-lo apenas como Filho de Deus. A negação dessa heresia foi um dos principais motivos para a reunião dos bispos cristãos no chamado Concílio de Nicéia, no ano de 325.

Os religiosos, todavia, continuam a tentar sempre diminuir a violência praticada pelos guerreiros, utilizando os recursos disponíveis da excomunhão e outras penas relacionadas à fé, além do apoio aos combatentes fiéis à Igreja. Temos dois exemplos claros disso quando da Paz de Deus (*Pax Dei*)²⁷ e da Trégua de Deus (*tregua Dei*), movimentos que surgem nos séculos X e XI e que têm por objetivo minimizar as lutas entre os cristãos numa Europa em boa parte cristianizada.

Esses movimentos obtêm um modesto porém perceptível sucesso na diminuição da violência na Europa, concomitante à aceitação do papel do guerreiro na sociedade, que há várias gerações tem uma tradição a manter. Não se devem levantar as armas contra os cristãos, não sem boa razão – deve-se lidar primeiro com os inimigos do cristianismo e deixar as querelas para a Igreja, mãe dos povos europeus, resolver juridicamente. É com esse pensamento que a Primeira Cruzada será anunciada em 1095, em ajuda ao Império Bizantino, também cristão. O novo cavaleiro, o novo *miles Christi* (denominação que antes designava os monges), aquele guerreiro que alcançará o reino de Deus é aquele que luta pela fé, para protegê-la e espalhá-la. Surge o ideal do cavaleiro justo e forte, tão conhecido de nossos romances de cavalaria. Ele deve deixar a busca da vã-glória do mundo, seja concorrendo em torneios, seja lutando contra seus irmãos. Ele deve agora propagar a fé para as terras que pertenciam ao antigo Império Romano e cristão, onde habitam os infiéis. Matar um pagão ou um infiel é ainda algo terrível, e sua conversão é obviamente preferida, mas se esse pagão ou infiel ameaça alguma vida ou a verdadeira Fé, o guerreiro não é manchado pelo pecado ao retirar-lhe a vida – ele não está cometendo um homicídio, mas um malicídio ao impedi-lo de continuar a fazer o mal. Propagar a fé na Cruzada, libertar a Terra Santa chega mesmo a ser um meio de expiar-se dos pecados sob tal ótica.

Todas essas características estão diante de Guilherme e de Haroldo durante o século XI, e os fatores que levarão às Cruzadas são também parte de seu dia-a-dia. Advindos de povos com forte tradição germânica, suas ações diante da cristandade são constantemente mensuradas contra as de povos cristianizados há mais tempo no continente. Guardiã da moral, dos bons costumes e das leis universais dos cristãos, a Igreja Católica observa seu conflito conforme sua ótica, procurando estabelecer qual dos

²⁷ O movimento *Pax Dei* consiste em uma proclamação, durante os tempos de guerra, que concede imunidade a pessoas incapazes de lutar, os já mencionados *pauperes*, sob pena de excomunhão para qualquer guerreiro que fira tais indefesos. Tal movimento, contudo, tem um sucesso limitado.

dois lados está mais próximo de seu ideal de justiça, qual deles fere menos o direito natural que todos os homens devem seguir e o direito divino que os conversos devem obedecer. Deveras, a guerra que os cristãos conduzem só deve ocorrer se for uma guerra justa, com um dos lados legal ou teologicamente (a distinção muitas vezes não é clara) incorreto. Para uma instituição que tenta estabelecer a *tregua Dei* e a *pax Dei*, a guerra não é o estado natural da existência humana, sendo apenas um estado de exceção em que a paz está destruída por fatores anteriores à guerra, e essa paz deve ser restabelecida (DUBY, 1993, p. 87). Deixar de combater, fazer com que a injustiça que teria levado à guerra continue é um desfavor para com as nações cristãs, uma omissão que pode ser mesmo pecaminosa.

Hastings será portanto o juízo final de Deus, nesse caso, para um conflito entre aquele a quem o reino fora prometido e aquele que prometera ter o reino. A batalha campal, incerta, verdadeira *alea jacta est*, estabelece quem está certo e quem está errado quando não existe qualquer possibilidade de resolver a questão que não de maneira violenta, assim como Bouvines o seria em 1214 (DUBY, 1993, p. 87). Os participantes do evento já estão cientes de que Deus age através dos homens no campo de batalha, pois quando Haroldo recebe a última tentativa diplomática de Guilherme para resolver o conflito, logo antes da batalha, Guilherme de Poitiers assinala:

Ele [Guilherme] estava bem convencido que era Haroldo quem seria morto, pois ele era o homem menos corajoso e a sua causa não era justa. Então Haroldo levantou seu rosto aos céus e exclamou: ‘Deixai Deus decidir hoje onde a justiça se encontra entre Guilherme e eu!’ Ele estava tão cego por seu desejo pela realeza e, em sua temerária presa, tão absorto do mal que estava causando que, para sua ruína, ele aceitou sua própria consciência como o verdadeiro árbitro de seu destino²⁸ (1973, p. 47).

A causa de Haroldo é considerada injusta pelo papado, vista a já bem estabelecida ideia de guerra justa defendida por Santo Agostinho de Hipona e Isidoro de Sevilha (MATTOS, 1964, p. 59; 65) e já incorporada à Igreja no século XI. Deveras, a

²⁸ No original: “He was quite convinced that it was Harold who would be killed, for he was the less brave man and his cause was not a just one. Then Harold raised his face to heaven and exclaimed: ‘Let God decide today where justice lies between William and me!’ He was so blinded by his lust for the kingship and, in his rash temerity, so oblivious of the wrong which he was doing that, to his ruination, he accepted his own conscience as the true arbiter of his fate”.

Crônica de Guilherme de Poitiers aponta a condução da Igreja Católica referente à guerra de Guilherme nesse período:

Neste tempo o trono de São Pedro estava ocupado pelo Papa Alexandre, um homem digno de ser obedecido a por todos. [...] Ele não transigia com homem algum e, ao redor do mundo, onde quer que seu poder alcançasse, ele *travava guerra* contra o pecado.
[O] Duque Guilherme contou ao Papa o que ele planejava fazer e pediu pelo seu apoio. Como um símbolo de sua aprovação e como um mandado de São Pedro o Papa enviou a ele seu estandarte, atrás do qual ele podia marchar com toda confiança contra seu inimigo²⁹ (1973, p. 39, grifo nosso).

Guilherme e o Papa Alexandre II entram em comum acordo de que a invasão de Inglaterra é por uma razão legítima, feita para adquirir aquilo que lhe é por direito de herança. Se Haroldo a mantém, a paz do reino da Inglaterra periga, porque ele não é o líder estabelecido por Deus, aquele que devia sentar-se ao trono, e de suas ações egoístas muitos males virão aos anglo-saxões – a guerra, ação de exceção para restabelecimento da ordem, é o último meio possível. As boas relações que o papado exerce com a Normandia também são importantes para a decisão, e o distante Haroldo, com uma Inglaterra onde um bispo excomungado atuava à revelia de Roma, é uma preocupação constante em uma Igreja que busca implementar as reformas gregorianas centralizadoras³⁰. A promessa de Eduardo em seu leito de morte é questionada, afinal encontram-se ali apenas outros nobres ingleses e uma rainha idosa, cuja emoção por seu marido falecido lhe chama mais alto do que as desavenças políticas. Na falta de documentos escritos, tão apreciados pelo magistério, não existe nenhum tipo de ato anterior a esse que confirme a coroação de Haroldo.

Por fim, é possível que a constante influência dos vikings pagãos continuasse sobre as populações anglo-saxônicas de tal forma que a autonomia representada pela

²⁹ No original: “At this time Saint Peter’s throne was occupied by Pope Alexander, a man worthy to be obeyed by all. [...] He made compromise with no man and, round the wide world, wherever his power reached, he waged war on sin.”

“Duke William told the pope what he was planning to do and asked for his support. As a symbol of his approval and as a mandate from Saint Peter the Pope sent him a banner, behind which he could march in all confidence against his foe.”

³⁰ A Reforma Gregoriana foi uma série de movimentos de reforma e estabelecimento de novas medidas para o comportamento moral e a independência do clero para com os poderes políticos. Iniciada na metade do século XI pelo Papa Gregório VII, ela procurou estabelecer uma única lei canônica em todo o território do cristianismo, aplicando medidas como a exclusiva capacidade dos papas e bispos de ordenar outros sacerdotes e a obrigação do celibato aos padres.

ordenação do excomungado Stigand por mãos reais fosse um de seus reflexos. Com um líder muito mais fiel aos ritos romanos, a Igreja poderia então aumentar sua influência nas ilhas britânicas, estabelecendo bispos ela mesma para a condução de seus assuntos espirituais e políticos.

Talvez a única condenação possível para a causa de Guilherme seja o tempo em que a exerce: adepto da *tregua Dei*, Hastings cai durante um sábado, período de recolhimento. Mas, se essa condenação é levantada – nenhuma das fontes a menciona, mesmo a *Crônica Anglo-Saxônica*, cujos escritores talvez não conhecessem tal recente trégua –, provavelmente o é apenas pelo lado inglês, lado que já contava com o excomungado Stigand, e, portanto, que não possuía validade alguma. Aparentemente, contra perjuros, mesmo a guerra nos dias de paz é lícita.

2.3. O desenvolvimento técnico

Além das questões conceituais e políticas, a guerra de Guilherme e Haroldo é a demonstração de dois estilos de combate diferentes, quais sejam, a luta entre o estilo continental com o uso de cavalaria, infantaria e artilharia, e o estilo viking, com o uso de infantaria pesada assistenciada pela artilharia. Pelas condições do campo de batalha de Hastings, entretanto, a artilharia de ambos os lados pôde fazer apenas uma participação pontual, quase nula, enquanto que a infantaria defensora inglesa tinha a vantagem sobre a infantaria atacante normanda. O diferencial entre ambas acaba por ser, então, a presença da cavalaria do lado dos atacantes.

Os povos indo-europeus já utilizavam o cavalo para a guerra desde a Antiguidade³¹, mas foi durante a Idade Média que os europeus ocidentais estabeleceram novas maneiras de lutar usando montarias em combate, de tal modo que influenciariam em muito as suas estratégias militares. No entanto, devido ao custo que o treinamento e a manutenção de montarias acarretam, bem como à dificuldade tática da utilização dos

³¹ A domesticação do cavalo é tanto arqueológica quanto historicamente conhecida e exercida pelos homens da Antiguidade, e concomitantemente ao fato de que a guerra é uma prática humana constante, o uso do cavalo em combate não é novidade alguma quando do período da Idade Média Central. Na Antiguidade, os egípcios se utilizam de bigas puxadas por cavalos de guerra, de onde atiram dardos e flechas. Já os romanos possuem uma classe própria dentro do exército que tem reflexos em sua vida cívica, os quais denominam *Equites*. Um número relevante de povos chamados “bárbaros” da Antiguidade Tardia e da Alta Idade Média é considerado não apenas capaz, mas competente no adestramento e uso desses animais em combate, bem como vários outros povos utilizam o cavalo como meio de transporte até o local de conflito.

animais em combate dependendo do terreno onde os conflitos se desenrolam – terrenos lamacentos ou pedregosos, por exemplo – o principal método de combate durante um período considerável do medievo é o do combate a pé, em formações cerradas de homens ombro a ombro ou em pequenos grupos autônomos reunidos em grande quantidade. O uso do combate a pé não é favorecido exclusivamente pelos romanos (e pelos gregos antes deles), como também é o favorito dos germânicos, os povos “bárbaros”, que ora entram em conflito, ora se aliam ao poder de Roma. Nesse contexto, como nos relembra Jean Flori: “O exército romano de que falam os textos antigos, modelos literários dos letrados da Idade Média, é antes de tudo formado por infantes (*pedites*). A cavalaria não está ausente deles, mas é secundária, relegada aos ‘flancos’, formada geralmente por auxiliares” (2005, p. 68). Essa cavalaria auxiliar tem como função as incursões rápidas para avaliar ou minar a força do inimigo para o reconhecimento do terreno e da localização da força opositora e para o ataque aos flancos de tais forças quando o exército principal as tiver engajado.

No final da Alta Idade Média, e certamente na Idade Média Central, a cavalaria não é vista como uma força auxiliar no campo de batalha, mas muitas vezes como a força principal ou mesmo determinante para a resolução dos conflitos. Mesmo se considerarmos apenas uma exaltação da cavalaria unicamente por estar intimamente relacionada às lideranças políticas, ainda assim o combate a cavalo não teria recebido maior atenção dos cronistas e líderes militares durante tal período se sua eficiência fosse de tal modo inferior ao combate a pé e à artilharia que se tornasse desnecessária ou mesmo danosa em campo de combate.

É considerando essa utilidade em campo de batalha que vemos a necessidade do estudo da efetividade militar da cavalaria. Sua eficácia é um dos pilares que determina sua maior ascensão comparativamente a outras formas de combate nesse período, e uma subsequente exaltação social e moral daqueles que a praticam. E, no contexto de Guilherme, o Conquistador, podemos verificar a capacidade militar desse grupo de guerreiros durante a própria Batalha de Hastings. A capacidade com que os cavaleiros lidam com a infantaria pesada de Haroldo permite a vitória de Guilherme, mesmo diante de um corpo de infantaria tão poderoso como os *thegn*³² ingleses.

³² Os *thegn* são grandes e pequenos nobres vassalos do rei inglês, que trazem suas hostes de companheiros guerreiros quando convocados à guerra. CORÉDON, C; WILLIAMS, A. 2007, p. 273-274.

As tropas inglesas do século XI, influenciadas pelo estilo de luta viking, são divididas em dois tipos de soldados: as tropas domésticas, os *thegn*, e os *housecarl*³³, cuja posição militar é hereditária e profissional, e os *fyrð*³⁴, cujo trabalho militar é eventual (DOUGHERTY, 2010, p. 98-100). Contrariamente à posição que os *thegn* e os *housecarl* ocupam na sociedade, cujo serviço e treinamento militar era constante e perene, bancados por cofres próprios ou pelo tesouro real, os *fyrð* não são exclusivamente guerreiros, muitos deles são também detentores de terra e agricultores de pequeno ou grande porte, e essa posição social apresentava certas dificuldades estratégicas (NICHOLSON, 2004, p. 40). Primeiramente, porque eles precisam ser reunidos através do *ban*³⁵, chamado senhorial à guerra de todos os homens capazes da região, o que consome uma quantidade considerável de recursos e tempo, visto a disposição geográfica de suas residências, espalhadas pelo interior da Inglaterra. Em seguida, pelas características desse *ban*, que possui uma restrição geográfica onde seu serviço pode ser prestado, tanto gratuitamente quando supridos de provisões, já que nem todos têm cavalos como meio de transporte, e suas obrigações estão voltadas em especial à proteção de sua região – e não necessariamente a todo o território do reino. Por fim, tendo que dividir seu tempo entre sua profissão agropecuária e suas obrigações marciais, muitas vezes o treinamento militar dos *fyrð* é básico, assim como seu equipamento, custeado por ele mesmo, acabava por ser em geral inferior – enquanto que o das milícias era praticamente nulo. A economia inglesa, minada por décadas de impostos e oferendas aos vikings que podiam invadi-los, acentua a incapacidade de se adquirir equipamentos mais sofisticados como os do continente, que Guilherme e seus soldados, tanto os fiéis quanto os contratados, possuem.

Todas essas dificuldades estratégicas e logísticas significam uma menor efetividade militar e uma atuação temporal restrita para essas tropas. As milícias e os *fyrð* que ficam estacionados ao sul, para lidar com Guilherme enquanto Haroldo se

³³ *Housecarl*, que vem de “*house*”, casa e “*carl*”, homem, “homem da casa”, são a tropas pessoais de defesa do rei, normalmente composta de *thegn* e filhos de *thegn* considerados dignos para esse serviço, recebendo equipamento e soldo do próprio rei. CORÉDON, C; WILLIAMS, A. 2007, p. 160.

³⁴ Os *fyrð* são homens livres, não servos, que atuam como soldados nos tempos de guerra, sendo chamados a esse serviço excepcional por um tempo determinado de dois meses. CORÉDON, C; WILLIAMS, A. 2007, p. 135.

³⁵ O *ban* era um direito antigo e muito bem estabelecido na sociedade anglo-saxônica, e consistia em um alistamento obrigatório, por vezes para marchar em exército durante o período de dois meses, por vezes como serviço de guarda das fronteiras durante um período de até 15 dias para as milícias – ou mais, se houvesse pagamento e suprimentos, o que não ocorrera nesse caso. CORÉDON, C; WILLIAMS, A. 2007, p. 30.

desloca para lidar com Tostig ao norte, logo se debandam. Já os *fyrð* que se deslocam para o norte – sem as milícias, restritas à sua região de origem – fazem grande parte de seu trajeto em ritmo de marcha forçada. Necessitando de uma quantidade considerável de provisões e recursos, esse movimento é tanto a causa de atritos entre Haroldo Godwinson e seus vassalos e homens livres do exército – cujo *ban* havia sido iniciado para defender o sul apenas –, quanto resulta em um dos motivos de sua derrota posterior (GRAVETT, 1994, p. 28).

A quantidade de combatentes em campo naquele dia não é consenso entre os historiadores. As fontes contemporâneas não entram em acordo entre si, desejosas de expressar números mais aptos a impressionar os leitores do que necessariamente serem um acordo matemático. Guilherme de Poitiers coloca nas palavras de Guilherme da Normandia os seguintes números:

Tivera eu apenas dez mil homens sob meu comando do mesmo temperamento que os sessenta mil os quais trouxe comigo, com a ajuda de Deus e minhas próprias corajosas tropas eu ainda assim não hesitaria em marchar para destruir ele [Haroldo] e seu exército.³⁶ (POITIERS, 1973, p. 44).

A descrição do exército de Haroldo, que de acordo com Guilherme de Poitiers era muitas vezes superior aos números do duque normando, se segue:

Se algum historiador antigo tivesse descrito a linha de batalha de Haroldo, ele teria dito que os rios secavam em sua passagem e as árvores das florestas caíam ante seu avanço. Enormes forças de homens ingleses juntaram-se de todas as partes da terra, alguns por sua devoção a Haroldo, todos pelo amor de sua terra natal, a qual estavam determinados a defender desses invasores estrangeiros, apesar de erroneamente³⁷ (POITIERS, 1973, p. 48).

Entretanto, as condições de manutenção desses números, bem como a extensão do campo de batalha, de mil metros de extensão das linhas por quatrocentos metros

³⁶ No original: “If I had only ten thousand men under command of the same temper as the sixty thousand whom I have brought with me, with God to help me and my own brave troops I would still not hesitate to march out to destroy him and his army.”

³⁷ No original: “If some ancient historian had described Harold’s battle-line, he would have said that rivers dried up at its passing and forest-trees came crashing down as it advanced. Enormous forces of Englishmen had come together from all parts of the country, some through their devotion to Harold, all because of their love for their fatherland, which they were determined to defend against these foreign invaders, however wrongly.”

separando ambas as forças, não comportam esses números. Fontes posteriores, como Robert Wace, que escreve um século após os eventos, podem estar mais próximas dos números reais da batalha:

[...] ouvi meu pai dizer, e isto me lembro bem, embora fosse apenas um rapaz na época, que, quando eles [os Normandos] zarparam de Saint-Valery, contando os barcos, embarcações menores e esquifes carregando armas e armaduras, a frota possuía fortes 696. Eu li, e se isso é verdadeiro ou não não o sei dizer, que haviam tantos quantos 3000 navios com suas selas e mastros³⁸ (WACE apud THORPE, 1973, p. 14).

Baseados na extensão do campo, na quantidade de recursos passíveis de serem angariados em tempo e na contagem mais módica de Robert Wace do número de barcos, com uma média de 15 homens por barco (alguns carregavam exclusivamente tropas e cavalos, enquanto outros eram quase que exclusivamente de provisões, e nem todos os homens eram combatentes), é provável que a quantidade de tropas de ambos os lados se encontre na casa de alguns milhares, diferentemente das dezenas de milhares da fonte contemporânea (DEVRIES, 2009, p. 21).

A batalha é descrita de maneira tal que seu resultado é incerto e que as forças se encontram em anulação simultânea, o que pode indicar uma quantia similar de homens para ambos os lados. Partindo das fontes já apontadas, de que as forças de Haroldo são superiores às de Guilherme em termos numéricos, é possível estipularmos alguma vantagem aos defensores. Dessa forma, os ingleses contam com um contingente aproximado de 8.000 homens, sem adicionar quaisquer eventuais não combatentes, sendo os guerreiros divididos entre 800 *thegn* e 7.200 *fyrð*. A guarda pessoal de Haroldo, os *housecarl*, também não entra nessa contagem, considerando que sua função primária é a defesa do rei pessoalmente e que, portanto, seu número e sua mobilidade não são suficientes para influenciar drasticamente a batalha. Todas as fontes concordam em retratar esse exército como um exército de infantaria, sem o uso de cavalaria e com um uso mínimo de arqueiros e outras formas de artilharia, um exército que, pela história

³⁸ No original: "...I heard my father say, and this I remember well, although I was only a lad at the time, that, when they set sail from Saint-Valery, counting boats, smaller vessels and skiffs carrying arms and armour, the fleet was 696 strong. I have read, and where this is true or not I cannot say, that there were as many as 3000 vessels with their sails and masts."

inglesa, estava fortemente pautado na tradição viking e anglo-saxônica de combater a pé em unidades de infantaria fortemente armadas.

O exército de Guilherme tem aproximadamente 7.500 homens, 10.000 se contados os não combatentes, e aqueles primeiros são divididos em três tropas de origens diferentes: em maior número, os normandos, com 4.000 homens; em segundo, os recentemente pacificados bretões, com 2.000 homens; e por último, mercenários e aliados franceses e flamengos, com 1.500 homens. Esses três grandes grupos estão ainda divididos entre três tipos de tropas, complementares umas às outras, em ordem: 800 arqueiros normandos, 400 arqueiros bretões e 300 arqueiros franco-flamengos, em um total de 1.500 homens na artilharia; 2.130 guerreiros normandos, 1.070 guerreiros bretões e 800 guerreiros franco-flamengos num total de 4.000 soldados de infantaria pesada; e finalmente 1.070 cavaleiros normandos, 530 cavaleiros bretões e 400 cavaleiros franco-flamengos em uma cavalaria de 2.000 homens (GRAVETT, 1993, p. 20). Essas forças mescladas demonstram o estilo de luta continental, em que cada uma das partes de um exército exercia uma função específica em assistência aos outros grupos. Cada uma dessas tropas, tanto inglesas quanto normandas, possui níveis de treinamento, equipamento e habilidades distintos umas às outras, e para a compreensão do papel da cavalaria no embate é necessário compará-las.

Primeiramente, devemos tratar dos *fyrd*. Como reportamos anteriormente, os *fyrd* são homens convocados para a guerra através do exercício do *ban*, durante o período de dois meses ou mais durante o ano, conforme a necessidade. Isso significava que eles são homens livres, já que aos servos é proibido portar armas, exceto nas concessões do *ban*. Eles também possuem terras próprias para conseguir o seu sustento, e isso abrange desde fazendeiros com terras pequenas, o bastante para sua subsistência e a de sua família, até poderosos homens com grandes extensões de terras, embora estes últimos sejam mais raros que aqueles. Isso faz com que o seu equipamento e treinamento sejam extremamente variáveis, mas sua principal vantagem é sua quantidade. Em situações diferentes das da batalha de Hastings, um rei inglês é capaz de angariar um número considerável de *fyrd* e milicianos para a conclusão de uma batalha ou uma curta campanha militar – mas, tendo em vista o tempo de serviço determinado para ambos os grupos, de 15 dias para a milícia e dois meses para os *fyrd*, e as

dificuldades causadas antes e após a batalha de Stamford Bridge, Haroldo não tem a sua disposição todo o seu efetivo militar.

Graças à sua posição social, os *fyrð* são constantemente convocados em oportunidades anteriores à Batalha de Hastings, possuindo tanto um treinamento militar prático quanto o conhecimento militar advindo de suas tradições familiares. Embora seu treinamento seja menor do que o dos soldados profissionais, seu papel como infantaria ligeira é essencial para a manutenção do poder real e proteção das terras inglesas. Sua convocação, assim como a convocações das milícias, porém, é um exercício de último esforço, já que o deslocamento e a perda desses homens durante as guerras acabam por diminuir a produção agrícola efetiva da Inglaterra, e consequentemente, a produção de riquezas do reino, motivo pelo qual é possível que os reis ingleses anteriores a Haroldo prefiram o pagamento dos tributos aos vikings ao invés da guerra aberta.

Os *fyrð* possuem uma padronização armamentista básica para se configurarem como tais, embora essa base seja simplesmente composta de uma arma à disposição, uma proteção corporal e uma proteção craniana. Do contrário, não há qualquer outro tipo de organização ou padrão para seus armamentos, o que faz com que sua efetividade em conjunto se deva mais a seu número do que a uma tática organizada baseada em seu equipamento. Todavia, considerando o preço e a disponibilidade de armas e armaduras na Inglaterra no século XI, existem certas armas e armaduras que constituem o mínimo denominador comum à maioria desses homens. Em geral, os *fyrð* estão armados com baratas lanças de madeira com ponta de ferro, que podem ser manejadas com uma mão, de tamanho variável entre 1 metro e 1,5 metros, e peso leve de 2 quilos (FLORI, 2005, p. 74), que podem ser arremessadas ou usadas como armas de estocada em combate corpo-a-corpo, embora tenham um alcance restrito quando usadas dessa forma.

Alguns *fyrð*, dependendo de sua capacidade econômica ou da herança de seus antepassados, podem contar com espadas longas de ferro, com corte duplo, de tamanho entre 65 e 95 centímetros, e peso de 1,5 quilos a 2 quilos (DEVRIES; SMITH, 2012, p. 22), armas que são usadas para combate corpo-a-corpo, cortantes e de curto alcance. Machados também podem ser encontrados entre os *fyrð*, dividindo-se em dois tipos. O primeiro se caracteriza como pequenos machados de uma mão que podem ser usados para o combate corpo-a-corpo ou arremessados, ferindo tanto através do corte quando da concussão, com tamanho variável entre 30 e 50 centímetros e peso de 1 a 1,5 quilo.

O segundo se trata de machados de duas mãos advindos da tradição viking, usados para ferir mesmo oponentes com armadura graças ao grande poder de corte e concussão. Estes possuem tamanho variado de 1 metro a 1,20 metros e peso de 2 a 3 quilos: seu alcance limitado e a inércia o tornam uma arma lenta para ser reposicionada para um segundo ataque, o que faz com que um atacante que erre um golpe esteja aberto a um contra-ataque de uma arma mais veloz de manejo, como as espadas e lanças (DOUGHERTY, 2010, p. 98).

No tocante à proteção, o principal aparato de defesa dos *fyrð* (e de outros combatentes) é o escudo, que pode ser criado em duas formas básicas: uma forma redonda, considerada um modelo antigo, designado especialmente para o combate a pé, feito de madeira e com um raio de 40 centímetros (DEVRIES; SMITH, 2012, p. 59), com bordas e um centro metálico; e um escudo com forma de cometa ou pipa, de topo arredondado que se afunila até uma ponta triangular em sua base, de tamanho variável entre 1 metro e 1,3 metros, cuja função é cobrir a maior parte do corpo.

Christopher Gravett afirma que esse segundo formato era o mais recente, bem estabelecido no continente, considerado: “[...] a forma ideal para os cavaleiros, já que o formato alongado protegia o lado esquerdo do gineite e sua perna vulnerável. Entretanto, tais escudos eram inicialmente vistos em uso igualmente por ambas a cavalaria e a infantaria”³⁹ (1993, p.12-13).

Esses escudos são, para muitos milicianos e *fyrð*, a única proteção disponível, eficazes contra vários tipos de golpe, mas são paramentos grandes e pesados, de grande ônus para o cansaço físico. *Fyrð* mais abastados podem comprar ou herdar armaduras, embora normalmente tais armaduras constituam-se em roupas grossas que cobriam o corpo, do pescoço aos antebraços e as coxas. Feitas de várias camadas de peles de animais curtidas ou de outros tipos de couro endurecido, que conferem alguma proteção contra golpes contundentes ou cortantes, são vulneráveis a ataques perfurantes, nos quais grande pressão é aplicada a um pequeno ponto, o que fazia com que o couro fosse perfurado pelas lanças da cavalaria e flechas da artilharia. A proteção craniana, quando existe, se restringe normalmente a barretes de couro, suficiente apenas para diminuir o

³⁹ No original: “[...] this form was ideal for horsemen, since the longer shape guarded the rider’s left side and his vulnerable leg. However, such shields were initially seen in use equally by both cavalry and infantry.”

dano de golpes contundentes, enquanto mãos e pés não têm proteção alguma fora roupas de mangas compridas, botas e braçadeiras de tecido.

Em uma época anterior à tradição de arquearia inglesa, alguns dos *fyrð* em Hastings possuem arcos e flechas, ou mesmo fundas, mas sua presença na batalha não é mencionada, com exceção de uma única figura da *Tapeçaria de Bayeux* (Figura 4). Dessa forma, a artilharia inglesa, que já está minada graças os arqueiros que ficaram em Northumbria, acaba por não exercer grande influência no conflito.



Figura 4 - Nessa imagem, vemos a infantaria inglesa agrupada em uma tática militar conhecida como parede de escudos, que se mostrou efetiva contra as flechas normandas. Armados com lanças e machados, a presença das armaduras de metal indica que se tratava de *thegn* e não *fyrð*. Notamos a presença de um único arqueiro entre eles.

Fonte: http://www.hs-augsburg.de/~harsch/Chronologia/Lspost11/Bayeux/bay_tama.html

Esses homens convocados para a proteção de seu reino são os que mais sofreram devido à marcha forçada que Haroldo inflige sobre o exército para combater Guilherme, já que dificilmente eles têm a capacidade econômica para possuir um cavalo. O treinamento dos *fyrð* é ocasional e situacional (NICHOLSON, 2007, p. 57), e isso pode implicar menor efetividade, tanto física quanto estratégica, de sua atuação em combate. Entretanto, eles não são os únicos combatentes em favor de Haroldo, que também possui os *thegn* e os *housecarl* em seu exército.

Os *thegn* e os *housecarl* – estes últimos são iguais aos primeiros, exceto que são a guarda pessoal do rei – são combatentes profissionais e nobres que possuem terras próprias de maiores extensões que os *fyrð*, ou que recebem equipamento e pagamento de grande soma diretamente do rei. Oriundos de famílias mais abastadas, estão mais economicamente preparados para o exercício da guerra, e uma de suas posses é o

cavalo. Diferentemente dos normandos, não usam sua montaria em combate, pois o estilo de luta tradicional viking, que influenciou o estilo anglo-saxão, era o do combate a pé (DOUGHERTY, 2010, p. 102-103). O animal é, portanto, usado para a locomoção até o campo de batalha, o que diminui a fadiga e permite cobrir distâncias maiores em menor tempo.



Figura 5 - Nessa passagem, os servos normandos levam as espadas, machados, lanças, armaduras e elmos, e outros víveres, até os navios de Guilherme. Podemos notar o corte frontal das armaduras, que permitem aos cavaleiros cavalgarem com elas, e os elmos cônicos carregados nas mãos e em cima da carroça. Esse tipo de equipamento também era usado pelos *thegn* ingleses, embora com a modificação de um corte lateral na armadura. As inscrições em latim dizem: ISTI PORTANT:ARMAS: AD NA[VES : ET hIC /] TRAh[VNT : CARRVM] CVM V[INO : ET ARMIS]. Tradução: Estes (homens) estão carregando armas até os navios; e aqui eles estão levando uma carroça cheia de vinho e armas.

Fonte: http://www.hs-augsburg.de/~harsch/Chronologia/Lspost11/Bayeux/bay_tama.html

Assim como os *fyrð*, a proteção dos *thegn* é influenciada pela sua capacidade econômica, embora a base de proteção seja superior, considerando suas condições sociais. Eles podem utilizar uma gama variada de armaduras, tendo em vista que o equipamento medieval não é padronizado entre as tropas, que são dependentes dos armeiros locais. Todavia, entre essas tropas melhor equipadas, as proteções metálicas são as mais comuns e mais desejadas. Fora o uso de armaduras de couro reforçadas, os *thegn* podem adquirir camisas ou mesmo largas cotas feitas de milhares de anéis de ferro entrelaçados, conhecidas como *hauberks*, vestidas sobre as armaduras de couro (GRAVETT, p. 8-9). Também estão presentes armaduras feitas de placas ou escamas de ferro costuradas ao couro, semelhantes em forma às escamas de peixes (GRAVETT, 1993, p. 8-9; 13). Essas armaduras cobrem desde o pescoço até as coxas, mas

dependendo do modelo, podem alcançar até os joelhos, e ter mangas que cobrem os braços até os cotovelos. Caso essas armaduras sejam compridas o bastante para alcançar os joelhos, possuem cortes laterais nas coxas para permitir o movimento em batalha.

Sendo o ápice da proteção corporal do século XI, essas cotas de malha são extremamente resistentes e fáceis de manter, capazes de proteger contra golpes cortantes e perfurantes, e juntamente com a proteção de couro interior, diminuir o impacto dos golpes concussivos. Em contraparte, são extremamente custosas, o que faz com que seja um artigo apenas para os profissionais, e seu peso é um fator negativo, deixando o usuário fadigado mais rapidamente e obrigando os líderes a buscarem uma vitória rápida em qualquer embate – o que, para Haroldo, se mostra um problema.

A proteção craniana consiste em um capacete cônico de madeira ou metal forrado de couro e tecido, que cobre o topo da cabeça, muitas vezes complementado com uma proteção nasal que consiste em uma tira de metal reta (DEVRIES; SMITH, 2012, p. 65). Essa é uma proteção mais eficaz do que o barrete de couro dos *fyrð*, capaz de parar todo tipo de golpe letal para transformá-lo apenas em uma concussão de menor impacto, embora ainda potencialmente danosa. Braços e pernas são protegidos de maneira semelhante aos *fyrð*, consistindo normalmente de braçadeiras e caneleiras de tecido, fora as botas e roupas.

O armamento dos *thegn*, como soldados profissionais, é similar ao dos *fyrð*, embora seu equipamento dificilmente seja também algum instrumento de trabalho não marcial, como os machados o seriam para cortar lenha. A exceção mais notável é a presença de maças entre eles – hastes de madeira com cabeças rombudas, metálicas ou de madeira reforçada, com comprimento entre 30 e 45 centímetros e peso de 1,5 quilos a 2 quilos, capazes de serem arremessadas e de desferir golpes contundentes que podem atravessar armaduras flexíveis como a armadura de couro e a cota de malha do *hauberk*. Essas maças também serviam a um segundo propósito de diferenciação nas tropas entre líderes e liderados, para facilitar a identificação do capitão pelos soldados. Em adição, temos a lança e o machado, bem como espadas e escudos redondos ou cometa, sendo o machado de duas mãos uma das armas mais favorecidas (GRAVETT, 1993, p. 14-15; 31).

O arremesso das armas foi especialmente mencionado por Guilherme de Poitiers quando da investida inicial dos normandos:

Os Ingleses resistiram [ao ataque] bravamente, cada qual a seu modo. Eles arremessaram suas azagaias e mísseis de todo o tipo, eles deram golpes selvagens com seus machados e com pedras presas a cabos de madeiras⁴⁰ (1973, p. 49).

Os *thegn* têm tanto a disponibilidade quanto a tradição de serem militarmente treinados desde a infância, com tempo constante durante o ano para o aperfeiçoamento graças ao ócio promovido pelas suas riquezas. Também participam das várias campanhas dos reis ingleses anteriores, tendo, portanto, maior capacidade combativa e treinamento do que os *fyrð*, e sua interação mais próxima à realeza pode fazer com que eles possuam um sentido de camaradagem e lealdade ao seu suserano que se expressa em um ânimo elevado no campo de batalha, em especial quando nos referimos aos *housecarl*.

Em oposição a essas tropas se encontram as forças de Guilherme, o Conquistador, composta de normandos e vários outros nobres e mercenários de outras regiões continentais, como franco-flamengos e bretões. Diferentemente do exército inglês, composto ora de infantaria leve ou infantaria pesada, o exército normando conta



Figura 6 – Arqueiros normandos.

Fonte: http://www.hs-augsburg.de/~harsch/Chronologia/Lspost11/Bayeux/bay_tama.html

com dois fatores diferentes em sua composição: uma forte presença da artilharia em forma de arqueiros, artilharia escassa do lado inglês, e da cavalaria, inexistente entre os defensores. Guilherme aceita a presença de muitos mercenários, sejam experientes ou não, mas seus próprios homens já têm experimentado a batalha sob seu jugo em várias campanhas, especial e mais recentemente contra os próprios bretões que, pacificados, são reunidos em seu exército.

Os arqueiros do exército de Guilherme normalmente não vestem armadura, embora uma das figuras da *Tapeçaria de Bayeux* esteja utilizando uma armadura como as da infantaria e

⁴⁰ No original: “The English resisted strongly, each in his own way. They hurled their javelins and missiles of all sorts, they dealt savage blows with their axes and with stones hafted on wooden handles.”

cavalaria, possivelmente um sargento (Figura 6). Seus arcos têm um tamanho variável entre 1,4 metros e 1,6 metros de comprimento quando não tensionados (NICHOLSON, 2004, p. 100). A puxada da corda é feita apenas até a altura do peito, conferindo ao arco um alcance de entre 50 e 200 metros conforme o ângulo, o vento e a força do arqueiro.

Fora o arco e a aljava com as flechas, os arqueiros normalmente só possuem uma adaga como proteção corpo a corpo, embora em uma batalha ideal não se espere que eles cheguem a tal ponto. As provisões de flechas desses homens são apenas a que eles podem carregar em sua aljava, entre 20 a 24 flechas (GRAVETT, 1994, p. 65), o que em circunstâncias normais é suficiente nas curtas batalhas medievais. Entretanto, como o conflito se estende durante todo o dia, após as levadas de flechas iniciais os arqueiros normandos perdem a capacidade de influenciar o campo de batalha, pelo menos até a chegada de mais munição durante as últimas horas de combate. A arquearia necessita de bastante tempo de treinamento (DOUGHERTY, 2010, p. 161), o que indica familiaridade com seu uso e aplicação prática no campo de batalha. Como durante o combate os arqueiros também não estiveram diretamente ameaçados pela artilharia inglesa ou por sua infantaria, sua coesão militar não é desfeita, possibilitando uma atuação conjunta mais eficiente. De fato, a arquearia é um dos fatores determinantes da vitória de Guilherme em Hastings.

A infantaria normanda é composta por soldados profissionais, diferente dos *fyrð* e mais próxima dos *thegn* já referidos. As armaduras também variam desde a proteção de couro até os *hauberk* feitos de anéis de metal, com o corte lateral para permitir o movimento das pernas. O escudo mais presentemente utilizado do lado normando é o cometa, pois o escudo redondo é um estilo já ultrapassado no continente. O mesmo estilo de capacete dos ingleses, denominado *spanghelhelm*, cônico e com proteção nasal, é utilizado pelos normandos, uma peça de equipamento relativamente barata. Estão armados com lanças, espadas, maças e machados de uma mão.

Diferentemente dos ingleses, o machado de duas mãos caiu em desuso no continente, provavelmente por sua associação com os vikings (GRAVETT, 1993, p. 15), havendo a preferência pela espada que, embora não seja necessariamente mais eficaz, é um símbolo de status e mais fácil de manejar sem se expor no caso de um golpe falho. Incapaz de criar uma brecha para a cavalaria, a infantaria pouco é mencionada nos relatos sobre a Batalha de Hastings, apesar de compor mais da metade das tropas.

Considerando que sua formação é similar à dos *thegn*, que também possuem muitos mercenários em seu meio, seu treinamento pode ser extremamente variável. Entretanto, as tropas de Guilherme passam boa parte do verão de 1066 em Dives, onde podem ter praticado para a batalha vindoura, diversamente de seus oponentes (NICHOLSON, 2004, p. 114).

A cavalaria figura por último, mas seu papel não é menos importante. Sua característica mais marcante é o uso do cavalo em combate, os quais são treinados para a batalha, tanto para não fugirem dela como para usarem de coices para atacar inimigos. Nesse momento da Idade Média, apesar de ser um bem de grande valor econômico, o cavalo não é protegido com algum tipo de armadura – embora ferir os cavalos não seja algo útil mesmo aos defensores, já que os cavalos podem ser depois capturados como butim. O sistema de rédeas e a sela com proteção alta, comuns no continente, concedem maior estabilidade ao cavaleiro em combate e possibilita atacar o inimigo com uma investida com lança (KEEN, 2008, p. 40). De fato, a *Tapeçaria de Bayeux* é uma das primeiras demonstrações desse tipo de ataque, embora ele não tenha sido utilizado em grande escala como foi em batalhas posteriores, já que os cavaleiros não atacam em unidades compactas, mas sim em pequenos grupos ou como indivíduos.

A arma principal é a lança, sendo a espada, machado ou maça desembainhada apenas no caso de quebra ou perda daquela. A lança pode ser utilizada tanto como arma de arremesso como uma arma perfurante, seja em um golpe de baixo para cima, seja em uma estocada rápida, seja como a investida com lança. O escudo utilizado é o cometa, com a diferença de que, enquanto um soldado a pé utiliza o escudo de pé, com o propósito de cobrir a maior parte de seu corpo, os cavaleiros podem inclinar o escudo de forma que este proteja o corpo do cavalo. As armaduras de metal estão novamente presentes entre esses guerreiros, porém apenas os muito ricos podem comprar proteção para as pernas, denominada *chausses*, feitas do mesmo material que as armaduras de malha, e que cobrem desde a coxa até os pés. Em adição, as armaduras acima descritas, os pescoços dos combatentes também podem ser protegidos por uma extensão de anéis que se prende ao capacete, chamada de *ventail*, cobrindo a nuca, o queixo e as orelhas. O corte na armadura, ao invés de lateral, é feito à frente e atrás, para permitir a abertura das pernas e a cavalgada.

Extremamente bem treinada, a cavalaria normanda é a força de elite do campo de batalha, determinante na resolução de Hastings. Ela tem várias vantagens comparativamente à infantaria inimiga. Primeiro, a mobilidade, que permite com que ataque, se defenda e se reagrupe com maior facilidade se não estiver cercada ou impossibilitada de evitar seus inimigos. Segundo, pela força dos golpes, que têm uma clivagem e impacto maiores, visto que são desferidos de um ponto superior quando comparados a um homem desmontado, e possuem a inércia provocada pelo movimento da montaria por trás desses mesmos golpes. Por fim, a resistência, pois o esforço não é exclusivo do cavaleiro e sim dividido com o cavalo, permitindo maior tempo de combate, menor necessidade de tempo para se recuperar do cansaço e também uma retirada tática mais facilitada para o descanso de ambos longe do inimigo, conforme foi possível na longa Batalha de Hastings.

CAPÍTULO III – A BATALHA DE HASTINGS: PREPARAÇÃO, AÇÃO, REAÇÃO E CONSEQUÊNCIA

A Batalha de Hastings é um objeto de estudo singular não apenas pelas suas consequências ou pelas fontes que a retratam, mas também pela forma como é militarmente conduzida. As batalhas em campo aberto são consideradas de resultado incerto e, portanto, mais raras do que as batalhas travadas para a defesa de pontos fortes, tornando sua exceção uma oportunidade para o estudo desse tipo de conflito no qual a cavalaria é mais atuante (NICHOLSON, 2004, p. 135). Também podemos observar o confronto de dois estilos de combate distintos, quais sejam, o exército composto unicamente de infantaria, utilizado pelo Rei Haroldo Godwinson da Inglaterra e influenciado por uma tradição viking, e o exército misto de cavalaria, infantaria e artilharia do duque Guilherme da Normandia, cuja experiência advém da tradição militar franca.

A cavalaria, em especial, marca o desempenho deste último no campo de batalha. Apesar de auxiliada pela infantaria e pela artilharia, composta por arqueiros, os guerreiros montados trazidos pelo duque normando são os componentes necessários para sua vitória graças à sua capacidade militar e velocidade de manobra. Neste capítulo, buscamos demonstrar, através das diferenças entre ambos os exércitos, o porquê dessa afirmação. Em seguida, trabalhamos as consequências militares e políticas do resultado dessa batalha.

3.1 – Estratégias e logística

Assim como outros eventos militares, a Batalha de Hastings é o desfecho de eventos iniciados muitos meses antes. Considerando as capacidades de recrutamento, treinamento, alojamento, suprimentos, manutenção e transporte dos exércitos medievais, tal tarefa necessita de uma grande logística, capaz de abarcar as necessidades dessas tropas em um tempo prévio muito superior ao que se é esperado de um conflito contemporâneo nosso, em que os métodos de transporte são muito mais eficientes. Tanto o duque Guilherme quanto o rei Haroldo emitem chamados para reunir seus respectivos guerreiros, e o conhecimento de tais necessidades possibilita também a

Guilherme se utilizar de estratégias que beneficiam sua campanha – assim como permitem a seus cavaleiros exercer um melhor desempenho em combate.

O conhecimento de ambos os pretendentes faz com que Haroldo Godwinson exerça o seu poder de *ban*, ou seja, o seu direito de recrutar todas as tropas disponíveis de todos os estratos sociais. O conhecimento estratégico do rei inglês acredita que o primeiro ataque será desferido pelo sul, através do Canal da Mancha, por Guilherme da Normandia. Tostig e Haroldo Hardrada, porém, atacam primeiramente o norte, e as forças reunidas são redirecionadas. De fato, a *Crônica Anglo-Saxônica* relata parte desses eventos:

Quando rei Haroldo, que estava em Londres, descobriu que seu irmão Tostig tinha vindo a Sandwich, ele reuniu uma quantidade de forças navais e por terra maior do que qualquer outro rei neste país já havia reunido antes, pois ele estava bem informado que o duque Guilherme da Normandia, parente do rei Eduardo, estava para invadir e conquistar esta terra, como se sucedeu. (...) Quando elas estavam reunidas, ele então navegou até a Ilha de Wight, e lá ficou durante todo o verão e outono, e as forças foram estacionadas por toda a costa, embora ao final tenha sido em vão⁴¹ (THE ANGLO-SAXON CHRONICLE, 1990, 194-196).

Guilherme de Poitiers também menciona a estratégia do rei:

De sua parte Haroldo estava pronto a oferecer luta em terra ou em mar. Ele reuniu um enorme exército na costa marítima, e com grande sapiência ele enviou espiões os quais havia treinado⁴² (POITIERS, 1973, p. 40).

Devido ao fato de Guilherme tentar uma solução diplomática antes da invasão, bem como pelo uso estratégico de espiões, Haroldo Godwinson está bem informado tanto da intenção belicosa quanto do poderio militar do duque normando e se preparara previamente. Dessa forma, as milícias e os *fyrð* são reunidos primeiramente para proteger a costa sul, até serem chamados para lutar contra a invasão de Tostig e Haroldo

⁴¹ No original: “When king Harold, who was in London, learnt that his brother Tostig had come to Sandwich, he gathered together great naval and land levies than any king in this country had ever gathered before, for he was credibly informed that duke William of Normandy, kinsman of king Edward, was about to invade to conquer this land, just as it subsequently came to pass. (...) When they had assembled, he then sailed to the Isle of Wight, and lay there the whole summer and autumn, and the levies were stationed everywhere along the coast, although in the end it was all to no purpose.”

⁴² No original: “For his part Harold was only too ready to offer battle on land or sea. He drew up a huge army on the sea-coast, and with great cunning he sent out spies whom he had trained.”

Hardrada, em Northumbria. No sul, fica estacionada uma quantidade menor de milícias recrutadas pelo *ban*, mas por uma questão meteorológica e estratégica, essa guarda costeira não entra em combate contras as forças normandas, debandando-se na data de 8 de setembro de 1066 pela falta de pagamento e suprimentos, retornando assim às suas fazendas e colheitas de outono. Essa debandada é esperada, mas ainda assim se mostra um forte golpe à defesa de Haroldo Godwinson, que teria de reunir novamente seus soldados no sul após o confronto do norte.

A batalha ao norte ocorre apenas vinte dias antes da Batalha de Hastings, e Haroldo tem que se deslocar 305 quilômetros a partir de Londres, em direção à batalha conhecida como Batalha de Stamford Bridge (Figura 7). Primeiramente, ao se mover para a capital, o rei inglês acampa alguns dias para reunir seus *fyrð* novamente e então iniciar a sua marcha. Seguindo por uma antiga estrada romana, esse deslocamento forçado de seu exército alcança a velocidade de 40 quilômetros por dia, o que, para um exército composto principalmente de caminhantes, se revela como uma alta velocidade, assim como um processo estafante para as tropas. Quando Haroldo Godwinson encontra Tostig Godwinson e Haroldo Hardrada em Stamford Bridge, estes últimos já haviam derrotado as forças dos lordes da Northumbria e esperavam os votos de vassalagem dos perdedores. Após uma breve e infrutífera tentativa diplomática entre Tostig e Haroldo Godwinson, se sucede a Batalha de Stamford Bridge (POITIERS, 1973, p. 44-45).

Embora o rei inglês tenha sido vitorioso nessa batalha, Stamford Bridge ainda assim é uma luta em que ocorrem baixas consideráveis entre os ingleses. Fora as vidas humanas perdidas em batalha, contadas entre os soldados comuns, tanto Tostig Godwinson quanto Haroldo Hardrada foram mortos, o que acarreta a Haroldo Godwinson a acusação de fratricida, causando mais tensão entre a coroa e seus próprios lordes – e uma motivação a mais para as forças externas contrárias ao rei inglês.

Christopher Gravett aponta outra dificuldade:

Otro de sus defectos podría desprenderse de la observación hecha por Guillermo de Malmesbury de que un determinado número de hombres se negaron a unirse a Harold em Hastings porque este no compartió el botín después de la batalla de Stamford Bridge, aunque es posible que lo que quisiera fuera retener los buques y el equipo hasta que la amenaza normanda hubiera pasado (1994, p. 14).

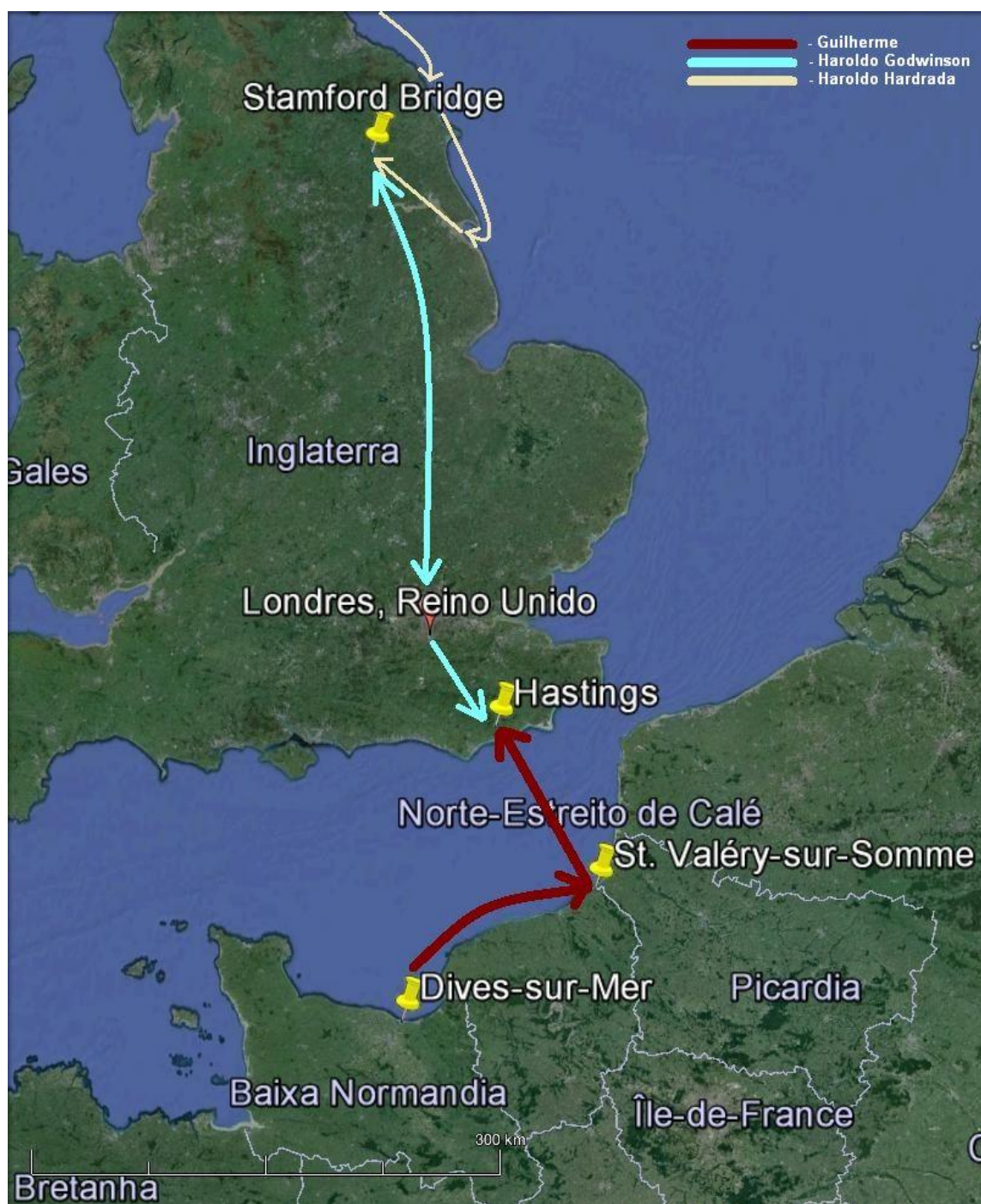


Figura 7 – Os movimentos das forças que influenciaram a Batalha de Hastings. Modificado de: Data SIO, NOAA, U.S. Navy, NGA, GEBCO. Imagem Landsat. © 2009 GeoBasis-DE/BKG. © 2014 Google. In: Google Earth.

Adicionemos a isso o fato de que o período de serviço militar gratuito exigido pelo *ban* chegara ao fim, sendo necessária a manutenção de suprimentos do exército. Incapaz de providenciar tantos suprimentos em tão pouco tempo, visto a colheita de outono ainda não ter sido terminada, parte do contingente se retira para retornar às suas próprias terras. Por último, mas não menos importante, a tensão já mencionada existente entre o rei inglês e os lordes da Northumbria faz com que a maior parte do contingente de arqueiros, tropas típicas daquela região, permaneça ao norte (THORPE, 1973, p. 17) por questões políticas e geográficas, pois o *ban* não se estende a longas distâncias da região em que era convocado.

A grande extensão geográfica da Inglaterra, concomitantemente a seu estilo jurídico-político de sociedade autogovernada, e os séculos de invasão e influência dinamarquesa demonstram a fragilidade com que esse reino estabelecia seus contratos de suserania e vassalagem. Essa fragilidade, apesar de permitir maior liberdade de influência aos nobres, dos quais Haroldo é o exemplo-mor, também enfraquece a coesão política, o mundo anglo-saxônico dividido entre as terras sob a lei antiga do rei, e as terras sob as leis dinamarquesas, o *Danelaw*. Em uma sociedade tal, mesmo o que parece ser um problema evidente pode não o ser considerado por uma porção de sua população, assim como os homens da Northumbria, seja por afinidade de ascendência, seja por desprezo aos nobres ingleses do sul, não marcham junto a seu rei: não é problema “nosso”, e sim “deles”. Sociedades com divisões tão distintas raramente acabam por se manter unidas, apenas o fazendo com o surgimento de uma nova identidade que engloba a ambos os grupos – situação que Guilherme, vindo de uma Normandia mais compacta e apta de ser mantida sob seu jugo, providencia após sua vitória.

Seis dias após a vitória de Stamford Bridge, Haroldo recebe a notícia de que Guilherme aportara em Pevensey, perto de Hastings. De posse dessa informação, ele se desloca novamente a Londres, chegando à capital no dia 6 de outubro de 1066, e passa seis dias exercendo o *ban* para reunir o máximo de soldados o mais rápido possível. É forçoso notar que, mesmo descansando até o dia 12 de outubro, as tropas que acompanham Haroldo desde o início da campanha real já haviam se deslocado aproximadamente 305 quilômetros de ida para o norte, lutado, e retornado mais 305 quilômetros, o que estava a lhes causar um acúmulo considerável de fadiga – em

especial para os combatentes que não possuem cavalos e tem de carregar o próprio equipamento (NICHOLSON, 2004, p. 125). Outra importante consideração é a de que a quantidade de recursos para a manutenção do exército se torna cada vez mais custosa, o que estabelece a necessidade de se economizar recursos, e uma menor quantidade efetiva de soldados por causa disso – o estoque de alimentos da primavera e do verão já está consumido, comercializado ou reservado para as colheitas do ano seguinte, e o recolhimento dos alimentos do outono ainda se encontra em sua fase final.

No dia 11 de outubro, Haroldo se desloca com suas tropas, indo de encontro a Guilherme, 95 quilômetros ao sul de Londres. Ele o alcança no dia 14 de outubro, em uma impressionante velocidade de marcha de 33 quilômetros ao dia, novamente estafando seu exército e comprometendo sua eficácia para o confronto que se seguiria – que, contrariamente a outros conflitos medievais, se estende durante um longo período de tempo do dia. Os *fyrð* que estavam presentes em Stamford Bridge e ainda se mantêm ao lado do rei devem sentir o peso da marcha ainda mais, pois de maneira geral apenas os *housecarl* e os *thegn* têm cavalos à sua disposição, o que diminui seu cansaço.

Da parte de Guilherme, a reunião do exército nos meses anteriores também é custosa. Quando se torna ciente da morte de Eduardo e consequentemente da coroação de Haroldo, Guilherme envia emissários para uma primeira tentativa de diplomacia e protesto formal, bem como possivelmente espionar as ações de Haroldo Godwinson. Guilherme também está ciente do desejo de Tostig Godwinson de vingar-se e readquirir seu posto como lorde inglês, porque Tostig o contatara para reunir forças para tal feito – um pedido recusado, que só seria satisfeito com a aliança de Tostig e Haroldo Hardrada (THORPE, 1973, p. 14). Ao receber uma resposta negativa acerca da sucessão ao trono inglês, o duque normando começa a reunir seus vassalos para convencê-los da invasão da Inglaterra, o que ele fez a muito custo (GRAVETT, 1994, p. 39). Em junho de 1066, foi feita a última reunião, na qual consegue convencer seus vassalos a se unir a ele na guerra. Entrementes, envia contatos para o Vaticano, explicando a situação acerca da sucessão ao trono como direito seu, e recebendo a confirmação de que sua guerra era justa. Após, lança uma proclamação geral a todos os guerreiros interessados a se juntarem a seu exército, o que fez com que até o dia 12 de setembro de 1066 ele reunisse uma hoste de aproximadamente 10.000 homens (incluindo-se serventes e

outros não combatentes, sendo o número de guerreiros aproximadamente 7.500) no porto de Dives-sur-Mer, na Normandia.

Além de seus próprios vassalos e servos, a propaganda militar de Guilherme, que possui o aval da Igreja, também atrai um considerável número de mercenários. Diferentemente do que ocorrerá em uma batalha futura que apresentará grandes similaridades às condições políticas e sociais de Hastings – qual seja a Batalha do Domingo de Bouvines – para Guilherme a contratação de tropas mercenárias não é motivo ainda de vergonha, tal qual será no futuro (DUBY, 1993, p. 113).

Pelo contrário, frutos de uma elevação populacional da Europa, esses profissionais da guerra são pequenos nobres guerreiros sem terra, cuja perspectiva para viver pela espada significa encontrar um patrono que perceba suas habilidades militares. As justas e feiras, que no final do século XI começam a exercer o papel de um lugar para demonstrar as habilidades de um cavaleiro, ainda não possuem grande adoção e alcance, sendo os conflitos eventuais ainda o melhor lugar para um guerreiro demonstrar seu valor e possivelmente se tornar parte da hoste de um senhor de terras abastado. Situação indesejada, mas ainda passível de ser exercida com honra: o contrato deve ser cumprido efetivamente até o final da vida ou o alcance do objetivo, o que vier primeiro, e a quebra de tal contrato é digna apenas dos anátemas e perjuros. Guilherme, portanto, não sofre retaliação moral por usar mercenários, e como muitos desses homens já são de carreira contínua no ramo, possuem não apenas a experiência como também um equipamento razoável, se não equiparados aos cavaleiros de Guilherme, ao menos certamente superiores aos dos *fyrð* ingleses.

Existe a consideração, graças ao conhecimento de Guilherme sobre a intenção de Tostig, bem como seu conhecimento referente à cultura inglesa, de que o duque normando tenha se utilizado já nesse momento da estratégia para enfraquecer seu oponente. Embora Guilherme de Poitiers afirme que o duque demora a zarpar em função de ventos contrários (POITIER, 1973, p. 41), Guilherme pode muito bem ter sido paciente e ter esperado o fim do tempo de serviço das milícias e dos *fyrð*, já que o *ban* é por tempo determinado e consome recursos, algo que efetivamente acontece. O normando também está à espera do movimento de Tostig, e não sabe se tem que enfrentar Haroldo Godwinson ou Haroldo Hardrada quando aportar à Inglaterra. Porém, quaisquer dos dois reis que tenha de enfrentar, ele os enfrenta com a certeza de que

estes trariam apenas uma força militar enfraquecida pela luta – o que de fato ocorre com a morte das tropas pior equipadas em Stamford Bridge e a marcha forçada das tropas inglesas sobreviventes.

Destarte, após transladar o seu exército de Dives-sur-Mer para Saint Valery-sur-Sommer (na atual Alta Normandia), no dia 12 de setembro, Guilherme zarpa e desembarca em Pevensey em 28 de setembro, três dias após a Batalha de Stamford Bridge. Pela quantidade de participantes, bem como pelo seu sucesso, esta movimentação marítima das tropas normandas é designada como uma das maiores operações anfíbias da Idade Média (DOUGLAS apud THORPE, 1973, p. 16). Após sua chegada, Guilherme reutiliza uma antiga construção romana que jaz em ruínas em Pevensey (Figura 8), deixando uma pequena guarnição ali, para logo em seguida mover-se em direção a Hastings, no dia seguinte (THORPE, 1973, p. 16-17). Em Hastings, imediatamente constrói uma fortificação *mote* e *bailey*, um castelo de madeira sobre um monte artificial, cercado por estacas e um fosso.



Figura 8 - Nessa passagem, alguns servos lutam entre si com pás de madeira, outros constroem uma fortificação *mote* e *bailey*. As inscrições em latim dizem: ISTE IUSSIT UT FODERETUR CASTELLUM A(D) HESTENGA: CEASTRA. É possível notar a grafia inglesa ao se utilizar o AT ao invés do AD, conforme parênteses. Tradução: Esse homem ordenou que fosse cavado o forte de Hastings: acampamento.

Fonte: http://www.hs-augsburg.de/~harsch/Chronologia/Lspost11/Bayeux/bay_tama.html

Uma das fraquezas estratégicas dos ingleses é que não havia grande quantidade de pontos defensivos espalhados pela ilha, algo que posteriormente facilita a consolidação do poder de Guilherme com o uso de sua cavalaria. A construção desse castelo *mote* e *bailey* torna-se um dos poucos pontos fortes para o qual os normandos

podem retornar em caso de derrota, já que a notícia de sua desembarcada logo chegaria a Haroldo, o que efetivamente ocorre no dia 1 de outubro. Como a Inglaterra não se pauta na defesa de fortalezas, como a guerra continental, seu estilo de luta viking está mais adaptado para o campo aberto – o campo aberto, no entanto, que também será sua condenação ao lidar com a novidade da cavalaria.

Guilherme está ciente de que Haroldo chama suas tropas navais para impedir a chegada de reforços e provisões pelo Canal da Mancha, o que acaba por cortar qualquer possível linha de suprimentos entre sua invasão e sua base na Normandia. A principal preocupação dos apoiadores de Guilherme se concretiza, pois essa é exatamente um dos maiores fatores para a reticência inicial dos vassalos de Guilherme para invadir a Inglaterra. Essa é já uma estratégia esperada da parte de Haroldo Godwinson: “Para bloquear sua fuga ele [Haroldo] trouxe uma frota de sete mil navios e os ancorou no mar”⁴³ (POITIERS, 1973, 47).

Incapaz de retroceder, a melhor opção estratégica para Guilherme é levar a luta até o rei inglês em uma vitória rápida e decisiva, enquanto pilha por provisões em seu caminho. Guilherme de Poitiers novamente confirma essa estratégia: “Eu não tomarei refúgio por trás de muralhas protetoras ou fortificações de terra. Eu engajarei Haroldo na primeira oportunidade”⁴⁴ (POITIERS, 1973, 44).

De fato, a própria *Tapeçaria de Bayeux* também mostra a impetuosidade militar com os cavaleiros usando da rapinagem (Figura 9). A rapinagem, ou pilhagem, é uma estratégia da guerra medieval bem estabelecida no século XI, na qual os cavaleiros usam de sua rápida mobilidade para fazer incursões nas terras inimigas e causar grande dano econômico através do saqueio de espólios e da destruição de campos e outros meios de produção (NICHOLSON, 2004, p. 4). No caso específico de Hastings, o dano causado às terras inglesas não é eficaz em longo prazo, dado à incapacidade de Guilherme de retornar a seu território e esperar os reflexos da destruição da colheita de outono naquele local. No entanto, essa pilhagem ainda serve a seus propósitos de duas maneiras: para conseguir recursos e para obrigar o rei inglês a entrar em combate (GRAVETT, 1993, p. 49).

⁴³ No original: “To block their escape he had brought up an armed fleet of seven hundred ships and stationed it out to sea.”

⁴⁴ No original: “I shall not take refuge behind protecting walls of earthwork. I shall engage Harold at the first possible opportunity.”



Figura 9 - Nessa passagem, cavaleiros atacam um vilarejo. As inscrições em latim dizem: ET HIC MILITES FESTINAVERUNT HESTINGA, UT CIBUM RAPERENTUR. Tradução: E aqui os soldados se apressaram para Hastings para tomar alimentos.

Fonte: http://www.hs-augsburg.de/~harsch/Chronologia/Lspost11/Bayeux/bay_tama.html

Nesse ponto, Haroldo tem ainda grande vantagem estratégica, pois caso ele resolva defender o reino de um ponto forte como Londres, também pode conseguir tempo para reunir mais soldados e mais provisões, possivelmente um contingente grande o bastante para cercar os invasores e impedir sua fuga. Com posse de tal força, teria sido uma questão de apenas esfomear os invasores e obrigá-los a se render, enquanto os ingleses possuem uma linha de suprimentos em seu próprio território (NICHOLSON, 2004, p. 131-132). Entretanto, a pilhagem das terras conduzida por Guilherme é considerada um golpe duro no ânimo dos homens de Haroldo: estes já se encontram com um estado de espírito menos favorável, tendo em vista a Batalha de Stamford Bridge, a irritação do cansaço e os atritos políticos entre a coroa inglesa e seus vassallos – os homens da Northumbria, em especial. Caso seus homens o percebam como covarde e inepto a ser rei, Haroldo tem de enfrentar não apenas oponentes externos, como também usurpadores internos de sua coroa, e uma resposta rápida é necessária à invasão de Guilherme.

Não apenas isso, Haroldo Godwinson é considerado um homem cuja personalidade é arraigadamente inglesa, e sua ascensão ao trono é motivada exatamente por sua linhagem pertencer exclusivamente ao povo inglês, diferentemente do estrangeiro Guilherme. Isso implica maior consideração pela proteção do povo inglês, tanto por interesses possivelmente altruísticos – vistas as considerações de que as obrigações reais são a de defesa de seus vassallos e servos – quanto por interesses egoístas – porque são, efetivamente, sua riqueza e sustento. Isso é exemplificado quando aceita a expulsão de Tostig, considerado tirânico por seus vassallos. Tendo em vista também que Haroldo e Guilherme já se conhecem anteriormente, tendo atuado na

campanha militar da Bretanha entre os anos de 1063 e 1064, o rei inglês acredita possuir algum conhecimento estratégico de Guilherme, que então atua cautelosamente quando lida com a rebelião de Conan (GRAVETT, 1993, p. 14). A fúria de Haroldo é narrada por Guilherme de Poitiers:

Entrementes os cavaleiros experientes que haviam sido enviados como batedores pelas ordens do duque relataram que o inimigo se aproximava, pois, quando ele ouviu que seu território ao redor do acampamento Normando estava sendo devastado, Haroldo ficou tão furioso que aumentou a velocidade de sua marcha. Seu plano era fazer um ataque noturno repentino e esmagar seus inimigos quando eles menos o esperavam⁴⁵ (POITIERS, 1973, p. 47).

Embora a ascensão dos estados nacionais esteja ainda a séculos de ocorrer, é perceptível a construção política de uma ideia de consanguinidade, pertencimento social e geográfico que caracteriza o povo anglo-saxão no imaginário dos autores das fontes, bem como pelos atos adotados por aqueles que atuaram para a sucessão dos eventos da Batalha de Hastings. Para o povo do sul da Inglaterra, seus nobres e servos, a realeza deve ser exercida por alguém que pertença a um deles, da terra anglo-saxônica. Um estrangeiro, seja dinamarquês, seja normando – mero viking afrancesado – não é digno de conduzir o reino, a tal ponto que, mesmo diante da certeza de uma guerra, a nobreza inglesa prefere um de seus próprios cujo sangue não está ligado ao sangue da casa real. A ascendência real, tão importante em um passado germânico cujos reis descendiam dos deuses da guerra, agora abre espaço para alguém que não possui um sangue tão puro, desde que reconhecido pelos seus pares. A proteção de Haroldo por seu povo também possui certo reflexo dessa visão de reconhecimento nacional, e deixa de simplesmente se importar com seus pares nobres para também reconhecer a injustiça que ocorre para com os menores de seu povo.

Quanto a Guilherme, o normando está ciente de que o rei inglês é um guerreiro impetuoso e rápido a agir. Guilherme de Poitiers, ao escrever em favor do duque normando, assinala: “Guilherme sabia que Haroldo era propenso a lutar e sempre pronto

⁴⁵ No original: “Meanwhile the experienced knights sent out as scouts at the duke’s order reported that the enemy was approaching, for, when he heard that the territory round the Norman encampment was being ravaged, Harold was so furious that he hastened his march. His plan was to make a sudden night attack and to crush his enemies when they were least expecting him.”

a adquirir mais glórias [...]”⁴⁶ (POITIERS, 1973, p. 34), referindo-se à sua interação anterior a Hastings. A desolação das terras, portanto, tem o efeito desejado, trazendo os ingleses para um campo de batalha aberto, um local onde Guilherme tem a chance de uma vitória rápida e decisiva, e onde a sua cavalaria poderia ser empregada com sua máxima eficácia e manobra.

3.2 – Táticas utilizadas e superioridade da cavalaria

Conforme a batalha se aproxima, ambos os lados tentam obter vantagens táticas sobre o outro, utilizando o terreno, as tropas e ações que vão definir o curso do conflito. O primeiro movimento tático bem-sucedido é o fato de o duque normando conseguir trazer o rei inglês até um campo de batalha aberto. É chegada a hora do juízo definitivo de Deus sobre a contenda da coroa inglesa, vitória total ou derrota completa por meio de uma batalha decisiva. O desejo é o de um desfecho rápido para uma invasão que, se repelida, significa ou ser morto em campo de batalha ou ser morto de fome ao tentar fortalecer as fortalezas em Hastings e em Pevensey (NICHOLSON, 2004, p. 132). Campo aberto, público, onde Deus e todos os homens podem ver os acontecimentos que definirão a história da Inglaterra. Taticamente, o campo aberto também é favorável a Guilherme, pois se ele for forçado a conduzir uma batalha defensiva nas fortalezas provisórias, ele não pode utilizar a cavalaria em toda sua força, tendo que desmontar os cavaleiros para atuar apenas como infantaria pesada. Por outro lado, para Haroldo é vantajosa a demora em encontrar Guilherme em batalha, porque pode então angariar cada vez mais soldados enquanto os recursos do invasor se exauriam (THORPE, 1973, p. 21-22), mesmo em uma região tão distante da capital. Entretanto, sua posição política e sua experiência militar o fazem ir de encontro ao inimigo, o que possibilita o contato das forças na colina desmatada próxima a Hastings, chamada Caldbec.

Ciente de que uma luta a céu aberto não é sua melhor opção, Haroldo é capaz de escolher o melhor terreno possível para o combate ao usar o terreno de charco sazonal chamado Senlac, ao pé da colina de Hastings, que espera usar para atrapalhar o movimento dos cavalos e dos soldados ao tornar seus passos mais lentos e pesados graças ao acúmulo de lama nas patas e botas (GRAVETT, 1994, p. 59-60). As

⁴⁶ No original: “William knew that Harold was keen on fighting and only too ready to add to his laurels [...]”.

condições meteorológicas, entretanto, não estão a seu favor, considerando não haver nenhuma menção de qualquer empecilho natural para os cavalos – excetuando-se a inclinação do terreno. O topo da colina é ocupado por Haroldo e suas tropas, e de posse dessa posição superior, ele ordena às suas tropas que fortifiquem suas defesas através da adoção da tática da muralha de escudos⁴⁷. Pela composição do terreno, cercado por matas e charcos, era impossível flanquear os ingleses, o que obrigava os normandos a um ataque frontal colina acima (Figura 10).

Pela adoção de uma tática defensiva como a da parede de escudos, parece evidente que o rei Haroldo e seus conselheiros procuram resistir o máximo de tempo possível ao ataque dos normandos, que possuem maior mobilidade. Acampando perto das tropas de Guilherme, este está impedido de mandar homens para saquear recursos das terras próximas, e quantos mais dias eles puderem resistir, maior quantidade de reforços os ingleses conseguem, enquanto os normandos têm cada vez menos provisões. Além disso, a adoção de uma tática defensiva imóvel é razoável em sua situação – como ele não possui um contingente de artilharia efetivo, não tem a capacidade de conter a artilharia nem a cavalaria de Guilherme. Não possuindo cavalaria, também é incapaz de atacar diretamente a artilharia invasora ou de flanquear a infantaria e cavalaria inimigas sem expor seus guerreiros a uma saraivada de flechas. Mantendo-se em posição defensiva, seus soldados inutilizam e diminuem a capacidade danosa da artilharia, defendendo-se das saraivadas atrás dos escudos apropriadamente posicionados, e então obrigando as tropas de curto alcance a se aproximar para um combate corpo-a-corpo (DOUGHERTY, 2010, p. 85-86).

Na linha de frente dos defensores se encontram os soldados que estão mais bem armados, os *thegn*. Com boas armaduras e escudos, além de bem treinados e motivados, eles podem resistir ao inimigo durante muito mais tempo que os *fyrð*, enquanto estes podem arremessar suas lanças e machados das fileiras traseiras quando o inimigo se aproximar. Tática efetiva, Guilherme de Poitiers demonstra sua utilização quando afirma: “Eles [os ingleses] arremessaram suas azagaias e projéteis de todos os tipos, ele deram golpes selvagens com seus machados e com pedras presas em cabos de madeira”

⁴⁷ Essa tática consiste em colocar os soldados em linhas compactas, largas e profundas uma atrás da outra, onde os soldados da linha de frente colocam grandes escudos um ao lado do outro, fechando qualquer brecha por onde o inimigo possa atravessar. Enquanto isso, os soldados das fileiras traseiras os assistenciam, arremessando armas ou elevando seus escudos para proteger o corpo do batalhão de flechas e dardos. Essa formação tática foi especialmente utilizada na Antiguidade pelos gregos e romanos.

⁴⁸ (POITIERS, 1973, p. 49). Posicionando os melhores soldados na linha de frente, é muito mais difícil para os invasores criarem brechas e para o exercito defensor ser desmoralizado, já que esses guerreiros profissionais acostumados à batalha apoiam e incentivam uns aos outros, bem como protegem as fileiras dos *fyrd*, mais propensos à fuga, fazendo-os manter suas posições (DOUGHERTY, 2010, p. 9). De fato, sem arqueiros ou cavaleiros para contra-atacar as flechas e lanças inimigas, a melhor opção é a defesa até o cansaço dos atacantes, quando então a infantaria sai da formação para investir contra o inimigo.

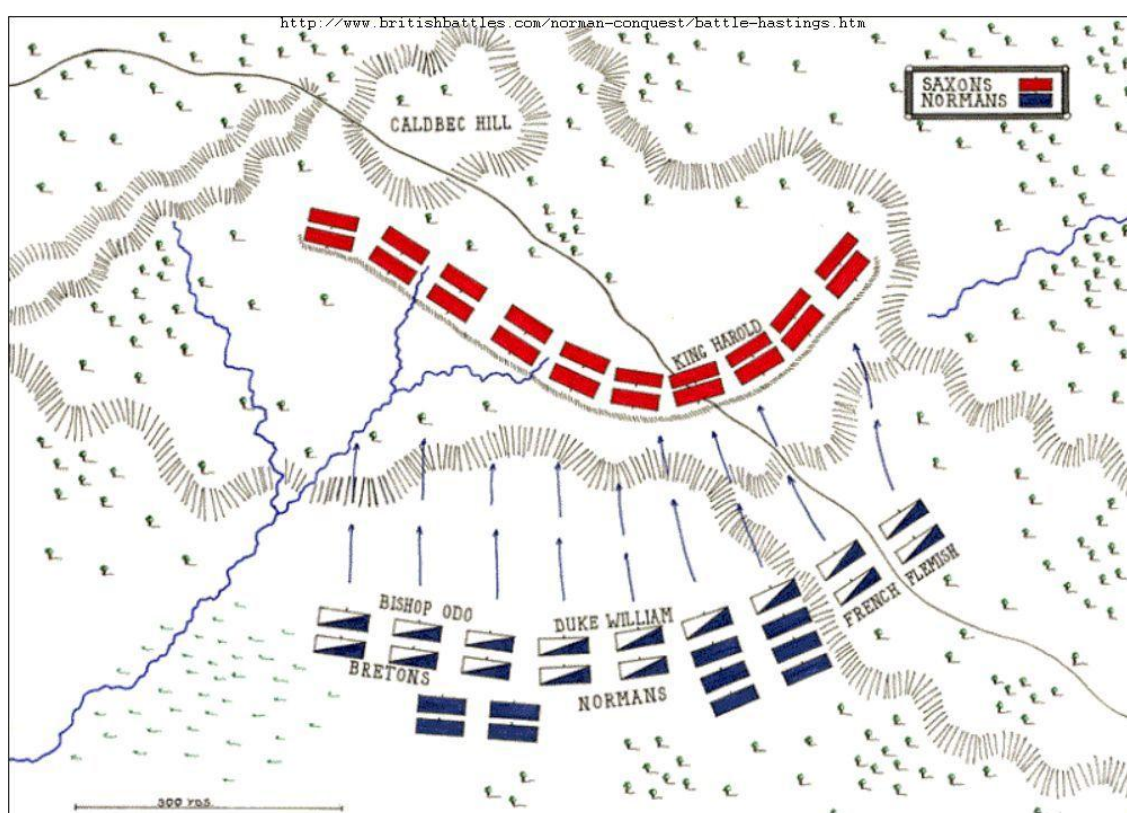


Figura 10 – O posicionamento das tropas na colina de Caldbec, perto de Hastings. Em vermelho, encontram-se os anglo-saxões. Em azul, estão as tropas de Guilherme, compostas no centro por normandos, a leste por franco-flamengos e a oeste por bretões.

Fonte: <http://www.britishbattles.com/norman-conquest/battle-hastings.htm>

Esse estilo de luta passivo provavelmente foi difícil para os guerreiros ingleses, acostumados a avançar contra o inimigo pela influência do combate viking (DEVRIES; SMITH, 2012, p. 16). Quanto mais tempo se passa na batalha, mais ansiosos ambos os lados ficam por um desfecho, o que pode explicar a propensão dos ingleses de quebrar a

⁴⁸ No original: “They hurled their javelins and missiles of all sorts, they dealt savage blows with their axes and with stones hafted on wooden handles.”

formação para perseguir os normandos quando a fuga verdadeira e as fugas fingidas ocorrem posteriormente.

Da parte de Guilherme, as táticas empregadas são influenciadas pelo seu conhecimento das batalhas continentais. Seu posicionamento e atuação das tropas, em outras circunstâncias, têm se provado eficientes para suas campanhas. Conforme Guilherme de Poitiers escreve, as tropas do duque foram dispostas da seguinte forma:

Na primeira fileira Guilherme colocou sua infantaria, armada com arcos e flechas. Na segunda fileira ele colocou mais infantaria, melhor armada e vestindo armaduras. Atrás deles vieram os esquadrões de cavalaria, com Guilherme em seu meio cercado pela elite de seus cavaleiros, de forma que ele poderia mandar suas ordens em todas as direções, por sinais de mão ou por gritos⁴⁹ (POITIERS, 1973, p. 48).

A batalha se inicia aproximadamente às 9 horas da manhã. O primeiro movimento é do duque, ao ordenar que seus arqueiros atirem suas flechas, procurando causar baixas, diminuir o ânimo combatente e abrir brechas nas fileiras defensoras. Entretanto, o posicionamento das tropas inglesas em um terreno mais alto faz com que as flechas não caiam com velocidade o bastante para perfurar armaduras e escudos. Como estão estacionários, os ingleses não precisam abrir brechas em suas defesas com os escudos, e vemos claramente na *Tapeçaria de Bayeux* como seus escudos são percebidos como salpicados de flechas, sem grandes baixas entre eles⁵⁰. Os arqueiros causam poucos danos nesse primeiro momento da batalha, e quando sua munição se esgota, eles pouco podem fazer até a chegada das provisões vindas do acampamento normando.

A infantaria é ordenada a avançar para o combate corpo-a-corpo, novamente com o intuito de abrir brechas que possam ser exploradas por seus cavaleiros. Isso é custoso graças ao terreno inclinado, e quando a infantaria está a uma curta distância, os ingleses arremessam lanças e outras armas da posição vantajosa que se encontram, causando baixas e desordem nas fileiras dos atacantes. Graças à posição geográfica superior, e o ímpeto adicional da gravidade vista essa diferença de altitude entre

⁴⁹ No original: “In the first line William placed his infantry, armed with bows and arrows. In the second line he placed more infantry, better armed and wearing hauberks. Behind them came the squadrons of cavalry, with William in the middle surrounded by the elite of his knights, so that he could send his orders in all directions, by hand-signal and by shouting.”

⁵⁰ Conforme Figura 4, p. 73 desta dissertação.

defensores e atacantes, as lanças, machados e maças arremessadas adquirem maior impacto na descida, o que causa as primeiras baixas efetivas do combate. Ainda assim, a infantaria normanda avança até chegar ao combate corpo a corpo, mas o posicionamento e as ordens para manter a formação da parede de escudos mantêm a vantagem dos defensores.

Essa situação leva Guilherme a enviar suas tropas montadas para o combate, procurando ajudar os soldados a pé (POITIERS, 1973, p. 49). Sem nenhuma brecha para explorar, os cavaleiros têm que combater seus inimigos exatamente como estes querem: frente a frente, sem possibilidades de investidas pelos flancos, lutando contra uma subida. O embate é longo, sangrento, e sem um desfecho durante horas, em uma época que as batalhas duravam pouco mais de uma hora.

Numericamente, a vantagem pertence aos defensores, porém em termos de treinamento militar, a vantagem homem a homem se encontrava com os normandos, já que dos 8.000 ingleses em batalha, apenas 800 são guerreiros treinados e bem armados, enquanto que os 4.000 soldados da infantaria de Guilherme estão quase ou tão bem equipados quanto os *thegn* (GRAVETT, 1994, p. 20). Mas, com os flancos protegidos pela floresta e o terreno elevado, a defesa é ampliada o bastante para conter o avanço, especialmente após o arremesso dos projéteis, enquanto os 1.500 arqueiros estão inutilizados. Mesmo o cansaço da marcha inglesa até o local da batalha pode ser remediado pelo cansaço que as tropas de Guilherme sentem durante o dia pelo ato de se moverem colina acima. Por fim, na matéria de desmoralização inimiga, ambos os lados estão equiparados: enquanto os defensores buscam proteger sua terra natal, os atacantes têm a certeza da aprovação papal de que essa terra e suas riquezas pertencem a eles; muitos ingleses morrem e desertam o seu senhor depois da batalha de Stamford Bridge, enquanto que muitos homens da companhia de Guilherme são mercenários, e não possuem grande afinidade de combate em conjunto com os conterrâneos daquele⁵¹.

O único grande fator diferencial é a cavalaria, enviada para ajudar a infantaria após o choque inicial, mas a batalha se torna tão violenta para ambos os lados que os mercenários bretões, no flanco esquerdo do exército de Guilherme, começam a fugir depois de ouvir rumores de que o líder normando morrera. Guilherme de Poitiers narra essa passagem da seguinte forma:

⁵¹ Para maiores informações, ver: VERBRUGGEN, J. F. **The Art of Warfare in Western Europe during the Middle Ages: From the Eighth Century to 1340**. Suffolk: The Boydell Press, 1997.

A infantaria Normanda virou-se em fuga, aterrorizada por tal carnificina selvagem, e também o fizeram os cavaleiros da Bretanha e os outros auxiliares do flanco esquerdo. Quase toda a linha de batalha do Duque Guilherme retirou-se, um fato que pode ser admitido sem afronta aos Normandos, aquela raça inconquistável. Mesmo os exércitos da majestosa Roma, que ganharam tantas vitórias em terra e em mar, ocasionalmente retiravam-se em fuga, embora apoiadas por tropas reais, quando eles descobriam que seu líder havia sido morto, ou pensavam haver sido morto. Os Normandos imaginavam que seu duque havia caído. Sua fuga não era motivo de vergonha; pelo contrário devemos lamentá-la, pois eles pensavam que tinham perdido seu poderoso baluarte⁵² (POITIERS, 1973, p. 49).

Depois de horas de luta até esse momento, os ingleses jubilosos quebram a formação para persegui-los. Guilherme é obrigado a deixar sua posição para reunir os guerreiros do flanco esquerdo, enquanto seu meio-irmão, bispo Odo de Bayeux, reúne quaisquer cavaleiros que ele não pode alcançar. Com o rumor de sua morte afastado ao retirar seu elmo e mostrar seu rosto, ele profere um rápido discurso para encorajar suas tropas, pois se eles tentarem fugir para o mar, serão mortos pelas forças navais de Haroldo (GRAVETT, 1994, p. 68; 72).



Figura 11 – As inscrições em latim dizem: HIC CECIDERUNT LEUVINE ET GYR(TH) FRATRES [HAROLDI REGIS]. É possível notar a grafia inglesa ao se utilizar o D ao invés do TH, conforme parênteses. Tradução: Aqui caíram Leofwyne e Gyrth, irmãos [de Haroldo o rei].

Fonte: http://www.hs-augsburg.de/~harsch/Chronologia/Lspost11/Bayeux/bay_tama.html

⁵² No original: “The Norman infantry turned in flight, terrified by this savage onslaught, and so did the knights from Brittany and the other auxiliaries on the left flank. Almost the whole battle-line of Duke William fell back, a fact which can be admitted without affront to the Normans, that unconquerable race. Even the armies of majestic Rome, which won so many victories on land and sea, occasionally turned in flight, although supported by royal troops, when they learned that their leader was killed, or thought that he was dead. The Normans imagined that their duke had fallen. Their flight was nothing to be ashamed of; instead we should grieve at it, for they thought that they had lost their strong bulwark.”

Controlando as tropas, os cavaleiros podem dar a meia-volta e fazer uma rápida investida por entre as tropas inglesas. Sem a proteção da parede de escudos, os *thegn* são mortos mais facilmente, embora muitos consigam se reunir e resistir quando percebem que estão rodeados pelos antigos perseguidos. Durante esse ato, os irmãos de Haroldo, os líderes Leofwyne e Gyrth, morrem (Figura 11). Suas mortes causam grande impacto nos defensores, tendo em vista sua alta posição social e pelo fato de serem capitães de um número considerável de homens.

Esse é o primeiro sucesso da cavalaria na batalha, que se mostra crucial, já que Haroldo se vê obrigado a reformar as fileiras que haviam sido perdidas, bem como a lidar com a desmoralização das tropas e sua própria fúria com a morte de seus irmãos. Fora essa grande perda de soldados valorosos, também se vê obrigado a usar os *fyrð* nas fileiras da frente, que não têm uma capacidade defensiva tão boa quanto os guerreiros profissionais.



Figura 12 – A investida da cavalaria no começo da batalha mostra a variedade de técnicas que os cavaleiros empregavam no manejo da lança. Podemos notar as lanças levantadas acima do peito para serem arremessadas, ora seguradas abaixo do peito para serem cravadas no inimigo. Em especial a figura da direita segura a lança debaixo do braço, uma das primeiras demonstrações da investida com lança. No canto direito superior, uma curiosa maça foi arremessada pelos defensores. A inscrição em latim diz: [CO]NTRA: ANGLORVM EXERCITVM(M). Tradução: Contra o exército inglês.

Fonte: http://www.hs-augsburg.de/~harsch/Chronologia/Lspost11/Bayeux/bay_tama.html

Com o sucesso dessa crise que foi evitada, Guilherme e seus conselheiros podem pensar e empregar a tática da fuga fingida, que consiste na tática de fazer o inimigo acreditar que se está fugindo para retirá-lo de sua posição. Esse tipo de tática é conhecido desde os romanos, e os manuais de guerra do século XI também a contém.

Além disso, Guilherme e suas tropas já a empregaram com sucesso em combates anteriores, como a batalha de St. Aubin contra o rei da França, em 1053 (VERBRUGGEN, 1997, p. 96). A coordenação é importante para a execução da fuga fingida, pois se o exército pensar que os cavaleiros estão fugindo, eles podem realmente debandar. Considerando que essa é uma tática conhecida então, e que as tropas de Guilherme têm a possibilidade de efetuar sessões de treinamento em Dives durante boa parte do verão, é plausível que a coesão militar dos invasores seja plenamente capaz de efetuar esse movimento. Da mesma forma, como a batalha dura várias horas, as unidades e pelotões têm várias oportunidades para recuar e descansar, bem como seus líderes podem se reunir, ficar cientes do estratagema e tentar aplicá-lo. Pela grande extensão do terreno de batalha, ela é empregada mais duas vezes, criando mais brechas na defesa inimiga (GRAVETT, 1994, p. 73).

O fato dos grupos poderem recuar, descansar e coordenar novos ataques foi outro importante aspecto em favor da cavalaria. Enquanto os *thegn* de Haroldo são

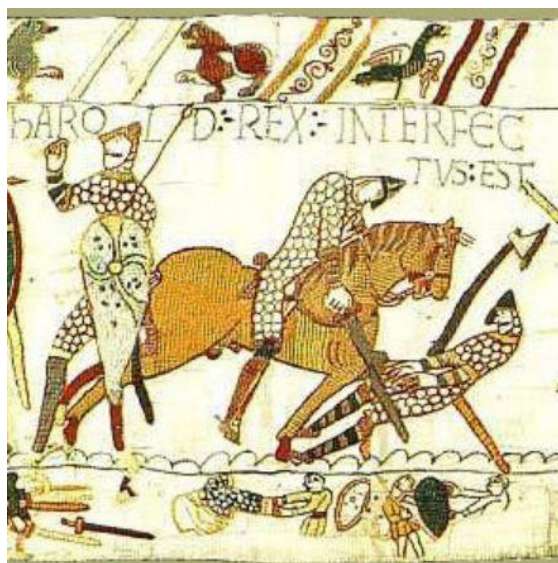


Figura 13 – As inscrições em latim dizem: HAROLD REX INTERFECTUS EST. Tradução: Aqui foi morto o rei Haroldo. Fonte: http://www.hs-augsburg.de/~harsch/Chronologia/Lspost11/Bayeux/bay_tama.html

obrigados a permanecer imóveis na defesa, incapazes de se revezarem com os *fyrð* e conseguir algum descanso mais prolongado, os cavaleiros dividem seu esforço com suas montarias, minimizando seu cansaço mesmo quando correm colina acima. Além disso, sua mobilidade permite cobrir o recuo da infantaria para um local seguro, concedendo descanso a estes. Conforme os ingleses ficam exaustos, maiores se tornam as chances dos normandos.

A superioridade da cavalaria se torna evidente quando os arqueiros lançam uma nova leva de flechas, nas últimas horas do dia. Com todas as brechas que são feitas no decorrer da batalha, e a consequente diminuição das fileiras protetoras, a linha de defesa onde Haroldo se encontra se aproxima do campo de tiro. Nisso, uma flecha chega até o rei Haroldo, atingindo-o no olho (GRAVETT, 1994, p. 77), o que efetivamente o

retira do combate mesmo se continuar vivo naquele momento. A *Tapeçaria de Bayeux*, no entanto, mostra Haroldo, ainda vivo, retirar a flecha de seu olho, para logo em seguida ser morto por um cavaleiro que lhe corta as pernas (Figura 13). Mesmo se a morte de Haroldo seja devida à flecha, o fato permanece que a cavalaria cria as condições para que o projétil chegue ao seu alvo, já que a arquearia não é nem um pouco efetiva nas primeiras horas do confronto.

Com o falecimento de Haroldo, as tropas inglesas batem em retirada, concedendo a vitória aos invasores. Os *housecarl* e *thegn* lutam até a morte junto a seu rei, fazendo uma última defesa desesperada em Malfosse (Vala Maligna), enquanto os *fyrd* vencidos são perseguidos provavelmente até o pôr do sol, aproximadamente às 5h da tarde. Após oito longas horas de batalha sob um sábado de sol de outono, Guilherme surge como o detentor da vitória em campo de batalha.

3.3 – A Inglaterra conquistada

Conforme as notícias do campo de batalha chegam às principais cidades e castelos ingleses, ora trazidas pelos defensores sobreviventes ora diretamente defrontados com os ataques de Guilherme da Normandia para garantir sua conquista, a sociedade inglesa começa a experimentar a dissolução de sua estrutura política. O primeiro revés inglês após a batalha é a dissolução dos contratos de suserania e vassalagem dos falecidos no campo de batalha, em especial do rei Haroldo Godwinson. A ordem social entra na incerteza *post-mortem*, com servos e vassalos desejosos de descobrir seus destinos, se devem se rebelar ou se submeter aos normandos, e a quais senhores e suseranos vão prestar novo juramento. Considerando que Haroldo faleceu sem descendentes legalmente reconhecidos, e seus irmãos também haviam perecido em batalha, com ou contra Haroldo, a sucessão do trono da Inglaterra voltou novamente à questão do *witenagemot* conferenciado pelos nobres restantes. Liderados pelo bispo excomungado Stigand e pelo arcebispo Ealdred, a coroa é oferecida ao meio-sobrinho de Eduardo, o Confessor, Edgar Aetheling (THE ANGLO-SAXON-CHRONICLE, 1990, p. 199), porém a força invasora de Guilherme não encontra grande resistência de quaisquer outros exércitos ingleses, mesmo os remanescentes soldados da Northumbria, que recusaram se unir à campanha de Haroldo.

Quando de sua coroação, no natal de 1066, Guilherme está ciente de que ainda deve angariar o apoio dos nobres ingleses e suprimir quaisquer sinais de revolta. Essas ações contrárias a sua conquista não são mero exercício de paranoia – a independência prática existente entre os vários nobres e regiões da Inglaterra anglo-saxônica, que serve em parte à derrota de Hastings, também faz com que os nobres possam considerar a resistência armada como uma alternativa possível e válida diante do estrangeiro. Concomitantemente, mesmo nobres aparentemente pacificados podem também planejar futuras altercações com o novo rei, e apesar das ligações entre Normandia e Inglaterra anteriores à morte de Eduardo, devemos lembrar que é essa mesma geração que institui como rei o anglo-saxão Haroldo, apenas por ser o mais poderoso lorde nativo. Até o ano de 1070, Guilherme lida com os levantes nobres e populares mais violentos, ora eliminando-os, ora entrando em acordos conforme a necessidade.

Enquanto esses eventos político-militares se delongam, as promessas feitas para os vassalos e mercenários de Guilherme cumprem-se. Com a morte de parcela considerável da nobreza de Haroldo junto a ele, e com o confisco de terras dos insurgentes que ainda resistem ao poder normando, abre-se um leque favorável de redistribuição de feudos existentes. Conforme a tradição cavaleiresca, esses feudos são entregues aos guerreiros vassalos mais fiéis a Guilherme, de acordo com sua lealdade e sua contribuição, pessoal e/ou indireta, para o efetivo de guerra. Deveras, a promessa de riquezas para os guerreiros participantes é uma das motivações que levam os normandos a cruzar o Canal da Mancha, quando seus temores os fazem relutar:

O duque restaurou sua coragem fazendo o seguinte discurso. ‘Nós todos conhecemos a habilidade militar de Haroldo,’ disse ele. ‘Se nos enche de temor, também aumenta nossas expectativas. Ele está usando sua fortuna sem propósito. Ele pode gastar seu dinheiro, mas ele é impotente para reforçar seu trono. Ele carece de ousadia e força de propósito para oferecer mesmo a menor porção daquilo que aqueles da minha facção estão preparados a prometer. Essas posses, as quais são verdadeiramente minhas, mas que ele finge serem suas, eu aqui ofereço a vós, e elas serão distribuídas como eu penso ser apropriado. O homem que está numa posição para dar não apenas sua propriedade mas também a terra que o inimigo atualmente ocupa não pode falhar em ganhar o dia. [...] Guerras são ganhas pela coragem, não apenas pela mera força dos números. Ademais, Haroldo estará lutando para reter aquilo que ele roubou. Nós, por outro lado, estaremos lutando para ganhar aquilo que aceitamos como um presente, aquilo que compramos pelos serviços prestados. Esta firme convicção da força de nossa causa deve colocar de lado todo o sentido de perigo: isso

asseguraré nosso alegre triunfo, proclamaré nossa honra ao mundo e tornará memorável nosso nome'⁵³ (POITIERS, 1973, p. 41).

Para uma sociedade em que a palavra e o juramento proclamados têm valor legal e religioso, e na qual esses juramentos são feitos de pessoa a pessoa – mesmo quando adereçados a um grande grupo –, a promessa de Guilherme demonstra a necessidade do apetrechamento dos desejos individuais para a efetiva condução dos planos do futuro Conquistador. Ele demonstra uma capacidade argumentativa semelhante durante seu reinado, quando do uso da diplomacia com os nobres remanescentes, conforme estabelece a centralização das terras inglesas ao redor de sua figura.

Essa centralização foi possível graças ao recenseamento das terras estabelecido por Guilherme, na forma do *Domesday Book*, o *Livro do Dia do Senhor*, de 1086. Nessa obra, a totalidade da Inglaterra é tratada como uma herança passada de Eduardo, o Confessor, ao Conquistador, e não como uma coleção de feudos, condados e terras livres e incidentalmente associadas entre si por vários e históricos tratados e relações diplomáticas anteriores para com os antigos reis ingleses e seus sucessores (SAUL, 1997, p. 69). Pelo contrário, após a vitória de Guilherme, e visto que nenhum outro lorde estrangeiro contestou sua posição – os remanescentes ora são aliados, ora não têm poder para confrontá-lo, como o então jovem rei da França – Guilherme possui a oportunidade de readquirir livremente a terra dos insurretos e de repassar a terra a seus vassallos conforme o desejar, exercendo em plenitude e subitamente a relação vassálica continental que estabelecia a terra enfeudada como pertencente ao suserano, da qual o vassallo apenas se utiliza. Distinção legal esta que ocorre ainda em vida de Guilherme, sem ter que contestá-la com outros reis nem com tradições e leis antigas da Inglaterra, e mais, em todo o reino conquistado de uma só vez. Seus herdeiros, dos quais apenas um descendente recebe o ducado normando e outro a coroa inglesa, continuarão a ser

⁵³ No original: “The duke restored their courage by making the following speech. ‘We all know about Harold’s military skill,’ he said. ‘If it fills us with fear, it also raises our expectations. He is using his wealth to no purpose. He may spend his money, but he is powerless to bolster up his throne. He lacks the daring and the strength of purpose to offer even the smallest portion of what those of my faction are prepared to promise. Those possessions, which are really mine, but which he pretends to be his, I hereby offer to you, and they will be distributed as I think fit. The man who is in a position to give away not only his own property but also the land which the enemy actually occupies cannot fail to win the day. [...] Wars are won by courage, not mere force of numbers. What is more, Harold will be fighting to retain what he has stolen. We, on the other hand, will be striving to gain what we have accepted as a gift, what we have bought by services rendered. This firm conviction of the strength of our cause must set aside all sense of danger: it will ensure our happy triumph, proclaim our honour to the world and make memorable our name.’ ”

legalmente os arrendatários de todas as terras, efetivamente mantendo a Inglaterra legal e economicamente coesa, condição da qual também surgirá uma maior coesão social através do sentimento de nação e reinado.

Dessa forma, iniciada como uma empresa quase que pessoal, e levada a cabo também por nobres cavaleiros com desejos pessoais, o modelo continental de feudalismo, designado para lidar com as particularidades e pulverização do poder centralizado dos antigos reis francos, acaba por antecipar a volta da centralização do poder real na Inglaterra. Isso ocorre em vista das condições súbitas de sua implementação, uma recriação do modelo em um ambiente quase que de uma nulidade jurídica estabelecida pela conquista. E, após, isto leva a uma Inglaterra que tem uma maior identidade como país, um respeito maior pelo monarca, que deixa de ser *primus inter pares*, suserano, para se tornar soberano detentor último do poder, abaixo apenas de Deus, que pode mesmo arguir contra o poder papal em Roma. A individualidade dos nobres que o seguiram, entretanto, não se dissipará, apenas se sublimará, retornando em formato contestatório durante as revoltas que estabelecem a Carta do Rei João e a Revolução Gloriosa, tornando a história inglesa um fino balanço entre individualidade e coletividade.

3.4 – Pós-conquista normanda: novas relações de suserania e vassalagem

Embora a vitória na Batalha de Hastings seja o momento definitivo da campanha de Guilherme contra os ingleses – já que a morte do rei então instituído e de seus apoiadores criaria um vácuo de poder –, a condução da guerra continua até que o controle normando seja consolidado. A conquista da Inglaterra tem como um de seus pontos principais a entrada triunfante na cidade de Londres, porém a experiência marcial do comandante normando pautada em seu estilo continental aconselha cautela. Ao invés de dirigir-se com seu contingente efetivo diretamente à capital do reino, a tática empregada é a mesma usada antes de Hastings: investidas e rapinagens com o objetivo de conseguir suprimentos e minar os defensores. Isso se deve não apenas à perda de soldados no campo de batalha – parcialmente substituídos por reforços vindos da Normandia –, mas também pelos soldados que Guilherme deve deixar para cuidar dos feridos e para defender os pontos fortes que encontra ou edifica pelo caminho.

Sua primeira destinação, Dover, torna-se alvo para a nova forma de condução da guerra. De acordo com a *Crônica de Guilherme de Poitiers*:

Então ele [Guilherme] foi para Dover, onde ele ouviu que uma grande multidão tinha se reunido porque o local parecia inexpugnável. Mas os Ingleses, aterrorizados por sua aproximação, perderam toda confiança nas defesas naturais e fortificações do local, e na multidão de homens. [...] Depois da rendição da fortaleza, ele passou oito dias fortificando-a onde era mais fraca⁵⁴ (2006, p. 143; 145).

Guilherme da Normandia tem como uma de suas preocupações a construção de castelos. Estabelecendo esses locais como pontos militares e como centros administrativos, pode controlar mais efetivamente o território conquistado, concedendo tais fortalezas apenas aos seus aliados mais fiéis.

Conduzindo seu exército posteriormente a Canterbury e Kent, onde novamente houve rendições, ao mesmo tempo Guilherme envia batedores a Londres para conduzir escaramuças e baixar o moral dos defensores, os cidadãos londrinos e eventuais soldados deixados por Haroldo ou recém-chegados das convocações anteriores. O efetivo defensivo, levado a cabo por alguns poucos nobres sobreviventes e pelos bispos Ealdred de York e o excomungado Stigand de Canterbury, não era capaz de resistir a esses ataques rápidos, e mesmo a coroação do jovem Edgar Aetheling, parente distante de Eduardo o Confessor, não trouxe qualquer medida de segurança jurídica ou militar para a capital. Essa insegurança seria aproveitada por Guilherme para estabelecer seu poderio quando de sua chegada, minimizando a capacidade combativa dos defensores antes mesmos destes levantarem suas armas.

Seguindo a oeste de sua localização, Guilherme contorna as regiões circundantes de Londres em um semicírculo até seu destino londrino: Hampshire e Berkshire, Winchester – onde constrói outro castelo em Wallingford, ao cruzar o rio Tâmesis, e em Hertfordshire. Com o controle dessas regiões, Guilherme garante a posse dos portos ingleses sulistas, com os quais abre novamente as fronteiras para sua linha de suprimentos vinda da Normandia (GRAVETT, 1994, p. 83). Winchester também

⁵⁴ No original: “Then he went to Dover, where he heard that a great multitude had gathered because the place seemed impregnable. But the English, terror-stricken at his approach, lost all confidence in the natural defences and fortifications of the place, and in the multitude of men. [...] After the surrender of the castle, he spent eight days in fortifying it where it was weakest”. A utilização de “castle” nessa passagem é uma hipérbole, já que o primeiro castelo efetivamente construído foi o do próprio Guilherme.

providencia o controle dos principais pontos religiosos do sul da Inglaterra e do importante bispado de Wessex, colocando consideráveis terras eclesiásticas sob seu controle político e econômico. Sua chegada em Londres é precedida por encontros diplomáticos com o Edgar Aetheling, o Bispo Stigand e os lordes da Northumbria, Edwin e Morcar, que não haviam seguido Haroldo para a batalha. A rendição destes e de alguns outros poucos nobres sobreviventes assegurou a capitulação de Londres, cercada e intimidada por uma força militar superior, liderada por um líder agora incontestado.

Ao se tornar oficialmente o rei da Inglaterra, Guilherme possui poder suficiente para impor sua autoridade. Autoridade esta reconhecida também pela Igreja, já que sua coroação ocorre pelas mãos do Bispo Ealdred de York, que se encontra em comunhão com Roma, diferentemente de Stigand. Quaisquer eventuais tentativas de resistência agora seriam consideradas traição, e a execução da lei se torna um dos pontos nos quais Guilherme assegura seu poder. Essa expressão de legalidade para a justificação de seu poder coaduna com seus argumentos para sua ascensão ao trono, ascensão essa que é pautada em um direito hereditário a que reclama.

Obviamente, como é um estrangeiro, Guilherme tem dificuldades em obter a simpatia de seus vassalos ingleses, chegando mesmo a ser alvo de antipatia. Esse sentimento contrário não se desvaneceu durante sua vida, o que torna o uso das fontes como propagandas políticas de grande utilidade para seu reinado. De certa forma, seu reinado não foi de todo vilipendiado – efeito talvez dessa propaganda política? – já que se reconhecem pontos positivos nele, como por exemplo “entre outras coisas não devemos nos esquecer da boa ordem que ele manteve pelas terras, de tal que um homem de qualquer condição poderia viajar sem ser molestado nos campos com os bolsos cheios de ouro⁵⁵” (THE ANGLO-SAXON CHRONICLE, 1990, p. 220). Todavia, o sentimento nativo premente é o de rejeição e resistência, pois os mesmos autores das linhas anteriores também o condenam do exercício de seu poder: “quanto mais se falava em lei e justiça, maiores eram as injustiças cometidas⁵⁶” (THE ANGLO-SAXON CHRONICLE, 1990, p. 218).

⁵⁵ No original: “Among other things we must not forget the good order he kept in the land, so that a man of any substance could travel unmolested throughout the country with his bosom full of gold”.

⁵⁶ No original: “[...] but the louder the talk of law and justice, the greater the injustices committed”.

Guilherme, considerando-se regente por direito de herança, tenta se estabelecer diante de seu público conquistado a ideia não de ruptura, mas de continuidade para com a figura de Eduardo. Por esse motivo, a argumentação legal é constantemente reforçada e mesmo utilizada para a reordenação da sociedade, que se levantara contra seu líder de direito. O paradigma da sucessão inglesa, entretanto, é quebrado de maneira reconhecível na percepção dos anglo-saxões (SAUL, 1997, p. 73) e durante os primeiros anos de seu reinado: o “Conquistador” tem de lidar ainda assim com as dissidências dos líderes ingleses, ante as quais ele age ora militarmente, ora diplomaticamente. A supressão dessas rebeliões e desavenças acaba por catalisar a construção de castelos e fortalezas assim como a redistribuição das terras.

Mesmo as terras eclesiásticas são reavaliadas e redistribuídas conforme os laços de proximidade em relação à figura do rei. Líderes religiosos que apoiaram Haroldo, acabam relegados a uma diminuição de seu poder temporal, muitas vezes substituídos por religiosos normandos. Esses religiosos também são muitas vezes mais próximos da Cúria Romana, vista a continentalidade de seu local de origem, conforme explica Asa Briggs:

Aumentaram de imediato os elos culturais entre a Inglaterra e o outro lado do Canal. Por exemplo, Lanfranc, o novo arcebispo de Cantuária, nomeado em 1070, fora anteriormente prior em Bec e abade em Caen; além disso fora mestre do Papa. E foi acompanhado por muitos outros monges. De início tratava-se de <<monges negros>> beneditinos, provenientes das grandes abadias reformadas da Normandia e que se estabeleceram nas cidades inglesas, muitas das quais dispunham de sécs catedrais (1998, p. 63).

Essas mudanças nas terras eclesiásticas ocorrem conjuntamente às mudanças nas terras laicas. De fato, ambas estão submetidas à mesma legislação, pois todas as terras pertencem ao rei. Efetivamente instalada, essa centralização do poder se torna um ponto de discordância entre o monarca e os nobres, os quais se ressentem dessa nova interferência direta (SAUL, 1997, p. 75)

Os guerreiros que acompanharam Guilherme através do Canal da Mancha, levados pelas promessas do Conquistador de que receberiam bens e posses em recompensa pelos seus serviços, tinham costumes e expectativas fundamentados nas relações feudais que experimentaram no continente. Em uma região pequena como a

Normandia, era compreensível que o enfeudamento ocorresse de forma mais centralizada, porém em uma região de grandes extensões como a Inglaterra, os beneficiários das promessas de Guilherme acreditavam finalmente possuir a chance de adquirir prestígio e poder de maneira mais autônoma e simplificada. Em especial, aqueles que vieram a se tornar os barões das novas terras, assim como os nobres ingleses anteriores a eles, estavam acostumados a uma forma de herança na qual o filho mais velho herdava a posse sem a necessidade de qualquer interferência ducal, condal ou real (SAUL, 1997, p. 74). Os termos legais eram simples e práticos, a terra de pertencimento de uma família nobre era herdada pelo direito consuetudinário: determinada terra pertence àquele senhor, pois era onde seus ancestrais viveram e morreram, direito adquirido honradamente (seja pela doação pelos serviços prestados seja pela conquista guerreira).

Entretanto, a situação da Inglaterra pós-conquista se mostra o oposto dessa expectativa. Guilherme, ciente de seu controle político em um território menor e mais ordenado como a Normandia, e crente de que recebera a plenitude das terras anglo-saxônicas como seu direito de herança pessoal, estabelece um controle muito maior das práticas de uso e posse dos territórios. Contrário ao costume inglês e continental, em que a tradição estabelecia essas heranças independentes, e à consideração do rei como uma figura distante, à qual se presta respeito, mas não necessariamente obediência cega, Guilherme efetivamente vê as terras como suas posses pessoais, das quais ele dispõe como bem compreende ao criar ou destituir uma função como a de barão, por exemplo.

Essa relação estabelece, portanto, que o rei possui a propriedade e posse das terras inglesas, das quais os barões são somente delegados e administradores em nome do rei. A duração dessa delegação de poder permanece apenas enquanto o rei assim o permitir, ou mais comumente até a morte do barão ao qual o rei concede terras em troca de serviço. Quando da morte daquele a quem as terras foram delegadas, essas posses eram retornadas ao controle direto do rei através da figura do confisco. Os descendentes do barão, caso existentes, deveriam então prestar sua homenagem à figura do rei, não herdando as terras de seu antecessor, mas efetivamente criando um novo contrato com a figura de seu suserano. Suserano esse, afinal, que embora usualmente concedesse a terra para o descendente do antigo vassalo, ainda assim possuía total e plena capacidade e justificação para não concedê-la se assim o desejasse. O mesmo ocorria com as terras

eclesiásticas, embora Guilherme e seus descendentes – fora a aquisição inicial dos bispos ingleses – raramente tivessem desonrado tal contrato para com os membros do clero⁵⁷.

Esse enorme poder jurídico sobre as relações feudo-vassálicas, contudo, teve de ser embasado no conhecimento das capacidades econômicas da Inglaterra. Guilherme, para poder redistribuir as terras conquistadas conforme seus desejos e para saber exatamente quais eram as suas posses para tal reordenação social, estabelece então um dos primeiros e mais detalhados censos da Idade Média, o *Domesday Book*, ou *Livro do Dia do Senhor*, como veio a ser conhecido posteriormente (ABBOTT, 2009, p. 271-272). O início dessa pesquisa oficial foi registrado pela *Crônica Anglo-Saxônica* nos seguintes termos:

[...] o rei teve importantes deliberações e discussões exaustivas com seu concílio sobre esta terra, como era habitada, e com quais tipos de homens. Ele então mandou seus homens por toda a Inglaterra para todo condado para determinar quantos milhares de ‘hides’⁵⁸ de terra havia em cada condado, e quanta terra e rebanho o próprio rei possuía na nação, e quais direitos anuais eram legalmente seus de cada um dos condados. Ele também registrou quanta terra seus arcebispos possuíam, e seus bispos diocesanos, seus abades e seus condes, e – apesar de eu estar entrando em minúcias – e o que ou quanto cada homem que era um possuidor de terras aqui na Inglaterra tinha em terras ou em rebanho, e quanto dinheiro isso valia.⁵⁹ (1990, p. 216).

Essa excessiva preocupação do rei é interpretada pelos cronistas como um sinal de avareza:

⁵⁷ Sobre essa característica verticalizada do feudalismo inglês, conferir: FRANCO JUNIOR, H. O feudalismo. São Paulo: Brasiliense, 1983; GUERREAU, A. Feudalismo. In: LE GOFF, J; SCHIMITT, J-C. Dicionário temático do Ocidente medieval. São Paulo EDUSC/Imprensa Oficial do Estado, 2002, p. 437-455.

⁵⁸ Hide é a unidade de terra básica utilizada na Inglaterra. Idealmente, uma unidade de hide deveria ser capaz de sustentar uma família (CORÉDON, C; WILLIAMS, A. 2007, p. 154).

⁵⁹ No original: “After this the king had important deliberations and exhaustive discussions with his council about this land, how it was peopled, and with what sort of men. Then he sent his men all over England into every shire to ascertain how many hundreds of ‘hides’ of land there were in each shire, and how much land and live-stock the king himself owned in the country, and what annual dues were lawfully his from each shire. He also had it recorded how much land his archbishops had, and his diocesan bishops, his abbots and his earls, and – though I may be going into too great detail – and what or how much each man who was a landholder here in England had in land or in live-stock, and how much money it was worth”.

Tão minuciosamente ele conduziu a pesquisa que não havia um único ‘hide’, um único virgate⁶⁰ de terra, nem mesmo – é vergonhoso registrar isso, mas não pareceu vergonhoso a ele fazê-lo – nem mesmo um boi, ou uma vaca, ou um porco escaparam de ser notados em sua pesquisa. E todas as pesquisas foram subsequentemente trazidas a ele.⁶¹ (1990, p. 216).

De posse de tal detalhado registro, Guilherme agora poderia expressar exatamente quanto cada condado e seus administradores deveriam contribuir para o tesouro real. Isso se materializava na forma de pagamentos de taxas anuais, de impostos, de contribuições em alimentos, bem como na contribuição de soldados para as guerras e rebeliões que ele haveria de suprimir, uma forma de controle que Haroldo e os reis ingleses anteriores não possuíam em seu formato descentralizado de poder.

Da mesma forma, o conhecimento econômico permite determinar em que locais a construção de castelos era mais necessária, tanto para impedir os levantes quanto as invasões estrangeiras. Essa preocupação vem de vizinhos belicosos, que diante da possibilidade do reino inglês ainda encontrar-se enfraquecido, optaram por contestar o poder político de Guilherme, particularmente os ataques provenientes da Escócia, da Irlanda, da Dinamarca e da França, onde o antigo suserano do duque normando acabara por se tornar agora seu rival (ABBOTT, 2009, p. 256). Esses novos embates permitem a implementação do novo modelo de luta continental no exército inglês com o uso do cavalo, da arquearia e da defesa de pontos fortes, e essas mudanças militares progredem juntamente com a reestruturação política e econômica da sociedade, agora anglo-normanda, da Inglaterra.

Essas medidas acabam por reforçar continuamente a centralização do poder na figura do rei. Ao conquistar a Inglaterra com um novo método de guerra, a oposição baseada no antigo modelo de guerra germânico-viking não é capaz de resistir à sua força, angariando maior prestígio a Guilherme. Conforme estabelece poder, institui-se mais presentemente a figura dos castelos, os quais aumentam sua influência militar e econômica sobre as terras circundantes e garantem maior estabilidade a suas terras ao torná-las mais facilmente defensáveis e melhor administradas. Essa administração, aliás,

⁶⁰ Unidade menor de terra equivale a um quarto de hide, normalmente possuído por pequenos detentores de terra (CORÉDON, C; WILLIAMS, A. 2007, p. 291).

⁶¹ No original: “So very thoroughly did he have the inquiry carried out that there was not a single ‘hide,’ not one virgate of land, not even – it is shameful to record it, but it did not seem shameful to him to do – not even one ox, nor one cow, nor one pig which escaped notice in his survey. And all the surveys were subsequently brought to him”.

que graças ao *Domesday Book* está ciosa do quanto deve a seu suserano anualmente. E mais, esses administradores devem sua própria existência ao rei, que não permite qualquer modo de autoridade independente nas terras que lhe pertencem – que acabam por ser todas as terras da Inglaterra.

Com sua experiência pessoal na condução de um território menor como a Normandia, advindo de um passado viking, porém ajustado ao estilo francês de combate então em voga, o “Conquistador” torna-se uma figura poderosa, a cuja imagem os nobres – embora desejosos de maior independência – não conseguem escapar. O grande poder exercido por Guilherme será contestado apenas no século XIII, no reinado de João Sem Terra com a assinatura da Carta Magna. Ainda assim, a figura do líder real continuará a ser parte vital da ordem social da Inglaterra, ideal que permanece até os dias atuais.

CONCLUSÃO

A Batalha de Hastings significou uma completa mudança na sociedade anglo-saxônica da Inglaterra, estabelecendo maior conexão entre esse reino e o continente. Essa invasão também permitiu a ascensão de Guilherme da Normandia, alcunhado o “Conquistador”, considerado o líder que trouxe novos paradigmas políticos, militares e sociais para a sociedade conquistada. Do final do século XI em diante, a sociedade inglesa seguiu em direção a uma nova integração: anteriormente os povos bretões haviam se incorporado aos saxões, e posteriormente foram influenciados pelos dinamarqueses vikings; agora a sociedade tornava-se anglo-normanda. Isso significa não apenas a adoção de costumes e características do ducado da Normandia, o qual fora habitado por descendentes de vikings influenciados pela corte francesa, mas também a aproximação da ilha britânica para com o continente.

Deveras, anteriormente os reis anglo-saxões se distanciaram das políticas continentais, opondo-se a invasões estrangeiras e mantendo sua autonomia em relação aos outros reinados. A antiga unificação executada pelo Império Carolíngio não havia se estendido à Inglaterra, a tradição germânica e a influência viking de pequenos senhores da guerra se mantiveram, e mesmo a Igreja de Roma preocupada com a unidade cristã tinha dificuldades em manter seu poder sobre os bispos e sacerdotes ordenados naquela região. Com a ocupação normanda, essas características se alteravam: uma nova ordem política se estabelece no reino inglês, já que, como Guilherme afirmava ter herdado a totalidade da Inglaterra de seu parente Eduardo, em última instância todos os prados, montanhas, florestas, enfim toda a terra pertencia unicamente a ele. Sendo assim, unicamente ele poderia dispô-la e entregá-la como feudo a outros homens, homens estes também estrangeiros que receberam suas terras pelos serviços prestados durante a guerra, e que, portanto, não teriam a capacidade de apelar para o direito consuetudinário, para a tradição, em defesa de uma posse legítima daquela terra. Quando de suas mortes, a terra retornaria à posse do rei, e novamente seria necessário um ritual de enfeudamento e de suserania e vassalagem para que eventuais descendentes pudessem continuar a viver em seus respectivos feudos.

Guilherme também acaba por introduzir novas técnicas militares importando-as do continente. O novo rei inglês crescera em meio aos círculos e táticas militares da

região noroeste da França, onde a condução da guerra se dava por meio da pilhagem, das escaramuças, da invasão, da manutenção de castelos e pontos fortes, bem como do emprego da cavalaria. Sua experiência fora diferente da de seus antepassados vikings, para os quais a utilização do cavalo no campo de batalha era ineficaz.

Deveras, era essa mesma dificuldade que os anglo-saxões tinham dentro de suas terras, obrigando-os a adotar o antigo estilo de luta germânico dos vikings: o uso apenas da infantaria, por vezes nem mesmo apoiada por arqueiros. Essa tradição não privilegiava a construção de pontos fortes, mas a luta em campo aberto, algo que Guilherme modificaria ao construir castelos e fortalezas em seu reinado.

O choque entre essas novas formas de condução de guerra e as antigas táticas foi apenas um dos reflexos das mudanças que o pensamento continental de Guilherme trouxe às ilhas britânicas. Como um conquistador estrangeiro, essas modificações muitas vezes foram rechaçadas e resistidas pelos novos subordinados dominados. O novo rei aplicava essas novidades ora de maneira consciente ora inconscientemente, mas em ambas as situações esse líder compreendia que deveria angariar o máximo de simpatia possível para o seu reinado – afinal, ele desejava ter um reino com o mínimo de dissidência e traição por parte dos nobres sobreviventes e dos vassalos presenteados, já que almejava a pacificação de seu poder, a ser futuramente herdado por seus filhos.

Para essa pacificação, nem sempre o método diplomático foi possível, já que o exercício da lei era o exercício da força, e a aplicação da lei era dependente da potência dos seus executores, particularmente no período medievo. Entretanto, a diplomacia ainda era um método desejado. Ao mesmo tempo em que Guilherme precisava acabar com insurreições, seus seguidores pacíficos buscavam exaltá-lo por meio de obras visuais e literárias, como a *Tapeçaria de Bayeux* e a *Crônica de Guilherme de Poitiers*, fontes desta pesquisa. Como é apresentado de maneira positiva nessas fontes, o rei tem a chance de usá-las para apresentar-se diante da Inglaterra conquistada como um governante justo, que adquiriu aquilo que lhe era de direito ao derramar sangue em guerra, na Batalha de Hastings.

Nesse sentido, as fontes anglo-normandas procuram exaltar a figura de Guilherme como um monarca ideal, cujo poder é legitimado pelo direito de herança e pelos “desígnios divinos”. Trata-se, portanto, de uma propaganda política, como bem observou José Manuel Nieto Soria (1988), já que é um processo de comunicação com o

objetivo de difundir as normas de uma nova ideologia política, buscando justificar o novo rei. Podemos constatar essa realidade tanto na *Tapeçaria de Bayeux* quanto na *Crônica de Guilherme de Poitiers* e ainda na *Crônica Anglo-Saxônica*; nesta última, de maneira resignada pela posição do Conquistador. Guilherme e Haroldo são constantemente colocados em oposição um ao outro, e a comparação de ambos pretende estabelecer a superioridade daquele para com este. Mesmo a superioridade militar normanda é vista como um sinal de favorecimento divino, em especial se considerarmos que o novo estilo da cavalaria é influenciado por aquele que foi um império cristão, o Império Carolíngio, enquanto que o estilo de luta viking é um estilo ainda “pagão”.

Na tabela abaixo, buscamos sintetizar essa realidade:

Tabela 1

QUADRO COMPARATIVO TÁTICO-MILITAR	
GUILHERME	HAROLDO
Forças em número inferior	Forças em número superior ⁶²
Cercado e incapaz de retroceder ⁶³	Capaz de conclamar muitas forças ⁶⁴
Terreno desvantajoso ⁶⁵	Terreno vantajoso ⁶⁶
Equipamento superior e forças mistas ⁶⁷	Equipamento inferior e apenas infantaria ⁶⁸
Mobilidade e táticas superiores ⁶⁹	Estacionário e propenso a erro ⁷⁰

⁶² POITIERS, 1973, p. 48. “Enormous forces of Englishmen had come together from all parts of the country [...]”. Tradução: “Enormes forças de homens ingleses juntaram-se de todas as partes da terra [...]”.

⁶³ POITIERS, 1973, p. 47. “To block their escape he [Harold] had brought up an armed fleet of seven hundred ships and stationed it out to sea”. Tradução: “Para bloquear sua fuga ele [Haroldo] trouxe uma frota de sete mil navios e os ancorou no mar”.

⁶⁴ THE ANGLO-SAXON CHRONICLE, 1990, 194. “When king Harold, who was in London, learnt that his brother Tostig had come to Sandwich, he gathered together great naval and land levies than any king in this country had ever gathered before, [...]”. Tradução: “Quando rei Haroldo, que estava em Londres, descobriu que seu irmão Tostig tinha vindo a Sandwich, ele reuniu uma quantidade de forças navais e por terra maior do que qualquer outro rei neste país já havia reunido antes, [...]”.

⁶⁵ POITIERS, 1973, p. 48. “They [the English] did not dare to meet William on the level ground [...]”. Tradução: “Eles [os ingleses] não se atreveram a encontrar Guilherme ao mesmo nível [...]”.

⁶⁶ POITIERS, 1973, p. 49. “They [the English] stationed themselves in a position overlooking him [William], on a hillside adjacent to the wood through which they had advanced”. Tradução: “Eles [os ingleses] se fincaram em uma posição com vista superior a ele [Guilherme], sobre uma colina adjacente à floresta por onde eles haviam avançado”. THE BAYEUX TAPESTRY, 1994, p. 154-155; 159.

⁶⁷ POITIERS, 1973, p. 48. “In the first line William placed his infantry, armed with bows and arrows. In the second line he placed more infantry, better armed and wearing hauberks. Behind them came the squadrons of cavalry [...]”. Tradução: “Na primeira fileira Guilherme colocou sua infantaria, armada com arcos e flechas. Na segunda fileira ele colocou mais infantaria, melhor armada e vestindo armaduras. Atrás deles vieram os esquadrões de cavalaria, [...]”. THE BAYEUX TAPESTRY, 1994, p. 129-130.

⁶⁸ POITIERS, 1973, p. 49. “The English resisted strongly, each in his own way. They hurled their javelins and missiles of all sorts, they dealt savage blows with their axes and with stones hafted on wooden handles.” Tradução: “Os Ingleses resistiram [ao ataque] bravamente, cada qual a seu modo. Eles arremessaram suas azagaias e mísseis de todo o tipo, eles deram golpes selvagens com seus machados e com pedras presas a cabos de madeiras” Grifo nosso. THE BAYEUX TAPESTRY, 1994, p. 154-155; 159.

⁶⁹ POITIERS, 1973, p. 51. “Suddenly the Normans turned their horses, cut off the force which was pursuing them, made a complete circle round them and massacred them to the last man”. Tradução:

Para os conquistados, mostrar o novo rei liderando forças em menor número contra um grande exército, em território hostil e em desvantagem geográfica, tem como objetivo apresentá-lo como um general heroico, digno de temor. A alusão indireta é a de um conflito bíblico, Davi contra Golias, em que o primeiro é um jovem pequeno quando comparado contra seu oponente, porém com a força concedida por Deus é capaz de conquistar a vitória. Guilherme se demonstra, então, portador dessa justeza divina, a qual lhe proporcionou dominar o campo de batalha. Mesmo os fatores favoráveis à sua vitória são passíveis de serem vistos a seu favor: providenciar bom equipamento para seus soldados demonstra que ele é generoso para com seus subordinados, e estes são, por conseguinte, enriquecidos ou mesmo enobrecidos por suas novas aquisições. O uso de novas táticas, especialmente a da cavalaria, remete a um estilo de combate do Império Carolíngio, cristão, em oposição ao estilo de guerra viking e pagão. Por fim, a adoção de táticas que favoreciam a mobilidade de seus guerreiros demonstra a perspicácia e a estratégia de Guilherme enquanto general, um oponente temível de ser confrontado em campo de batalha.

Essa superioridade militar foi exaltada, propagandeada como sinal de precaução para qualquer pessoa que decidisse se revoltar contra seu poder. Como posteriormente Guilherme demonstrou, ele era um líder militar capaz, e sua vitória em Hastings não seria mero desígnio de sorte ou uso de deslealdade e traição para a obtenção da vitória. Pelo contrário, mesmo os derrotados poderiam ver em sua conquista um desígnio divino, seja como reordenador da sociedade, seja como personificação da justiça divina pelos pecados dos conquistados.

Para a justificação de seu poder, entretanto, não basta apenas demonstrar a superioridade militar de Guilherme. Os normandos procuram demonstrar, portanto, as qualidades que tornavam Guilherme um bom líder, cavaleiro e homem, apresentando os feitos do rei como simples consequência lógica e teológica: ele conquista por ser digno de liderar o povo anglo-saxão, e se tornou digno por exercer comportamentos que o dignificaram perante Deus e os homens. Do lado contrário, Haroldo deveria ser

“Repentinamente os normandos viraram seus cavalos, isolaram as forças que os estavam perseguindo, fizeram um círculo completo ao redor deles e os massacraram até o último homem”. THE BAYEUX TAPESTRY, 1994, p. 160-162; 164.

⁷⁰ POITIERS, 1973, p. 47; 49. “[...], Harold was so furious that he hastened his march”. Tradução: “[...], Haroldo ficou tão furioso que aumentou a velocidade de sua marcha.”; “[...], they [the English] held [their position] without attempting to advance”. Tradução: “[...], eles [os ingleses] mantiveram [a posição] sem qualquer tentativa de avançar”. THE BAYEUX TAPESTRY, 1994, p. 156-157.

execrado, apontado como indigno de ocupar o trono inglês, tanto por suas características de guerreiro como de líder. As ações do rei derrotado eram, na melhor das hipóteses, impróprias, e sua falha em batalha era o sinal do desfavor divino.

Para melhor compreensão desses valores, elaboramos a seguinte tabela:

Tabela 2

QUADRO COMPARATIVO DOS VALORES MONÁRQUICOS	
GUILHERME	HAROLDO
Parente consanguíneo de Eduardo	Cunhado de Eduardo, sem sangue real
Generoso ⁷¹	Mesquinho ⁷²
Piedoso e obediente a Roma ⁷³	Ligado a excomungados e arrogante ⁷⁴
Justo ⁷⁵	Perjuro ⁷⁶
Sábio, eloquente e corajoso ⁷⁷	Temeroso, temerário e obtuso ⁷⁸

⁷¹ POITIERS, 1973, p. 34. “There he treated Harold and his party most hospitably, for he wanted to cheer them up and make them forget the hazards of their journey”. Tradução: “Ali ele [Guilherme] tratou Haroldo e seus companheiros de maneira hospitaleira, pois ele queria alegrá-los e fazê-los esquecer dos perigos de sua jornada”.

⁷² POITIERS, 1973, p. 37. “After all these kindness, how could you [Harold] dare deprive Duke William of his inheritance [...]”. Tradução: “Depois de todas essas gentilezas, como pôde [Haroldo] se atrever a privar Duque Guilherme de sua herança [...]”.

⁷³ POITIERS, 1973, p. 39; 47. “Duke William told the pope what he was planning and asked for his support”. Tradução: “[O] Duque Guilherme contou ao Papa o que ele planejava fazer e pediu pelo seu apoio”; “He himself [William] with great devotion took part in the ceremony of the Mass, [...]”. Tradução: “Ele próprio [Guilherme] com muita devoção participou da cerimônia da Missa, [...]”.

⁷⁴ THE BAYEUX TAPESTRY, 1990, 123. A coroação de Haroldo pelo bispo excomungando Stigand. POITIERS, 1973, p. 47. ““Let God decide today where justice lies between William and me!” He was so blinded by his lust for the kingship and, in his rash temerity, so oblivious of the wrong which he was doing that, to his ruination, he accepted his own conscience as the true arbiter of his fate”. Tradução: ““Deixai Deus decidir hoje onde a justiça se encontra entre Guilherme e eu!” Ele estava tão cego por seu desejo pela realeza e, em sua temerária presa, tão absorto do mal que estava causando que, para sua ruína, ele aceitou sua própria consciência como o verdadeiro árbitro de seu destino.”

⁷⁵ POITIERS, 1973, p. 41. “This steadfast and far-seeing Christian leader had no doubt at all that Almighty God, who rights all wrongs, would not permit his cause to fail, for it was just. He was the more convinced of this when he recalled that his purpose was not to foster his own fame and fortune, but to set right once more the practice of the Christian religion in those foreign parts”. Tradução: “Este inabalável e visionário líder cristão não tinha dúvida alguma que Deus Todo Poderoso, que retifica todos os males, não permitiria que sua causa falhasse, pois esta era justa. Ele ficou ainda mais convencido disto quando ele lembrou que seu propósito não era de aumentar sua própria fama e fortuna, mas sim corrigir mais uma vez a prática da religião cristã naquelas terras estrangeiras”.

⁷⁶ POITIERS, 1973, p. 37. “[...], you [Harold] who, by an oath so sacrosanct, had bound yourself and all your people to him, placing your hands in his and swearing fealty? It was for you to hold the Englishmen in check. Instead you most perniciously encouraged them in their revolt”. Tradução: “[...] você [Haroldo] que, por um juramento tão sacrossanto, atou a si e a todo o seu povo a ele, colocando suas mãos nas dele e jurando lealdade? Cabia a ti manter os Ingleses em obediência. Ao contrário muito perniciosamente tu os encorajaste em sua revolta.” THE BAYEUX TAPESTRY, 1994, p. 117; 123. As cenas de juramento e coroação (portanto quebra de juramento) de Haroldo.

⁷⁷ POITIERS, 1973, p. 46. “It is my wish that this carefully copied transcript of Duke William’s precise words should be made available for all to read, rather than some paraphrase of my own [...]. From what I have set before you, it will be clear what a wise, just, pious and courageous man he was. The force of his argument [...] destroyed the counter-argument of Harold. He was, in short, prepared to accepted the judgement of the nations concerned”. Tradução: “É meu desejo que esta transcrição cuidadosamente copiada das palavras precisas do duque Guilherme deva ser disponibilizada para todos lerem, ao invés de alguma paráfrase minha [...]. Pelo que tenho posto diante de ti, ficará claro que homem sábio, justo,

Desta forma, a derrota estabelecida a Haroldo não é mera causalidade, mas sim verdadeiro castigo pelos seus pecados, tanto pessoais como do seu povo, do qual ele se torna receptáculo⁷⁹.

Guilherme era, portanto, um exemplo de cavaleiro, o guerreiro capaz de comandar uma sociedade, protegendo-a de perigos exteriores como invasores, bem como protegendo-a de perigos interiores, como bandidos. Não apenas isso, o rei deveria ser capaz de manter a ordem política e social ao ser ele mesmo o centro e o exemplo da permanência dos contratos e promessas feitas. Uma sociedade comandada por alguém que quebrasse tais promessas e contatos seria também uma sociedade instável, já que não existiam garantias de que a vida dos homens pudesse seguir em paz e pudesse ser modificada e tiranicamente tirada pelo mero desejo da pessoa que detém o poder – poder este que, sendo concedido por Deus, deveria também ser exercido com parcimônia e sabedoria.

Dessa forma, as fontes anglo-normandas relatam a figura de Guilherme como um cavaleiro exemplar e, portanto, um grande líder. Ao exercer a generosidade, a *largesse*, demonstra o favorecimento que aqueles que o seguissem receberiam, assim como sua capacidade em presentear e favorecer aqueles que não eram capazes de adquirir bens apropriados para sua posição por si só – o que incluía a caridade com os mais humildes, embora essa *largesse* cavaleiresca estivesse mais voltada para os humildes descendentes de guerreiros incapazes de adquirir custosas armaduras, por exemplo. Haroldo, entretanto, era mesquinho e egoísta, já que tirava de Guilherme aquilo que lhe era de direito: as fontes objetivam demonstrar que, se Haroldo estava

piadoso e corajoso sábio ele era. A força de seu argumento [...] destruiu o contra-argumento de Harold. Ele estava, em suma, preparado para aceitar o julgamento das nações em causa”

⁷⁸ POITIERS, 1973, p. 46-47. “When the monk reported William’s answer to Harold, who was by then not far away, he went pale with terror and remained silent for a long time, as if he had lost the power of speech. The envoy asked him several times what his answer was. First he said: ‘Our advance continues’. Then he changed this to: ‘We march to victory’.” Tradução: “Quando o monge relatou a resposta de Guilherme para Haroldo, que então não estava muito longe, ele se quedou pálido de terror e permaneceu em silêncio por um longo tempo, como se ele tivesse perdido o poder da fala. O enviado pediu-lhe várias vezes qual seria sua resposta. Primeiro ele disse: ‘O nosso avanço continua’. Em seguida, ele mudou isso para: ‘Nós marchamos para a vitória’.”

⁷⁹ POITIERS, 1973, p. 54. “So must fall those who in great earthly power seek their own supreme good, who rejoice only when usurping it, who, once that it is seized, strive to retain it by the force of arms”. Tradução: “Assim devem cair aqueles que buscam o seu próprio bem supremo em grandes poderes terrenos, que se alegram somente quando o usurpam, aqueles que, uma vez que ele o apreenderam, se esforçam para mantê-lo pela força das armas”. THE ANGLO-SAXON CHRONICLE, 1990, p. 199. “The French had possession of the place of slaughter, as God granted them because of the nation’s sins.” Tradução: “Os franceses tiveram posse do local da carnificina, conforme Deus lhes garantiu por causa dos pecados da nação.”

disposto a retirar um bem tão grande quanto um reinado, ele não teria qualquer limite para tomar para si quaisquer outros bens de seus súditos.

A piedade e a religiosidade demonstradas por Guilherme eram parte do pensamento teológico que a Igreja tentava incutir nos líderes laicos. Afinal, sendo Deus o Juiz e Rei Supremo, todos os reis são vassallos d'Aquele, e o dever de um vassallo é obedecer às justas ordens de um suserano. Da mesma forma, a cada qual é dado um lugar no mundo, com direitos e deveres concomitantes a tal posição, e a demonstração de humildade e obediência para com Deus era considerada um ideal para todos os homens – mas especificamente para os que lideravam espiritual ou militarmente, já que deveriam servir de exemplo e de receptáculo para a confiança e ações dos seus subordinados. Essa hierarquia perpassa também a Igreja e aqueles que consequentemente estavam mais próximos de Deus, e faz com que a associação com pessoas que estivessem fora dessa hierarquia – tal qual o excomungado Stigand está para com Haroldo na *Tapeçaria de Bayeux* – fosse algo detestável e arrogante, porque se colocava a primazia da própria vontade sobre a obediência da Igreja, aquela que traz a vontade de Deus para o mundo. Afinal, Stigand estava excomungado porque fora tornado bispo pelas mãos de antigos reis ingleses e não pelas mãos do papa, o que era certamente indesejado por uma Igreja que começava a centralizar seu poder com a Reforma Gregoriana.

Coragem (*prouesse*), sabedoria (*sagesse*), justeza são características idealizadas da cavalaria, já entrevista as influências eclesiásticas. Essas características seriam também consideradas importantes para os líderes laicos, que deveriam ser bravos em suas ações, espertos e sábios em suas decisões e justos em suas intenções. Um líder que tivesse medo, desnecessário ou justificado por suas falhas, não era um bom líder, e certamente um líder que não percebia a sabedoria ou a justiça levaria seus súditos à ruína, tal qual Haroldo levou os ingleses à morte em Hastings. Destarte, é natural a caracterização de Guilherme e Haroldo *post factum*, já que para esses criadores das fontes a vontade divina se torna afinal clara quando retomada e analisada do passado, visto o presente e o futuro serem incertos.

Nesse âmbito, Guilherme tornou-se rei da Inglaterra, e seu reinado necessitava da benção divina. Todavia, essa graça, apesar de vir apenas de Deus, deveria ser compreendida também por seus novos seguidores, que poderiam manifestar grande

hostilidade em relação a esse estrangeiro que matara tantos de seus conterrâneos. Para a obtenção desse aval da população conquistada, as armas não seriam sempre a resposta, pois matar o opositor só era útil ao rei em algumas situações, já que se perdia um indivíduo, guerreiro ou produtor de riquezas. Torná-lo um aliado era muito mais útil para ambos, e um ganho para o novo rei. Dessa forma, as fontes anglo-normandas exercem o papel de convencer os ingleses de que, afinal, Guilherme é o rei instituído por Deus, e que é o melhor dos reis possíveis para uma Inglaterra que conheceu séculos e séculos de invasões. Como propaganda política, estas fontes então buscam justificar suas ações como a melhor resposta possível para as condições apresentadas, ou como resignação diante de um poder irresistível que aparentemente seria, afinal, a vontade divina de sua vitória.

REFERÊNCIAS

Fontes Impressas

A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

A CANÇÃO DE ROLANDO. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1998..

DAVIS, H. W. C. (Ed.). **Regesta Regum Anglo-Normannorum (1066 – 1.154).** Oxford: Clarendon Press, 1913, v. 1.

GARMONSWAY, G. N. (Ed.). **The Anglo-Saxon Chronicle.** London: J. M. Dent & Sons Ltd., 1990.

GRAPE, Wolfgang. **The Bayeux Tapestry:** monument to a Norman triumph. Translated from German by David Britt. Prestel-Verlag: Munich/New York, 1994.

POITIERS, William of. The History of William, Duke of the Normans and King of the English. In: THORPE, Lewis. **The Bayeux Tapestry and the Norman invasion.** London: The Folio Society, 1973, p. 33-55.

POITIERS, William of. **The Gesta Gvillelmi of William of Poitiers.** Editado e traduzido por R. H. C. Davis e Marjorie Chibnall. Oxford: Claredon Press, 2006.

SAVAGE, A. (Ed.). **The Anglo-Saxon Chronicle.** London: Book Club Associates, 1984.

Bibliografia

ABBOTT, J. **History of William the conqueror:** markers of history. New York: Cosimo Classics, 2009.

ALBUQUERQUE, Isabela Dias De. **A formação da Inglaterra em duas batalhas: Edington (878) e Hastings (1066).** Disponível em: https://www.academia.edu/6586572/A_forma%C3%A7%C3%A3o_da_Inglaterra_em_duas_batalhas_Edington_878_e_Hastings_1066. Acesso: 09/12/2014.

ARAÚJO, Inês Meira. **As representações da guerra medieval.** *As Tapeçarias de Pastrana* como ponto de partida. Disponível em: <http://cad.letras.ulisboa.pt/index.php/Cadharte/article/view/28/33>. Acesso em: 07/03/2014.

AURELL, Jaume. **El nuevo medievalismo y la interpretación de los textos históricos.** Disponível em: <http://hispania.revistas.csic.es/index.php/hispania/article/viewFile/21/21>. Acesso em: 11/12/2014.

BASCHET, Jérôme. Introdução: a imagem-objeto. In: SCHMITT, Jean-Claude e BASCHET, Jérôme. **A Imagem: Funções e usos da imagem no Ocidente Medieval.** Tradução de Maria Cristina C. L. Pereira. Paris: Le Léopard d'Or, 1996. p. 7-26.

BARTHÉLEMY, Dominique. **A cavalaria:** da Germânia antiga à França do século XII. Tradução: Néri de Barros Almeida e Carolina Gual da Silva. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2010.

- BAQUÉS QUESADA, J. **La teoria de la guerra justa: una propuesta de sistematización del *ius ad bellum***. Pamplona: Editorial Aranzadi, 2007.
- BENNETT, Matthew et al. **Técnicas bélicas del mundo medieval (500 a. C – 1500 d.C.): equipamiento, técnicas y tácticas de combate**. Madrid: Libsa, 2007.
- BLOCH, Marc. **A sociedade feudal**. Lisboa: Edições 70, 1987.
- BRIDGEFORD, Andrew. **1066: the hidden history in the Bayeux Tapestry**. New York: Walker & Company, 2004.
- BRIGGS, Asa. **História social da Inglaterra**. Tradução: Néri Eduardo Nogueira. Lisboa: Editorial Presença, 1998.
- CARDINI, Franco. O guerreiro e o cavaleiro. In: LE GOFF, Jacques. **O homem medieval**. Lisboa: Editorial Presença, 1989.
- CLEMENTE, Rafael Willian. **História Política e a “Nova História”**: um breve acerto de contas. Disponível em: <http://web.unifoa.edu.br/cadernos/edicao/16/45.pdf>. Acesso em: 13/11/2014.
- CORÉDON, Christopher; WILLIAMS, Ann. **A dictionary of medieval terms & phrases**. Cambridge: D. S. Brewer, 2007.
- COSTA, Ricardo da. Breve história da Tapeçaria de Bayeux (c. 1070-1080). In: **Potlach**. Revista de História das Faculdades Integradas de Cataguases. Cataguases: FIC/FUNCEF, Ano 1, n. 1, 2009, p. 11-20. Disponível em: <HTTP://www.ricardocosta.com/artigo/breve-historia-da-tapeçaria-de-bayeux-c-1070-1080>. Acesso em 12/03/2014.
- DEVRIES, Kelly et al. **Batalhas medievais 1000 – 1500**: conflitos que marcaram uma época e mudaram a história do mundo. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda, 2009.
- DEVRIES, Kelly e SMITH, Robert Douglas. **Medieval military technology** – 2nd Ed. Toronto: University of Toronto Press, 2012.
- DOUGHERTY, Martin J. **Armas & técnicas bélicas de los caballeros medievales: 1000 - 1500**. Tradução: M^a José Antón. Madrid: Libsa, 2010.
- DUBY, Georges. **A sociedade cavaleiresca**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- DUBY, Georges. **O domingo de Bouvines**: 27 de Julho de 1214. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- DU PUY DE CLINCHAMPS, Philippe. **História breve da cavalaria**. Lisboa: Editorial Verbo, 1965.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, 2 v.
- FLECKENSTEIN, Josef. **La caballería y el mundo caballeresco**. Madrid: Siglo Veintiuno, 2006.
- FLORI, Jean. **A cavalaria**: a origem dos nobres guerreiros da Idade Média. São Paulo: Madras, 2005.
- FRANCO JUNIOR, H. **O feudalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

- GARCÍA FITZ, Francisco. **La Edad Media: guerra e ideología** (justificaciones religiosas y jurídicas). Madrid: Silex, 2003.
- GRAVETT, Christopher. **Hastings 1066: el fin de la Inglaterra Sajona**. Madrid: Ediciones del Prado, 1994.
- GRAVETT, Christopher. **Norman knight: AD 950 - 1204**. Série Warrior, Volume I. London: Osprey Publishing Ltd, 1993.
- GUERREAU, A. “Feudalismo”. In: LE GOFF, Jacques. SCHMITT, Jean-Claude (coord.) **Dicionário temático do Ocidente medieval**, V. I. São Paulo/Bauru: Imprensa Oficial/EDUSC, 2006, p. 437-455.
- HAGEN, Rose-Marie & Rainer. **Los secretos de las obras de arte: del tapiz de Bayeux a los murales de Diego Rivera – Tomo I**. Singapura: Taschen, 2005.
- HICKS, Carola. **The Bayeux Tapestry: the life story of a masterpiece**. London: Vintage Books, 2007.
- HOOVER, N; BENNETT, M. **La guerra en la Edad Media (768 – 1492)**. Madrid: Akal, 2001.
- JORGENSEN, Dolly. **On the margins: imagination in gothic illuminated manuscripts**. Disponível em: <http://gallery.uh.edu/manuscripts/lustre/docs/09margins.pdf>. Acesso em: 03/03/2014.
- KEEN, Maurice (Ed.) **Historia de la guerra en la Edad Media**. Madrid: A. Machado Libros, 2005.
- KEEN, Maurice. **La caballería**. Tradução de Elvira de Riquer e Isabel de Riquer. Barcelona: Ariel, 2008.
- KLEINSCHMIDT, Harald. **Comprender la Edad Media: la transformación de ideas y actitudes en el mundo medieval**. Madrid: Akal, 2009.
- LE GOFF, Jacques. **Para um novo conceito de Idade Média: tempo, trabalho e cultura no Ocidente**. Lisboa: Estampa, 1993.
- LEWIS, Suzanne. **The rhetoric of power in the Bayeux Tapestry**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- MATTOS, José Dalmo Fairbanks Belfort de. **O conceito cristão de guerra justa**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1964.
- MCNULTY, John Bard. **Visual meaning in the Bayeux Tapestry: problems and solutions when picturing history**. Wales: Edwin Mellen Press, 2003.
- MORSEL, Joseph. **La aristocracia medieval: el dominio social en Occidente (siglos V- XV)**. València: Universitat de València, 2008.
- NICHOLSON, Helen J. **Medieval warfare: theory and practice of war in Europe 300-1500**. Hampshire, Inglaterra: Palgrave Macmillan, 2004.
- NICOLE, D. **Medieval warfare source book**. London: Arms and Armour Press, 1996.
- NIETO SORIA, José Manuel. **Fundamentos ideológicos del poder real en Castilla (siglos XIII – XVI)**. Madrid: Eudema, 1998.

PASTOUREAU, M. **Heraldry: its origins and meaning**. London: Thames & Hudson, 2004.

PEREIRA, Maria Cristina C. L. **À margem da página: imagens “marginais” nos manuscritos medievais**. Disponível em: <http://www.pem.historia.ufrj.br/arquivo/mariacristinapereira005.pdf>. Acesso em: 05/03/2014.

PISNITCHENKO, Olga. **Aristocracia, cavalaria, nobreza: alguns momentos historiográficos sobre nascimento e instalação de dominação social na Idade Média**. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364483388_ARQUIVO_ampuh_2013.pdf. Acesso em: 05/03/2014.

PORTER, P. **La guerra medieval en los manuscritos**. Madrid: AyN Ediciones, 2006.

PRESTAGE, Edgar (Ed.). **A cavalaria medieval: ensaios sobre a significação histórica e influência civilizadora do ideal cavaleiresco**. Porto: Livraria Civilização, s. d.

ROSANVALLON, Pierre. **Por una historia conceptual de lo político**. México: Fondo de Cultura Económica. 2003.

SAUL, Nigel. **The Oxford illustrated history of medieval England**. Oxford: Oxford University Press, 1997.

SCHMITT, Jean-Claude. “Imagem”. In: LE GOFF, Jacques. SCHMITT, Jean-Claude (coord.) **Dicionário temático do Ocidente medieval**, V. I. São Paulo/Bauru: Imprensa Oficial/EDUSC, 2006, p. 591-605.

STEIN, Débora Rosa e COSTA, Ricardo da. **Tapeçaria de Bayeux (c. 1070-1080)**. Disponível em <http://www.ricardocosta.com/tapeçaria-de-bayeux-c-1070-1080>. Acesso em 12/03/2014.

THORPE, Lewis. **The Bayeux Tapestry and the Norman invasion**. London: The Folio Society, 1973.

TULIANI, Maurizio. **La idea de Reconquista en un manuscrito de la Crónica General de Alfonso X el Sabio**. Ediciones: Universidad de Salamanca, Stud, hist., Ha mediev., 12, 1994, pp. 3-23. Disponível em: http://gredos.usal.es/jspui/bitstream/10366/69793/1/La_idea_de_Reconquista_en_un_manuscrito.pdf. Acesso em: 19/11/2014.

VERBRUGGEN, J. F. **The art of warfare in Western Europe during the middle ages: From the Eighth Century to 1340**. Suffolk, Inglaterra: The Boydell Press, 1997.

WILSON, D. M. (Ed.). **The Bayeux Tapestry**. London: Thames & Hudson, 2004.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz: a “literatura” medieval**. Tradução de Amálio Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira – São Paulo: Companhia das Letras, 1993.